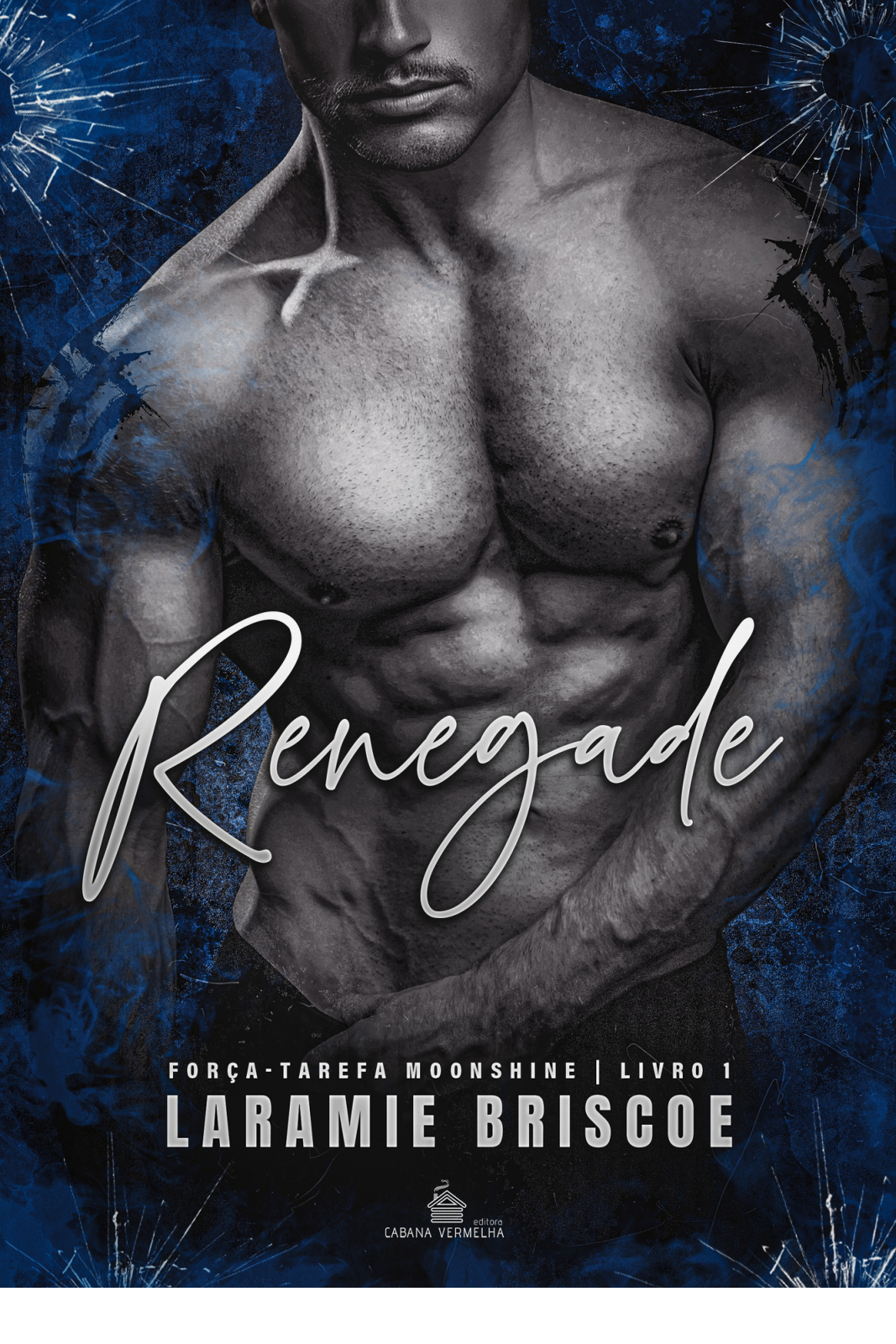




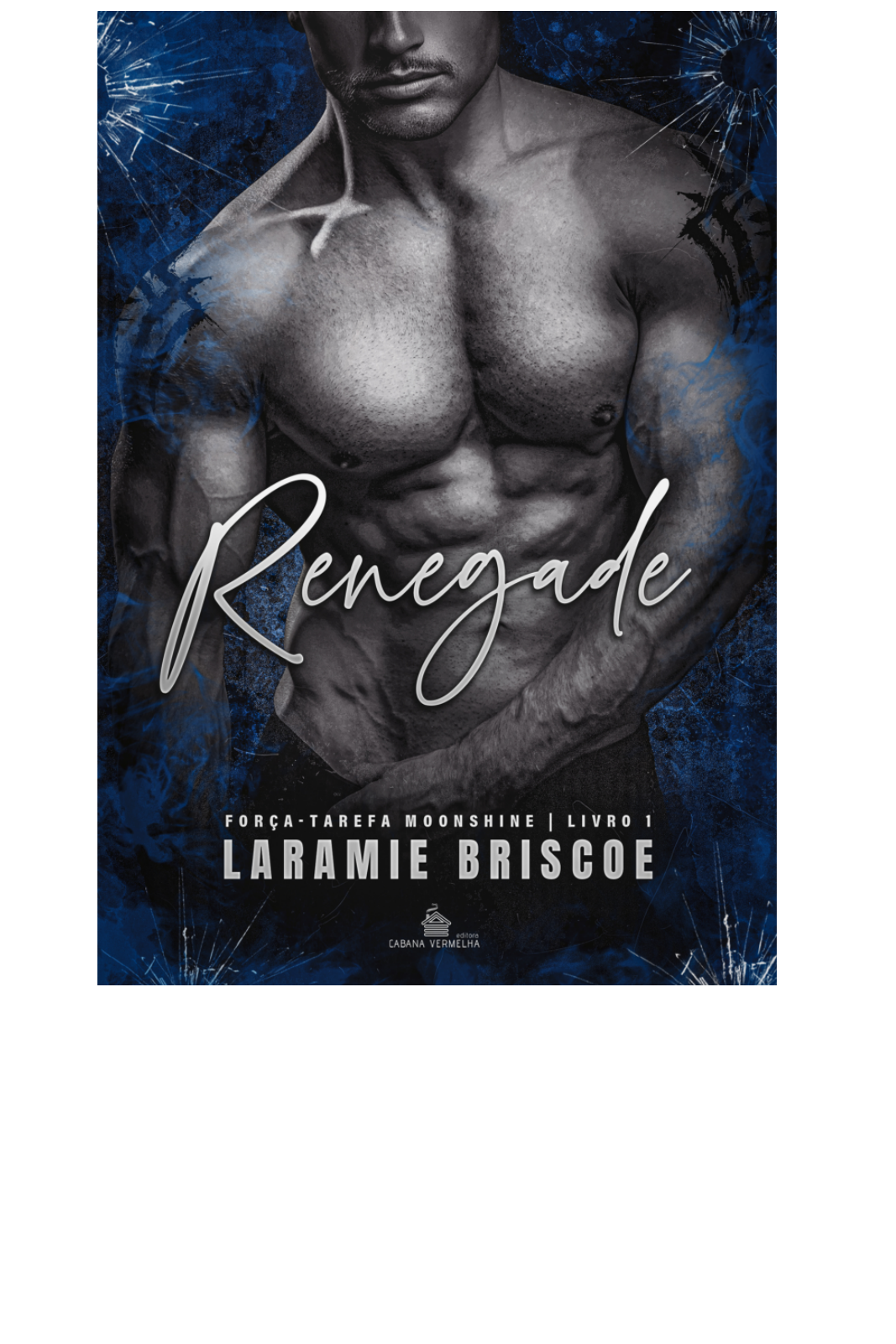
Renegade

FORÇA-TAREFA MOONSHINE | LIVRO 1
LARAMIE BRISCOE


CABANA VERMELHA editora

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Renegade

FORÇA-TAREFA MOONSHINE | LIVRO 1

LARAMIE BRISCOE


editora
CABANA VERMELHA



Renegade

FORÇA-TAREFA MOONSHINE | LIVRO 1

LARAMIE BRISCOE



Título Original: RENEGADE

Renegade Copyright © 2017 Laramie Briscoe

Renegade Copyright © 2024 Cabana Vermelha

Diretora Editorial: Elaine Cardoso

Assistente Editorial: Tiago Toy

Tradução: Marcela Resende

Preparação: Caroline Cardelino

Revisão: Tiago Toy

Capa: Ellen Ferreira

Diagramação: I A N D R A D E

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Violação de direitos autorais é crime estabelecido pela lei 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Sinopse

Quando você se apaixona pela pessoa mais inesperada, no momento mais improvável.....

Ryan "Renegade" Kepler

Sou o tipo de homem que sabe o que quer. Escolho e permaneço no caminho, nunca me desviando do rumo que estabeleci para mim mesmo.

Ir para o exército? Consegui. O membro mais jovem da Força-Tarefa Moonshine? Conte comigo. Levar a irmã mais velha do meu melhor amigo para a cama? Foi um prazer.

A idade não significa nada para mim. Já vi e fiz coisas que homens com o dobro da minha idade jamais farão. O que eu mais quero é alguém com quem compartilhar minha vida e essa pessoa é a irmã mais velha do meu melhor amigo, Whitney.

Whitney Trumbolt

Ryan é dez anos mais novo que eu, mas, caramba, sair com um cara bem mais jovem nunca foi tão bom quanto na noite em que passamos juntos. Agora estou lutando para que as coisas voltem a ser como eram ou para passar todas as noites em seus braços.

Tornar minha empresa de planejamento de casamentos a melhor do sul? Consegui. Ignorar a forma como meu corpo treme quando vejo Ryan? Fracassei epicamente. Surtar quando vejo um teste de gravidez positivo olhando para mim? Com o rímel escorrendo pelo rosto e completamente em choque.

Parece que as coisas não voltarão a ser como eram antes. Há um homem em minha vida que não aceita um "não" como resposta. É ele que faz meu sangue esquentar, as bochechas ficarem vermelhas e o coração bater loucamente em meu peito. Seu nome é Renegade.

Sumário

Título

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Epílogo

Capítulo 01

Whitney

Final de março

— Estou te falando, Ryan, preciso que o meu cabelo seja puxado, uma marca vermelha de mão na minha bunda, alguém lambendo meus mamilos e um pau na minha caverna do tesouro.

Bêbada. Estou bêbada. Tipo, muito além do limite legal – caso contrário, não estaria sentada aqui contando todos os meus segredos para o melhor amigo do meu irmãozinho. O irmãozinho que não foi planejado pelos meus pais. Dez anos mais novo que eu. Ele e Ryan têm a mesma idade: vinte e cinco anos para os meus trinta e cinco. Me faz sentir muito mais velha só de pensar. Não só pela idade, mas pela experiência de vida também, apesar de que não duvidaria se tivessem me superado nesse quesito. São policiais e já serviram no exterior para as forças armadas. Deus do céu, estou parecendo a Julia Sugarbaker da série *Designing Women*^[1]. Estou embriagada e ninguém sequer tentou me impedir.

Vejo-o conter um sorriso ao levar sua cerveja até os lábios, a boca larga sorvendo um bom gole. Fico fascinada pela forma como os músculos de sua garganta se mexem quando engole, empurrando o líquido goela abaixo. Não há como negar que é um homem feito agora. Não há nenhum traço da timidez adolescente que sempre teve comigo. A palma de sua mão esconde por completo o rótulo e um único gole suga metade da garrafa. Por um segundo, ele foca no meu rosto, semicerrando os olhos enquanto me observa.

— Quantas dessas já tomou? — Ele aponta o gargalo da cerveja para a taça de vinho em minha mão.

Sua voz é tão suave quanto o líquido vermelho que balança em minha taça. Inclino a cabeça para o lado, notando como todo o ambiente parece se mover junto. Tento fazer uma contagem para me lembrar de quantas tomei antes de ele se sentar ao meu lado; no entanto, não consigo.

— Cinco ou seis? — pergunto, como se ele devesse saber. — O que você tem a ver com isso, Re-ne-ga-de? — Pronuncio seu nome sílaba por sílaba. As palavras soam um pouco arrastadas até mesmo para mim. — Renegade. — Sorrio. — Alguém já disse para vocês que seus apelidos são fofos? É tipo brincar de polícia e ladrão... Você com seu Renegade, Trevor com Tank. — Agora estou gargalhando pra

valer. — *Pou pou!* — Finjo atirar nele com meus dedos na forma de arma, pensando em como meu irmão ficaria puto da vida se estivesse aqui. Não o Ryan; ele é paciente. Deus o abençoe.

— Não acha que talvez seja hora de meter o pé? — Com delicadeza, ele tenta afastar o restante da bebida de mim.

Seus dedos são gentis enquanto tentam arrancar os meus da haste, contudo, resisto e puxo a taça para mais perto do peito. O líquido se agita e eu respiro fundo, torcendo para não perder nem uma gota. Sou como uma criança de dois anos com seu cobertorzinho. Essa taça de vinho é minha segurança e, neste momento, irei protegê-la com a minha vida. Sem essa segurança, não resta nada. Não posso ser transparente esta noite. Preciso de algo que me blinde da realidade. Sou uma mulher à caça, e uma mulher à caça confia em suas habilidades.

— Meter o pé? — pergunto ao passar a língua pelos lábios secos, tentando umedecê-los para que consiga formar as palavras com mais facilidade. — Não meto o pé nunca. Isso é o que meu ex-marido fez. Minha mãe. Meu antigo chefe. — Balanço a cabeça e tento me equilibrar no salto de dez centímetros. Ele estende a mão e segura meu cotovelo, me firmando, sendo o apoio que não tenho há muito tempo. — Whitney Trumbolt não desiste de merda nenhuma. — Tento fazer com que minha voz saia a mais intensa e limpa possível, mas temo que não tenha passado de uma bagunça ininteligível.

Vejo Ryan tentar evitar um sorriso mais uma vez. Os cantos de seus lábios se contraem e isso me tira do sério. Não porque estou brava, e sim por ele ver graça no que eu disse. Ele acha que é uma piada, mas não é. É a minha vida. A vida que eu tenho tentado com tanto afínco deixar para trás ou libertar das amarras. Ainda não tenho certeza sobre qual opção seguir. Tudo o que sei é que não tenho vivido de verdade e estou farta de ficar presa nesse limbo.

— Acha isso engraçado? — Tomo outro gole do vinho na minha taça. Um maior desta vez, para esvaziá-la. Não sobra uma única gota quando volto a colocá-la no balcão do bar, unindo os lábios para emitir um estalo de satisfação.

— Não, Whit, acho que está tendo uma noite difícil. — Sua voz é a mesma que alguém usaria com uma criança do jardim de infância para que parasse de fazer birra. Isso me deixa puta também.

Noite difícil? Está mais para uma década difícil. Se pudesse fazer qualquer coisa, voltaria à noite que fiz vinte e cinco anos e teria a idade de Ryan de novo. Faria tantas coisas de um jeito diferente, mudaria tantas escolhas que fiz naquela época.

— Você não sabe nada sobre mim a não ser o fato de que sou a irmã mais velha do Tank.

Ele me pega pelo pulso. Sinto seus dedos tocarem minha pele e meus ossos com delicadeza. É mais um carinho do que uma reprimenda. Até este momento, nunca tinha percebido como é muito mais alto do que eu. Jamais prestei atenção nisso – ah, com certeza prestei atenção nele de vez em quando durante os anos, só que nunca desse jeito.

Ryan “Renegade” Kepler para diante de mim, sua figura alta projetando sombras sobre meu corpo enquanto tento ao máximo manter o equilíbrio e ignorar a forma como chega a formigar onde segura meu pulso. Ele se inclina para perto – tão perto que posso sentir sua respiração na minha pele.

— Sei muitas coisas sobre você que acha que não sei.

Sua voz é grave e suave ao mesmo tempo. Fecho os olhos para saboreá-la, para tentar descobrir como consegue criar essa antítese. Talvez seja coisa da minha mente embriagada, mas, de repente, ele se torna mágico para mim. O timbre grave toma conta do meu corpo ao mesmo tempo em que tento entender suas palavras, sem sucesso. Esse é o mais próximo que estive de um homem em um longo tempo. Meu corpo está em alerta, assim como minha libido. Aperto as coxas uma contra a outra enquanto planto meus pés ainda mais firme no chão, não porque não queira que ele me mova, e sim por causa do desejo. Um desejo que nunca foi saciado, para ser honesta.

— Sei que ama o frango frito da sua mãe, o macarrão com queijo da sua avó, o time de futebol americano do Alabama e Dale Earnhardt Jr. Sei que tem um coração mole e comédias românticas te fazem chorar. Você resgata animais abandonados na estrada e sempre compra café para o morador de rua próximo ao Starbucks pela manhã. — Ele transmite uma sensação de segurança, fazendo com que eu acredite que existe alguém por aí que de fato escuta quando falo, que olha para mim e consegue ver o cérebro por trás do cabelo loiro.

Estou presa em sua voz, nas coisas que sabe sobre mim. Coisas que eu nunca percebi que ele prestava atenção. Sinto meu corpo balançar, isso porque sua voz está fazendo coisas estranhas com o meu equilíbrio. Sua outra mão segura minha cintura e posso sentir seu calor através do material da minha saia. Ali, de pé, minhas coxas queimam ao serem pressionadas nas dele.

— Sei que seu ex-marido era um merda. Sei que seu antigo chefe não soube o que diabos fazer com o gênio criativo que você é e sei que sua mãe nunca irá perdoá-la por desistir dos concursos de

beleza, ao mesmo tempo em que nunca irá se perdoar por forçá-la àquilo. — Ele para e se afasta, permitindo que eu encare seu rosto.

Nossos olhos se encontram – os seus castanhos contra os meus azuis – e percebo que estou respirando com dificuldade, como se tivesse corrido uma maratona. A perda do seu corpo forte contra o meu me faz querer chorar. Quero agarrar sua roupa, puxá-lo de volta e deixar que aqueça partes de mim que estiveram frias por muito tempo.

— Quer saber o que mais eu sei? — A pergunta é feita de uma forma que demonstra que ele não tem certeza se quer uma resposta. A maneira como seu rosto se fecha e seu corpo se retrai me faz pensar que este é um segredo que nunca compartilhou com ninguém. Contudo, esta noite, quero que compartilhe comigo. Quero ser a pessoa para quem irá se abrir. Ele sabe tanto sobre mim; também quero saber tudo sobre ele. Sinto um fio de confiança esticado entre nós, me puxando para mais perto.

Estou cativada pela forma que a luz fraca do bar faz com que seus olhos castanhos fiquem mais escuros. Fascinada pelo fato de que parece ter se passado alguns dias desde que se barbeou e ainda mais fascinada pelo corte em sua bochecha. Ele e Tank saíram em um chamado ontem à noite e não consigo parar de pensar se o corte é resultado de uma noite perigosa fazendo um trabalho perigoso.

Balanço a cabeça para então assentir, porque, por mais que esteja confusa em minha embriaguez, quero descobrir o que mais ele sabe. Dou um passo à frente, ponho meus braços ao redor do seu pescoço e inclino-me para cima, de modo que agora sou eu quem está em seu ouvido. A verdade é que preciso estar perto dele, quero o calor que tirou de mim de volta. Sem ele fico fria, e estou cansada de me sentir assim.

— Me fale o que mais você sabe.

Vejo-o olhar ao redor do bar, garantindo que ninguém esteja prestando atenção em nós. Ele dobra os joelhos e agarra minhas nádegas com as palmas das mãos, colando nossos corpos. Sua voz é sombria quando quase rosna:

— Sei que sou aquele que pode colocar o pau na sua caverna do tesouro, que pode puxar o seu cabelo, morder esses mamilos e bater nesse traseiro. — Ele aperta minha bunda como se fosse dono dela. — A questão é: você vai deixar?

Essa não é uma pergunta para a qual eu possa dizer *não*. A forma como o ar parece tremer entre nós, o álcool que bebi e minha súbita fascinação pelo seu calor... Não há nenhuma chance de eu dizer não, muito menos qualquer desejo de negar o que sinto. Neguei a mim

várias coisas nesta vida e isso, bem aqui, não é algo que queira ignorar. Isso é Deus me dando o que quero em uma bandeja de prata, uma oferenda por todas as merdas que passei nos últimos anos. Esse é o meu momento de Cinderela e o prêmio de campeã da Conferência Sudeste, tudo embrulhado junto com um grande laço em cima. Um laço de um metro e oitenta e dois centímetros e noventa quilos. Senhor, se eu disser não, nunca mais me ofereça nada, porque serei uma freira pelo resto da vida.

— Você será o quê? — pergunta ele, um brilho de surpresa e diversão nos olhos.

Eu disse aquilo em voz alta? Deixe pra lá, posso resolver isso.

— Sim — respondo com um suspiro, acrescentando: — Por favor.

— Ah, amor, não precisa implorar. Farei tudo o que precisar que eu faça — diz Ryan ao agarrar minha mão e tropeço para acompanhá-lo enquanto ele nos leva para fora do bar. Passamos por pessoas que conhecemos a vida toda, clientes que ajudei a subir no altar e, tenho quase certeza, pelo diácono da igreja. Ninguém nos impede quando chegamos à porta da frente. Engulo em seco diante do ar fresco, certa de que alguma parcela de juízo surgiria em minha mente.

Adivinha só? Ela não surgiu. Estou dentro do que quer que esta noite de lua cheia nos traga. A Whitney Certinha não vai impedir esta aventura mais louca que uma volta na pista de Talladega. Não, a Whitney Selvagem assumiu o seu lugar. Engraçado como as duas têm oito letras e ainda assim não poderiam ser mais diferentes.

Em questão de minutos, estamos em sua caminhonete e a caminho da minha casa. Comando meu cérebro a não desmaiar, porque, pela primeira vez em anos, quero estar presente de corpo e alma nessa experiência que está prestes a acontecer. Quero me lembrar de cada detalhe. Se será apenas por esta noite, não quero perder nada.

Capítulo 02

Renegade

Curiosidade: o objeto de todas as minhas fantasias adolescentes está sentado na minha caminhonete neste exato instante, bem ao meu lado. Whitney Trumbolt – graças a Deus ela voltou a usar seu nome de solteira – era a estrela de todos os sonhos eróticos que eu tinha quando era jovem e cheio de tesão. Naquela época, era magro e muito menos confiante, e se tivesse conseguido estar dentro dela, é provável que durasse um total de três segundos.

Agora, atendo pelo apelido de Renegade e sou membro de uma força-tarefa especializada, que concilio com o meu trabalho regular como policial em Laurel Springs, no Alabama. Às vezes o trabalho fica perigoso e me permite usar o treinamento militar. Posso usar as mãos, o cérebro e, o melhor de tudo, posso prender idiotas que amam quebrar a lei. Em suma, sempre saio ganhando. Não somos uma cidade grande o bastante para nos preocuparmos com crimes pesados, mas por Deus, aquele negócio ilícito de destilados não para de crescer. Apesar de não ser mais ilegal produzi-los, com certeza é ilegal não pagar os impostos e não mantê-los abaixo do nível máximo de álcool permitido.

— Ainda mora por aqui na Magnolia? — pergunto. Não quero passar a impressão de que a tenho monitorado; entretanto, a verdade é que é bem isso que tenho feito. O fato de Tank ser meu melhor amigo me permite ficar de olho sem parecer a porra de um *stalker*. Só gosto de saber como anda a vida dela.

— Sim. — Ela dá uma risadinha. — Foi a única coisa que aquele filho da puta não levou no divórcio.

Ergo as sobrancelhas em surpresa quando escuto suas palavras. Uau, a boca dela está tão suja. Em geral, Whitney é a personificação de uma verdadeira boneca perfeita. Ela usa pérolas, o cabelo loiro é ondulado na medida certa e ninguém nunca a verá usando uma saia acima do joelho, muito menos ouvirá palavras desse tipo saindo de sua boca. Talvez devesse deixá-la bêbada com mais frequência. Até agora tem sido uma revelação e tanto.

— Chegaremos lá em alguns minutos. — Ao olhar para ela, percebo que está escorada na janela. — Não me venha desmaiar agora.

Ela não diz nada e me pergunto se reconsiderou minha oferta.

Desde que entramos na caminhonete, ela sequer se virou para mim, não tentou me tocar e, se não a conhecesse tão bem, diria que a noite acabou para ela. Parte de mim está só esperando para ouvir o rressonar suave vindo do seu lado do veículo. Acionando a seta, viro na entrada de sua casa e deixo a caminhonete parada por uns segundos antes de desligá-la.

— Se mudou de ideia quanto a isso... — começo. Sou um cavalheiro e, de verdade, não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós, afinal, até mesmo passo todos os feriados com os Trumbolts. Talvez o tempo e um pouco de sobriedade a fizeram repensar.

Meu Deus, espero que não. Ao entrar no bar esta noite, mal acreditei no que vi. Tank tinha um encontro e eu não quis arranjar uma companhia, então decidi ir tomar uma cerveja. Imagine minha surpresa quando entrei e vi Whitney dando mole para quase todos os homens de lá. Lancei um olhar mortal para todos eles e então me sentei ao seu lado. Quando percebi quão bêbada estava, tomei como minha missão descobrir que merda havia acontecido.

Eu me preparo contra a percepção de que tudo isso pode acabar se tornando um belo tiro que vai sair pela culatra. Permitindo-me olhar para ela, fico surpreso quando seus olhos encontram os meus e ela me oferece um sorriso atrevido, levantando o quadril do assento de couro. Meu pau, que foi um bom garoto durante toda a conversa sobre caverna do tesouro e brincadeiras com mamilo, se manifesta ao pressionar contra o jeans. Apalpo o membro duro sob a cintura da calça, torcendo para encontrar uma posição mais confortável. Quando você se vê diante da realização do seu sonho de adolescência, você cria coragem e faz o que for preciso.

— Mudar de ideia? — Observo ela puxar a camisa para baixo, exibindo um pouco de pele. — Sem chance, Renegade. Esta noite vou fazer coisas que nunca fiz. — Ela levanta as mãos do mesmo jeito que fez no bar, imitando uma arma e fazendo “*pou pou*” para mim de novo, rindo tanto que deixa um ronco deselegante escapar.

Com isso, começa a dar gritinhos e pula para fora da caminhonete, correndo para dentro de casa.

Levo cinco segundos para segui-la. Quando ela bate a porta na minha cara com diversão, me questiono se irá trancá-la, mas testo a maçaneta e consigo girá-la sem nenhuma resistência. Assim que entro na escuridão da casa, fico em alerta máximo. É isso que faço da vida: perseguir pessoas. Minha audição é extraordinária, minha visão noturna é fantástica e posso sentir onde alguém está, em geral de uma curta distância. Essa mulher não é páreo para mim. Inclinando a

cabeça para o lado, ouço sua respiração – não tão pesado quanto vai respirar mais tarde, se me permitir ir adiante, mas alto o suficiente para que eu possa escutar.

Viro meu corpo para encará-la, deixo minha visão se ajustar e então a vejo parada no hall de entrada, o corpo pressionado com força contra a parede. É quase como se estivesse tentando passar despercebida. No entanto, Whitney nunca foi capaz de fazer isso. Sempre teve um brilho especial e a capacidade de se manter firme e linda diante de qualquer dificuldade. O porquê de achar que irá conseguir se esconder no escuro está além da minha compreensão. Aproximando-me dela, coloco minhas mãos ao lado de seus ombros e me inclino para frente, tão perto que nossos lábios quase se tocam. Inclinando a cabeça para o lado, quase roubo o beijo que quero. Estamos tão próximos que compartilhamos a respiração, mas não o faço. Quero que a decisão seja dela e somente dela.

— Última chance de voltar atrás. Caso contrário, se prepare para ter tudo o que me falou no bar. — Dou a ela cinco segundos, porque é tudo o que consigo esperar. É toda a paciência que tenho. Meu eu adolescente está vendo todos os seus sonhos eróticos se tornarem realidade, enquanto o meu eu adulto está pronto para mostrar a essa mulher o que tenho no meu repertório. — O que vai ser, Whit?

Whitney

Suas palavras me provocam, seu corpo me seduz. Há tantas vozes me dizendo que não deveria querer isso, que não acabará nada bem, só que foda-se essas vozes. Foram elas que me disseram que meu casamento iria durar para sempre e que eu já seria mãe a essa altura. Que era minha responsabilidade ser uma boa esposa. E eu fui. Ainda assim, o filho da mãe me arruinou – destruiu meu coração – e estou fazendo de tudo para resgatar um pedacinho da antiga Whitney. Essa é a melhor ideia que já tive na vida? Talvez não, mas caramba, eu quero isso, preciso disso.

A Whitney Sóbria estaria falando para Ryan ir embora, que ele é jovem demais e que estou muito machucada; porém, a Whitney Submissa não está no controle agora. Esta Whitney quer tudo o que não teve, quer vivenciar todas as coisas das quais ouviu falar. Entregar-me a esta noite é exatamente o que quero. É só uma noite... certo? Depois disso, posso voltar a ser a mulher que realiza os sonhos dos outros. Por uma noite, posso me sentir uma verdadeira mulher,

desejada, e não jogada fora e esquecida.

— Não quero voltar atrás. Quero saber que gosto você tem, a sensação do seu corpo contra o meu, como seus dedos me agarram quando está me fodendo. Esta noite, quero tudo. — Estou sem fôlego.

Para ser sincera, não reconheço minha própria voz ou as decisões que estou tomando. São decisões desesperadas de uma mulher que aguentou mais do que deveria – que escutou várias vezes que não valia a pena. Quero valer a pena. Quero me sentir valiosa, mesmo que seja apenas uma vez.

— Relaxa — sussurra ele no momento que suas mãos saem da parede e se enterram no meu cabelo, e agradeço por tê-lo usado solto esta noite.

As pontas dos seus dedos massageiam meu couro cabeludo em um movimento que me acalma antes que ele dê um puxão de leve, inclinando minha cabeça para que meu pescoço fique exposto para seus lábios. Sua boca está faminta, a língua molhada enquanto lambe minha pele. Posso sentir a aspereza da barba por fazer, os dentes afiados quando distribui pequenas mordidas, apenas para o calor de sua língua suavizar a ardência logo em seguida.

Coloco os braços ao redor do seu pescoço e enfio meus dedos em seu cabelo curto, agarrando-os para que possa segurá-lo ainda mais perto. Quero que se embriague com meu cheiro, que me coma e não peça desculpas por isso. Se tem alguma coisa que possa me dar, é a urgência selvagem da paixão. Nunca senti isso. Nunca tive uma dessas cenas de amor de filme em que duas pessoas não conseguem se largar. É isso que quero esta noite, mais do que já quis qualquer coisa na vida.

Suas mãos descem até meus ombros, agarrando meu colarinho. A camisa xadrez que estou usando só fica fechada graças aos botões de pressão, que cedem sem muita resistência quando ele puxa as costuras com força, arrancando o tecido inútil do meu corpo enquanto me devora. Posso sentir seu olhar sobre mim; entretanto, isso não me deixa satisfeita. Quero ver a voracidade, o jeito como me olha. Curiosa, abro os olhos para ver a expressão em seu rosto e segurá-lo com firmeza. Suas feições dizem tudo: este é um homem que gosta do que está vendo. Seu olhar é quente e faminto, a tal ponto que fico constrangida e preciso fazer um esforço para não me cobrir. Nunca me senti tão exposta. Ao mesmo tempo em que é assustador, é também excitante, em especial quando olho para baixo e vejo a ereção em seu jeans.

— Não sou jovem como está acostumado. — Crio uma

desculpa, desviando o olhar. Até agora, ele não deu nenhuma indicação de que não está excitado por mim. Todavia, alguns homens conseguem ficar duros com qualquer pessoa. — Mas malho quatro vezes na semana. — Porque preciso, senão minha ansiedade foge do controle e não consigo viver comigo mesma.

Suas mãos seguram meu quadril, subindo pela cintura e apertando com força antes de movê-las para cima, em direção ao material que sustenta o peso dos meus seios. Suas mãos não param e ele usa os dedos para empurrar a pele por cima da regata rendada antes de se inclinar, lambendo os bicos duros com a ponta da língua. Espalmo minhas mãos contra a parede, buscando alguma fonte de sustentação. Se isso fosse um filme, seria *Top Gun: Ases Indomáveis*. Sabe aquela cena onde tudo o que você vê é uma língua sob o luar como uma sombra? Sempre amei aquele filme e vislumbrei ter a mesma cena de sexo.

— Você é maravilhosa.

A forma como diz isso me faz querer acreditar. Sua voz é grave, as palavras roucas e ásperas quando as coloca para fora. Tudo o que desejo é me deleitar nelas. Se fosse corajosa, colocaria meus peitos para fora e abriria um pouco minhas pernas para recebê-lo entre elas. No entanto, sinto que convidá-lo para cá consumiu toda minha coragem.

— Aposto que diz isso para todas. — Dou-lhe um sorriso tímido, sem querer um elogio. Não estou acostumada a recebê-los e não tenho ideia de como reagir a eles. Algo me diz que Ryan Kepler é um amante generoso e de uma lábia sem igual.

— Não. — Ele balança a cabeça, o rosto sério. — Em geral, só falo para se virarem, levantarem a bunda e se prepararem para serem fodidas. Você... — Ele para, passando a língua pelo lábio inferior e invadindo meu espaço. — Para você, abrirei uma exceção.

De repente, estou apavorada. No entanto, esse medo é algo do qual nunca fugirei.

Capítulo 03

Renegade

Não posso acreditar que esta mulher não sabe quão bonita, maravilhosa e gostosa ela é. Consigo ver em seus olhos que duvida disso. Por ser próximo da família, sei o grande filho da puta que o ex-marido dela sempre foi, contudo, não sabia que havia sido *tão* ruim. Tento lembrar as vezes que os vi juntos, mas nada nunca chamou minha atenção. Whitney só foi ficando cada vez mais quieta com o passar dos anos, e sempre imaginei que fosse apenas uma mudança de personalidade. Agora me pergunto se foi por causa do casamento. Acho que nem mesmo eles sabem que foi tão ruim. Minha missão esta noite é clara: mostrar a essa mulher quão maravilhosa ela é e o quanto quero estar enterrado em seu corpo.

— Qual é o caminho para o quarto? — A maioria das vezes que nos vimos foi na casa de sua família, não nesta onde mora sozinha. Quando casada, ela e Stephen nunca convidaram ninguém para vir aqui. Sempre pensei que fosse porque eram pessoas reservadas. Agora, começo a desconfiar se não havia alguma coisa a mais rolando. A forma como reage a mim só corrobora minhas suspeitas, por isso faço questão de tocá-la com delicadeza.

Tímida, ela enterra o rosto no meu pescoço, respirando fundo antes de apontar para o corredor.

— À direita — diz, a voz abafada pela minha pele.

Viro à direita e entro no quarto. Basta uma olhada ao redor e meu queixo cai. O cômodo é a coisa mais feminina que já vi na vida e cada pequeno detalhe é a cara de Whitney. Estou surpreso que os lençóis não tenham suas iniciais bordadas. De onde estou, posso ver que são azul Tiffany. Há algum tempo, eu não sabia o que era aquela cor – chamava de azul-esverdeado – e isso era o fim do mundo para ela. Quando adolescente, não sabia o quão importante seria fazer essa distinção, mas ela garantiu que eu soubesse a diferença. Levava essas merdas a sério.

Deixo seu corpo deslizar pelo meu até que esteja se equilibrando mais uma vez nos saltos altos.

— Tire os sapatos, Whit. Não vai precisar deles pelo resto da noite.

Ela obedece e se vira para chutá-los na direção do closet, e é então que percebo quão evidente é nossa diferença de altura. Sem os

sapatos, ela mal alcança minha clavícula. Não que eu não tenha percebido antes, mas a proximidade e a consciência de que logo irei cobrir seu corpo com o meu e tomar o que nós dois queremos me faz ficar com medo de machucá-la. Luto contra a vontade de puxá-la para mim, deitar sua cabeça em meu peito e dizer que tudo ficará bem. Não é disso que ela precisa esta noite, muito menos o que quer e, com toda certeza, não é o que me pediu para fazer. Seu corpo quer usar o meu e estou disposto a fazer o que for preciso para que isso aconteça.

— O que quer que eu faça com você? Qual é a sua fantasia? — pergunto em voz baixa ao parar atrás dela, abraçando sua cintura. Sem dar tempo para que pense demais, levo minhas mãos aos seus seios, apalpando-os e brincando com os mamilos enquanto espero por uma resposta. Quando não recebo nenhuma, ergo seu queixo até que sua cabeça esteja contra meu ombro e me permita vê-la sob a fraca luz da lua que entra pelas cortinas, então faço uma nova promessa: — Vou dar a você o que quiser.

Sua voz sai entrecortada ao responder. Rouca, profunda e, ao mesmo tempo, firme, então sei que não restam dúvidas:

— Quero tudo o que costuma fazer em uma transa casual. Tudo o que falei no bar. Use-me da mesma forma que quero te usar. — Giro seu corpo para que fique de frente para mim, para garantir que esteja falando a verdade. Ela nunca foi capaz de esconder seus sentimentos.

O tom rosado em suas bochechas me diz que essas palavras foram difíceis de colocar para fora e, ainda que tenha consciência de que ficarei na merda por usá-la, darei a ela a melhor noite de sua vida... ou ao menos tentarei. Abaixando o rosto em direção ao seu, dou um beijo delicado em sua boca.

— Pílula anticoncepcional? — pergunto.

Seu queixo treme, o lábio inferior se projetando um pouco mais para frente em uma espécie de bico. Suas palavras são baixas e carregadas de tristeza:

— Está seguro. Não posso engravidar.

A declaração me atinge como um tiro, só que me recupero rápido. Não tenho certeza nem mesmo de que Tank sabe e a levarei para o túmulo comigo se for preciso.

— Isso não importa para mim — respondo com um sorriso sensual, esperando recuperar o clima de antes.

Observo seus olhos, memorizando a forma como estão neste momento. Na luz fraca do quarto, é impossível ver sua cor, mas consigo enxergar as pupilas dilatadas e injetadas com o desejo. Quero

manter esse olhar lá e talvez adicionar excitação e avidez a ele também.

— Está pronta, Whit? — pergunto.

— Para o quê? — Sua voz é um sussurro no quarto silencioso.

Chegando ainda mais perto, coloco meus lábios em seu ouvido e dou uma mordidinha no lóbulo.

— Tudo.

Whitney

Meu corpo estremece quando sua respiração atinge minha orelha. Posso sentir o calor por toda parte, desejando-o como nunca desejei alguém. Parte de mim quer que ele assuma o controle total, porém a outra parte quer ser ativa e dar-lhe tudo o que não fui capaz de dar a outro homem. Coloco meus braços em volta do seu pescoço e o puxo para baixo para que fiquemos cara a cara. Inclino-me o suficiente para que nossos lábios fiquem separados por milímetros. Estamos respirando o mesmo ar e estou louca para que nossas peles se toquem; contudo, me afasto no último segundo.

Os lábios de Ryan caçam os meus, fazendo meu coração martelar, minha pulsação disparar e a umidade entre minhas coxas aumentar. Quando eles enfim capturam os meus, deixo que me devorem e que ele assuma o controle. Sua língua é de um aveludado macio ao deslizar pela minha, me possuindo como nunca fui possuída. No momento em que se afasta, persigo seus lábios de volta. Preciso ficar perto dele. Então, quando suas mãos apalpam minha bunda, deixo que meu peso descanse nelas para que possa entrelaçar minhas pernas ao redor de sua cintura, colando nossos corpos.

Há uma urgência em nossos movimentos, na forma como nos beijamos e nossas mãos parecem travar uma luta. Desço um braço para o cós de sua calça jeans, erguendo sua camisa pelo abdômen que, apenas com um toque, sinto ser firme. Assim que puxo a peça até seu pescoço, ele afasta a boca da minha, me permitindo passá-la por sua cabeça.

— Uau! — Encaro seu peitoral e abdômen como se nunca tivesse visto o corpo de um homem. Na verdade, nunca vi um que se parecesse com o dele. É definido de formas que apenas sonhei, os músculos tonificados e a pele exibindo duas tatuagens, uma do lado esquerdo do peito e outra que envolve o bíceps direito e desce até o

cotovelo. Não consigo distinguir o que são e, neste momento, não me importo muito. Tatuagens nunca foram problema para mim. Ainda assim, adoraria colorir ambas com a ponta da língua agora. Percebo que falei isso em voz alta quando ele ri contra minha pele, pequenas rajadas de ar quente atingindo meu rosto.

— O que quiser, Whit — ele diz no instante que me coloca de volta no chão. Meus dedos dos pés se curvam no carpete macio, quase como se soubessem o que estou prestes a fazer e se preparassem para se curvar por um motivo diferente.

Quero tudo e mais um pouco. Todas as coisas para as quais não temos tempo e não estou emocionalmente preparada para lidar. Temos uma noite e quero fazer valer a pena. Do jeito que minha vida anda, talvez nunca mais tenha essa chance de novo. Removo seu cinto com rapidez e desabotoo sua calça, deslizando-a até que caia aos nossos pés. Nossos olhos se encontram e fico sem ar ao ver a paixão incandescente no mar castanho. O que quer que esteja rolando entre nós, ele está levando a sério.

— Quero que me mostre o que estou perdendo.

Ele rosna – um som bruto que faz os pelos dos meus antebraços se eriçarem – quando se ajoelha na minha frente, me empurrando de leve para trás para que eu caia na cama. Apoiando meu peso nos cotovelos, eu o encaro por cima do meu corpo e me pergunto o que fará comigo ao abrir minhas pernas. A ideia vaga de que ele não irá apenas adorar meu corpo como a um templo, mas também me destruir, passa pela minha mente. Aceitarei qualquer coisa que quiser fazer comigo. Mãos fortes me puxam para baixo na cama, quase o suficiente para que consiga tocar o chão com o pé; contudo, ele para antes que eu consiga sentir a superfície fria de novo. Fico suspensa, pendurada, e até isso me excita. Ainda de joelhos, ele se coloca entre minhas pernas e deposita um beijo na minha barriga antes de erguer os olhos para mim.

— Levante os braços, tesouro. — Sua voz soa baixa, atraente e gostosa pra caralho conforme tira minha regata. Meu sutiã por si só é pecaminoso, de um rosa-choque ousado e recorte baixo. Um movimento brusco e é possível ver um mamilo. Sei disso porque testei antes. Minha calcinha? Tudo combinando. Tinha um plano definido esta noite. Se teria seguido com ele caso não tivesse encontrado Ryan... aí já não sei.

— Merda, por que os mantêm cobertos? — ele pergunta, espalhando a lateral dos meus seios, usando os dedos para intumescer meus mamilos. Eles logo ficam duros, implorando por sua

boca.

— Por favor, Ryan. — Mais uma vez, me apoio nos cotovelos para me aproximar dele. Minha timidez não precisa ficar evidente, e ele não precisa saber que levou uma dose de vodka e uma de Jim Beam para que eu colocasse estas roupas e saísse de casa. Tudo o que precisa saber é que quero sua boca em meus mamilos, seu membro dentro do meu corpo e estar gritando em êxtase o quanto antes.

Não tenho que repetir o pedido quando ele se inclina para frente e captura minha carne entre os dentes, mordiscando o mamilo antes de aliviá-lo com a língua. Enterro meus dedos em seus ombros assim que se aproxima de mim, afastando ainda mais minhas pernas. Arranho sua pele, tentando atraí-lo para mais perto e querendo seu peso sobre o meu, querendo senti-lo mais do que qualquer outra coisa.

Assim que o primeiro mamilo fica inchado e convidativo, ele volta sua atenção ao outro, me fazendo agarrar seu tronco e puxá-lo para cima de mim. Seguro seu corpo o mais próximo e apertado que consigo. Meu subconsciente teme que ele vá embora antes que qualquer um de nós tenha acabado.

— Agora, Ryan... não posso esperar mais. Agora, por favor — imploro.

Ele cobre meu corpo com o seu. Tomando minhas mãos, entrelaça nossos dedos e guia meus braços para cima, além da minha cabeça.

— Prepare-se — diz ele ao deslizar fundo para dentro de mim.

Perco o fôlego diante da sensação do seu membro abrindo caminho em meu centro, da sua rigidez em meu interior. É algo que sempre quis, mas que até este momento nunca soube de verdade. Sinto as lágrimas brotarem em meus olhos porque Ryan é mil vezes mais gentil que meu ex-marido, mesmo estando tão excitado. É algo que anseio, que preciso. Engancho minhas pernas ao redor do seu quadril, incitando-o, cravando meus calcanhares em sua bunda. Até mesmo as palavras em minha mente estão mais sujas hoje do que jamais foram. Enfim me permito ser uma mulher que sabe o que quer. Que se fodam as consequências.

— Mais rápido. — Suspiro contra o calor do seu pescoço, enterrando minha boca ali. — Há muito tempo que não gozo com nada além da minha mão, mesmo quando era casada. Leve-me até lá, Ryan. — Consigo sentir a onda de prazer crescendo dentro de mim, antecipando o orgasmo prestes a inundar meu ser.

— Vamos, Whit, sei que está chegando lá, amor. Posso sentir

você me apertando.

Ele tem razão: estou chegando lá. O ritmo de suas estocadas é tão frenético que sinto como se estivesse em um carro turbo importado a 100 km por hora. Estou em um caminho sem volta em direção ao ápice e o anseio tanto que já consigo sentir seus primeiros sinais.

— Só deixe vir, amor, deixe vir — diz ele ao me penetrar ainda mais fundo, soltando minhas mãos para erguer minha bunda do colchão. Nossos corpos se chocam quando ele se enterra fundo dentro de mim, usando o contato para estimular meu clitóris. É um movimento que ninguém jamais usou em mim, e bom Deus, se alguém o tivesse feito, eu já teria descoberto a sensação de um orgasmo maravilhoso.

Não é preciso mais nada. Toda a tensão se desfaz e me curvo em seu toque, fechando os olhos com força, deixando as sensações tomarem conta de mim.

— Ryan! — gemo, sentindo-o se derramar em meu interior enquanto pulso em volta dele.

Dessa forma, meu mundo se ilumina, muda e gira tão fora do eixo que não tenho certeza se algum dia voltará para o lugar. Ao tentar compreender o que acabei de fazer, só consigo esboçar um sorriso bobo. Pela primeira vez, fiz algo para meu próprio prazer – e que se danem as consequências. Pela primeira vez, estou feliz. Com uma risadinha, estico meus dedos na imitação de uma arma e sussurro um “*pou pou*” porque, se não fosse por Renegade, eu não estaria aqui.

Capítulo 04

Whitney

Quente. Estou tão quente. Queimando, na verdade. Não me lembro de ter estado assim em toda minha vida e sinto alguma coisa pressionando contra mim. Uma pressão leve, bem no centro do meu corpo. Com uma mão, busco o ponto exato em que a sensação se origina e acabo tocando em cabelos. Quando abro os olhos para espiar, encontro a cabeça de Ryan entre as minhas pernas.

— Ai, meu Deus — digo em um fio de voz quando o sinto lambe meu clitóris. Seus dedos se enterram nas minhas coxas, os ombros afastando-as em busca de espaço. — Não pare — imploro, agarrando seu cabelo, puxando sua boca para mais perto.

Rebolando em sua língua, me pergunto há quanto tempo ele está fazendo isso, porque já estou quase lá. Em geral, demora um pouco para que eu consiga me soltar e me permitir sentir. Meu ex-marido jamais fez sexo oral em mim, então esse é um prazer que não estava esperando. Também nunca fui acordada para transar, por isso vou aproveitar enquanto posso. Completei três itens da lista de “coisas nunca feitas” em menos de vinte e quatro horas. Estou tão orgulhosa.

Pressiono meu corpo contra seu rosto, tentando abrir ainda mais as pernas quando ele enfia dois dedos em mim e usa a língua para estimular meu clitóris. É o suficiente para me levar à loucura. Não consigo parar de me mexer, apertando as coxas para tentar chegar mais perto. Grito, agarrando seu cabelo. Ele permanece comigo o tempo todo, incansável, não importa o quanto eu me contorça. Ryan não me abandona, seus lábios nunca deixam minha pele.

Empurrando sua cabeça, eu o afasto.

— Por favor, está tão sensível. — Minhas palavras continuam arrastadas, mas acredito que a embriaguez agora seja de sexo, não de vinho.

Ele recua, e depois usa as mãos em minhas coxas para me virar de bruços.

Na escuridão, escuto suas palavras roucas de sono e excitação:

— Segure na cabeceira, Whitney.

Ah, só experimentei essa posição algumas vezes. Gosto desse lado do Ryan. Tento dizer isso a ele, mas todo o ar se esvai quando ele me penetra.

— Merda. — Deixo minha cabeça cair na cabeceira, a bochecha quente contra a madeira fria. O contraste é a única coisa que me mantém ancorada à realidade. O ritmo de suas estocadas me faz sentir leve, como se pudesse voar.

— O que disse mais cedo, Whit? — Ele ofega em meu ouvido ao colar nossos corpos, o peito suado deslizando nas minhas costas. — Que precisa de uma marca vermelha de mão na bunda?

Inclino minha cabeça para trás e respiro fundo, tentando formular um pensamento coerente e focar minha visão.

— Acho... ah, meu Deus. — Ele agarra meu quadril para empurrar ainda mais fundo. — Acho que foi isso que eu disse. — Arquejo, buscando qualquer coisa que possa usar para me segurar.

Ele se ergue atrás de mim e então sinto sua palma se conectar com a minha nádega. O tapa me surpreende, me fazendo gritar, porém da melhor forma possível.

— É isso que queria?

É tudo e mais um pouco.

— Sim!

Então, não consigo formar mais palavra nenhuma quando ele me bate de novo e segura meu quadril, apoiando a testa nas minhas costas. A única coisa que escuto são seus grunhidos e nossas respirações profundas em busca de oxigênio antes de senti-lo entrar em erupção dentro de mim.

Virando meu corpo de lado, ele me abraça por trás, usando o indicador para tocar meu clitóris. Mais uma vez, pareço ser capaz de voar quando, por fim, explodo.

Uma coisa é certa: nunca esquecerei esta noite. Esse é meu último pensamento antes que o sono me alcance de novo.

.....

O sol brilha intenso ao tentar invadir a escuridão dos meus olhos fechados. Solto um gemido diante dos raios que mais parecem alfinetes fazendo pequenos buracos em minhas pálpebras. Nunca me senti assim, nem mesmo quando era universitária e participava de algumas festas de fraternidades. Minha língua está colada ao céu da boca e estou tão, mas tão quente. O que é estranho, já que estou sempre congelando. Estendo a mão para afastar o cobertor, apenas para perceber que não consigo fazer isso porque está pesado – como se

alguma coisa o estivesse prendendo ou puxando a ponta. Mesmo quando resmungo e puxo com todas as minhas forças, não consigo movê-lo.

Abro um olho e encaro o outro lado cama. Deitado ali com metade da coberta enrolada em sua cintura está Ryan Kepler. O que diabos ele está fazendo na minha cama? Arquejo em surpresa e me afasto, porque não tem mais nada que eu possa fazer. É então que sinto o incômodo no meio das minhas pernas e as memórias da noite passada são reproduzidas em minha mente como um filme. É quase como se estivesse fora do meu corpo, nos assistindo conforme revivo cada momento. Transei com o melhor amigo do meu irmão. Puta que pariu! Meus movimentos devem tê-lo perturbado, porque ele rola na cama para ficar de frente para mim e esboça o sorriso mais charmoso que já vi na vida. Cada parte do meu corpo treme e formiga; as mesmas partes tocadas por ele na noite passada se acendendo com a lembrança.

— Bom dia.

Sua voz é tão maravilhosa que fecho os olhos e a deixo ecoar em mim. O sono a torna rouca e grave, assim como o sotaque sulista de nossa cidade natal, e posso escutar todas as palavras que me disse na noite passada enquanto me penetrava. Sinto meu rosto queimar e, neste instante, sei que preciso tirá-lo da minha cama, da minha casa, da minha vida. Não consigo acreditar no que fiz. Sou uma viciada que provou sua primeira dose de heroína.

— Bom dia — respondo ao me levantar, abraçando o cobertor contra o meu corpo nu. Empurro o lençol em sua direção, torcendo para que se mantenha coberto. Meus olhos não encontram os dele. Não consigo me forçar a olhar para ele e me desnudar, porque não é assim que funciono, não depois de cinco anos de casamento com um homem que me assustava ou humilhava quase todo santo dia.

Um suspiro soa no quarto e percebo que não é meu. É dele.

— Então é assim que vai ser? — Sua entonação não mascara a dor.

— O que quer dizer? — A decepção é evidente para mim. Ainda não consigo olhá-lo nos olhos, incapaz de encarar qualquer que seja o sentimento dentro deles.

— Sabe exatamente o que quero dizer, Whitney. — Desta vez é curto e grosso.

Escuto quando ele joga o lençol para longe e me preparo para a voz elevada, a acusação, a humilhação, mas elas não vêm. Nada

acontece, o que me deixa ainda mais nervosa. Por fim, a curiosidade fala mais alto e tenho que saber o que está acontecendo. Levanto os olhos e o vejo me encarando enquanto se veste em silêncio, mas com movimentos bruscos.

— Sinto muito — sussurro, porque sinto mesmo. Queria que isto fosse diferente, que *eu* pudesse ser diferente. Só que não sou. Ainda não fui capaz de evoluir a esse ponto e não sei quando conseguirei fazê-lo.

A expressão em seu rosto é sombria, e o cabelo bagunçado, a barba rala que cobre as bochechas e o queixo, e a tatuagem em seu peito exposto contribuem para lhe dar um ar perigoso.

— Consegui o que queria, não é? Provou a si mesma que o filho da puta com quem se casou não te quebrou por completo. Não era disso que precisava?

Ele entendeu tudo errado. Sim, era disso que eu precisava, mas não dessa forma. Era sim sobre usarmos um ao outro, contudo, não queria que fosse só uma transa vazia e, agora, parece que acabou sendo bem isso.

— Você não entende. — Balanço a cabeça. — Ainda é muito jovem.

Ele ergue a cabeça e *agora* está furioso. Ao que parece, estava só irritado antes. Posso sentir sua fúria emanando em ondas na forma como seus olhos se estreitam. As palavras que dispara me atingem com mais força que qualquer punho o teria feito:

— Não me diga o quão jovem sou, Whitney. Já vi e fiz coisas que não consegue nem imaginar.

Embora tenha certeza de que isso é verdade, tenho dez anos a mais de experiência e não posso dizer que estou orgulhosa do que fiz ontem à noite. Se alguém da minha idade tivesse transado com o meu irmão, com certeza haveria julgamento – incluindo o meu. Não posso evitar me sentir um pouco suja pelas minhas ações.

Tento de novo, usando o mesmo tom que uso com os clientes insatisfeitos com o serviço que receberam. Não acontece muito, entretanto, sei como apaziguar uma situação:

— Não quero te ofender.

— Tarde demais, docinho — diz ele ao vestir a camisa, bloqueando a visão da tatuagem.

— Não queria que as coisas acontecessem assim — arrisco, apertando o cobertor com mais força contra mim. Percebo que estou

curvada em uma tentativa de parecer menor para não atrair sua atenção. Tenho sempre a necessidade de me explicar, de me certificar de que fui compreendida, caso contrário, minha ansiedade dispara.

Ele termina de se vestir para então se sentar na cama e calçar as botas. Assim que se levanta e abotoa o jeans, caminha até mim. Quando Ryan levanta as mãos, recuo no mesmo instante, me encolhendo por puro reflexo.

Entendimento brilha em seus olhos e então ele cerra os dentes com ainda mais força.

— Meu Deus, Whit — sussurra.

Faço o possível para evitar as lágrimas, mas é inútil.

— Pois é. — Mordo meu lábio inferior, olhando para qualquer coisa que não seja ele. Não há mais nada a ser dito. Ele sabe de todas as humilhações que sofri.

Seu toque é carinhoso quando segura meu rosto entre as mãos, tão acolhedoras que desejo me enterrar nelas, deixar que cuide de todas as minhas feridas. No entanto, não tenho certeza se posso voltar a dar a alguém esse tipo de poder sobre mim.

— Acho que entendo, sim, e você não deveria ter escondido isso de ninguém. — Ele engole em seco, suspirando de novo. — E se era disso que precisava, então fico feliz por ter sido o homem que o proporcionou a você.

— Obrigada — falo. Sou tão grata a ele por ter devolvido essa parte de mim, mesmo que por apenas algumas horas.

— Não significa que não me mate, porque tem tantas coisas que quero te dizer, mas sei que não está pronta para elas.

Tem razão, não estou pronta para nada mais além disso, nada mesmo, e tenho sorte por ele reconhecer isso e ser homem o suficiente para perceber que não é sobre ele. É apenas sobre mim.

— Nunca vou me esquecer do que fez por mim — falo, pigarreando. — A noite passada significou muito.

Ele abre a boca, contudo, não diz nada. Apenas balança na ponta dos pés, então acena com a cabeça.

Inclinando-se para frente, deposita um beijo suave, porém firme, em meus lábios, deixando uma marca que não sei se algum dia desaparecerá.

Quando se afasta, ele vai em direção à porta do quarto, apenas para se virar uma última vez.

— Vou ser honesto porque esta pode ser minha única chance.
— Ele faz uma pausa e respira fundo, parecendo se recompor. — Você nunca saberá o quanto isso... — ele gesticula para a cama — ... significa para mim.

Com isso, ele parte, me deixando para tentar processar o que fiz. E, sob a luz impiedosa da manhã, as consequências que mandei ao quinto dos infernos na noite passada se tornam dolorosas demais.

Capítulo 05

Whitney

— O que te traz aqui hoje? — pergunta a Dra. Miller. Pedi que fosse atendida por ela quando liguei para marcar uma consulta de emergência. A recepcionista estudou comigo no ensino médio e, pelo choque em minha voz, soube logo que eu precisava passar por algum médico hoje, apesar de eu não ter falado nada a respeito dos meus testes de gravidez positivos. Tive sorte de a clínica funcionar até as sete da noite.

Tento lutar contra as lágrimas que ameaçam cair.

— Achei que estava deprimida — sussurro quando me lembro dos pensamentos que estavam tão claros horas atrás. De quando tentei me convencer de que era só um mal-estar passageiro.

— Certo, o que está acontecendo? — questiona ela, abrindo meu prontuário.

— Estou cansada o tempo todo, e em alguns dias nem quero sair da cama. Nós duas sabemos que isso não é do meu feitio. Ter minha própria empresa sempre foi o meu sonho. Agora que a Casamentos da Whitney decolou, estou mais ocupada do que nunca, só que tem dias em que é tudo tão difícil. Começo a chorar do nada, sinto náusea pela manhã e às vezes tenho que lutar para conseguir comer. Estou me sentindo estranha — conto, listando meus sintomas. — E hoje à tarde fiz cinco testes de gravidez, todos positivos. — Engulo em seco contra o nó em minha garganta. — Só que devem estar errados, porque não posso ter filhos.

Seus olhos se arregalam à menção dos cinco testes de gravidez positivos. Ela solta um suspiro e me dá um pequeno sorriso.

— Tudo bem, vamos começar pelo básico. Quando foi a última vez que menstruou?

Tirando o celular do bolso, abro o aplicativo e informo a data:

— Nunca foi regular e também nunca consegui engravidar. Talvez seja menopausa precoce? — Agarro-me a toda e qualquer esperança, porque achar que estou grávida apenas para descobrir que foi alarme falso irá me destruir.

— Podemos fazer um teste. É simples, só um exame de sangue. Faremos aqui no laboratório da clínica, assim teremos o resultado mais rápido. Com ele, ao menos saberemos por onde começar. O que

acha? — indaga a médica.

— Ótimo — digo. Só quero respostas. Estou cansada de toda a exaustão e preciso de uma confirmação antes de criar expectativas.

Faço o exame, a agulha perfurando minha pele e colhendo o sangue necessário, e espero pelos resultados. Um milhão de coisas se passam repetidas vezes pela minha cabeça. Estou quase pegando no sono quando a porta se abre e a Dra. Miller entra com papéis em mãos.

— Whitney, deixe-me fazer uma pergunta.

Faço um esforço para prestar total atenção nela, para não dormir no meio da consulta. Preciso de respostas.

— Claro.

— Quem lhe disse que não pode ter filhos? — questiona ela com cuidado, como se tentasse calcular minha reação.

Passo a mão pelo meu cabelo loiro, recordando todos os acontecimentos passados. Todos os meses que tentamos. Cada teste de gravidez negativo.

— Stephen e eu tentamos durante quatro dos nossos cinco anos de casamento. Nunca consegui engravidar.

— Chegou a fazer algum exame para descobrir o motivo? — A pergunta é feita com delicadeza.

Envergonhada, sinto minhas bochechas queimarem enquanto luto para conter as lágrimas. Minha voz sai esganiçada e sem fôlego quando justifico:

— Nós íamos fazer, mas ele disse que não tinha motivo porque era tudo culpa minha. Que se eu fosse qualquer outro tipo de mulher, conseguiria dar a ele um herdeiro para perpetuar o nome da família. Fiquei tão triste que nunca fomos à consulta. Tem que entender que ele... — Retorno ao meu velho hábito de tentar criar uma desculpa para o homem que um dia foi meu marido.

— Não precisa tentar justificar as ações dele, Whitney. Vejo homens assim todos os dias.

Ela para por um instante e me encara. Seus olhos brilham com descrença e o que parece ser felicidade ao mesmo tempo. Isso me assusta.

— Então os testes estavam certos? Era ele quem tinha o problema e não eu? — Tento aparentar coragem, no entanto, por dentro, estou desabando.

Ela se aproxima e segura minhas mãos, e é então que sei. Tem alguma coisa errada, talvez eu esteja morrendo. Ou talvez ela esteja prestes a dizer exatamente o que quero ouvir.

— Parabéns, Whitney! Você está grávida.

O mundo gira quando desmaio na maca.

Renegade

Betty empurra papéis para mim e Trevor.

— Preciso que assine para que possamos mandar à empresa, já que foi um acidente de trabalho — ela diz ao meu amigo, que a encara como se ela tivesse duas cabeças.

— Com que mão? O filho da puta pegou a minha dominante. — Ele sinaliza o curativo grosso que agora cobre os dez pontos em sua pele.

— Pode deixar. — Dou risada. — Assino para você, querido.

— Obrigado, amor. — Ele pisca, soltando um beijinho no ar e fazendo com que Betty ria de nós.

— Vocês dois são demais. Aqui. — Ela nos entrega um maço de folhas. — Precisa entregar isso para o Holden, porque é para a previdência, e aqui está sua próxima consulta para remover os pontos. — Um cartãozinho com a data é entregue para Trevor.

— Obrigado. Se tiver problemas, devo ligar pra cá ou ir para a emergência? — A Dra. Miller havia dito que tinha grandes chances de infecção, considerando o local do corte e as condições da lâmina.

Ela olha para baixo.

— As recomendações dizem para ir direto para a emergência.

— Ótimo — diz ele, arqueando uma sobrancelha. — Vamos torcer para isso não acontecer.

Estou prestes a dizer algo quando a porta atrás de nós é aberta e alguém sai dos consultórios. Estamos perdendo tempo, então assino o nome de Trevor e pego os papéis que precisamos. Tento não escutar a conversa logo atrás, mas estamos tão perto que é inevitável.

— Aqui estão as primeiras etapas do pré-natal. Vamos ver como irá se adaptar e depois lhe darei o restante. Fale com a Betty e faça o primeiro acompanhamento. Na sua idade, temos que monitorar de

perto.

A curiosidade fala mais alto e, quando Trevor e eu nos viramos ao mesmo tempo, nossos olhos encontram os de Whitney.

— Você está grávida? — perguntamos em uníssono.

A expressão dela é de pânico e, mais uma vez, parece que quer sair correndo.

Estou fodido.

Whitney

— Parece que sim. — Dou o meu melhor para sorrir para os dois, meu irmão e o pai do meu bebê. Meu Deus, nunca achei que fosse dizer estas palavras. Por tantos anos, tive esperança de que um dia conseguiria dizê-las, mas nada aconteceu com Stephen e sempre julguei que fosse culpa minha. Por alguns segundos, tenho vontade de ligar para ele, dizer que outro homem fez o trabalho certo e então desligar.

Contudo, a parte sensata do meu cérebro me diz que ele encontrará uma maneira de distorcer a situação, de me fazer duvidar de mim mesma, das minhas palavras, da minha vida – e trabalhei duro para deixar tudo isso para trás, para *deixá-lo* para trás. Ao focar nos olhos castanhos cristalinos de Ryan, vejo as perguntas que quer fazer; no entanto, não posso respondê-las aqui e agora. Não com Trevor me olhando como se pudesse enxergar minha alma.

— Nem sabia que estava com alguém. — Meu irmão continua me encarando.

Posso ser dez anos mais velha, mas ele sempre se viu como meu protetor e coitado de quem ficar em seu caminho. Desde que cresceu o suficiente para erguer os punhos e lutar, tem sido meu aliado mais ferrenho.

— É recente e muito inesperado. — Isso não é mentira.

— Como está se sentindo? — pergunta ele. — Está um pouco pálida.

Rio de um jeito quase psicótico. É a única coisa que me impede de chorar e, neste instante, não tenho certeza se são lágrimas de felicidade ou de completo desespero.

— Desmaiei quando ela me disse. Nem consegui acreditar.

Trevor exhibe a própria mão.

— Temos que ir, mas vou te ligar mais tarde e teremos uma conversa.

Só então noto a gaze grossa que envolve sua mão e a forma como ele a segura com cuidado.

— Caramba, o que aconteceu?

— Estávamos cumprindo um mandado e um cara de setenta anos ficou puto por termos fechado sua destilaria. — Trevor balança a cabeça. — Ainda não consigo acreditar que ele tinha uma faca.

Ele se aproxima e me abraça.

— Fico feliz que esteja bem.

Agora, mais do que nunca, percebo o quão perigoso é o trabalho dos policiais – e o pai do meu bebê é um deles. O pensamento é o suficiente para fazer com que as lágrimas voltem aos meus olhos. Malditos sejam esses hormônios.

— Não chore. — Meu irmão me puxa para outro abraço, envolvendo meu pescoço com a mão boa. — Estou bem, Whit.

Faço o possível para que meu queixo pare de tremer.

— Eu sei, são os hormônios. — Limpo a garganta e tento me recompor.

— Tenho que ir — ele diz. — Te amo.

— Também te amo. Tome cuidado. Tem uma sobrinha ou um sobrinho para se preocupar agora. — Dou um sorriso trêmulo.

Os dois vão embora da clínica, mas não antes de Ryan segurar minha mão.

— Parabéns, Whit. — Seu tom é alto o bastante para que todos ouçam, mas ele o diminui logo em seguida: — Passarei na sua casa depois que acertar as coisas com o Trevor. Precisamos conversar.

Assinto, porque sei que ele está certo. Sei que tem perguntas a fazer, embora eu não tenha nenhuma resposta.

Renegade

— Você está quieto — fala Trevor vinte minutos depois que entramos na caminhonete. Troquei um total de duas palavras durante

toda a viagem. Minha vontade é de pisar fundo no acelerador, ir a 160 km por hora, deixá-lo no quartel e ir até Whitney. Milhares de pensamentos rodeiam minha cabeça, no entanto tenho certeza de que não estou pronto para contar a Trevor que sou o pai de seu futuro sobrinho ou sobrinha. Ainda não conversei com Whitney sobre isso, não sei como iremos lidar com a situação e, acima de tudo, estou em estado de choque.

— Estou com muita coisa na cabeça, irmão.

— Quer falar sobre? — Trevor é meu melhor amigo e não me sinto nada bem não sendo honesto com ele. É uma merda.

— Ainda não posso, mas assim que puder, será o primeiro a saber.

Meu Deus, eu sou um babaca. Não importa o que faça, acabarei irritando um dos Trumbolts e prefiro não fazer isso agora. Respiro aliviado assim que vejo o quartel-general na colina. Posso deixar Trevor lá, ir até a casa de Whitney e conseguir algumas respostas.

Parece que levo uma eternidade para responder às perguntas de Holden sobre o que a médica disse a fim de que fique inteirado sobre o ferimento de Trevor. Graças a Deus é ele quem vai levar meu amigo para casa, me deixando livre para fazer o que preciso. Desde que entrei nesta equipe, nunca deixei a base tão rápido, pronto para encarar a outra parte da minha vida. Na verdade, acho que ela sempre se resumiu a este time, a este batalhão.

Quebro algumas leis de trânsito no caminho para a casa de Whitney. Tento encenar nossa possível conversa antes de chegar lá, porque quero estar preparado para o que quer que ela diga. Quero garantir que soarei como um adulto, não como o melhor amigo do seu irmão mais novo. Tenho um forte pressentimento de que isso vai exigir uma tremenda lábia da minha parte; Whitney já demonstrou certa vergonha pelo fato de eu ser mais novo que ela.

O caminho que deveria ter levado trinta minutos acaba levando quinze. Estaciono a caminhonete na entrada da garagem e tiro alguns minutos para acalmar meus pensamentos – e meu pau – antes de descer do veículo e ir até a porta. Sinto a confiança correr em minhas veias. Nada irá me atrapalhar ou me deter...

Até que bato repetidas vezes na porta da frente e não obtenho resposta.

— Whitney, sua SUV está parada na entrada. Sei que está aí — falo através da madeira maciça que nos separa. — Tento mais algumas vezes, ainda em vão: — Não pense que não posso entrar aí, Whit. —

Rio. — Sabe que sou das Operações Especiais, não é? — Quando ela continua sem responder, percebo que não sabe com quem está lidado. — Foda-se — resmungo e me encaminho para os fundos da casa. Se vou cometer uma invasão, que não seja à plena vista dos vizinhos.

Não consigo esconder minha satisfação ao abrir o portão destrancado e subir na varanda. O que ela não sabe é que infringir a lei e ser pago para isso é o meu trabalho.

— Que comece o jogo, boneca — sussurro ao pegar meu kit de ferramentas do bolso de trás.

Nunca saio de casa sem ele.

Capítulo 06

Whitney

Sentada à mesa da cozinha, analiso a ficha da minha última cliente com fones de ouvido e o *Spotify* ligado. É isso que faço sempre que estou estressada: mergulho de cabeça no trabalho e deixo que leve as preocupações embora. Agora que a gravidez foi confirmada, tenho um pico de energia que não tive em semanas, o que me faz querer voltar ao trabalho. A Casamentos da Whitney acabou se tornando uma das principais assessorias de casamentos e eventos na área de Birmingham. Atendo a todos os condados vizinhos e já organizei eventos até mesmo em Gulf Shores e Orange Beach. Meu negócio está crescendo e o consequente aumento da minha renda permite que eu leve uma vida melhor do que a que levava quando casada.

O pensamento me faz sorrir, porque sempre foi algo que Stephen jogou na minha cara. Que eu não era capaz de me sustentar. Não tinha dinheiro para férias ou para fazer as unhas. É bom ver como ele estava errado. Consegui prosperar sem sua negatividade.

Levo a mão até minha barriga ainda lisa e faço uma promessa para mim mesma e para o bebê. Não falharei conosco e farei o que for preciso para que tenhamos uma boa vida. Passei anos vivendo em função das outras pessoas, porém agora vou buscar a minha felicidade. Foram anos dando vida aos contos de fadas dos outros, mas dessa vez farei o meu próprio – mesmo que não tenha um Príncipe Encantado. A imagem de Ryan surge em minha mente, no entanto balanço a cabeça. Nunca daríamos certo. Vou me concentrar apenas em fazer o que me deixa feliz: planejar casamentos.

Pego o pedaço de tecido branco que a noiva escolheu para as toalhas de mesa e seguro contra a louça ouro rosé. Ela pediu por elegância e amo a forma como as duas cores se complementam. Na esperança de que ela goste também, me curvo para fazer anotações no caderno que separei para esse casamento. Ao ler o lembrete que escrevi para entrar em contato com um fornecedor local e perguntar sobre colares personalizados, pego meu celular e começo a digitar uma mensagem para uma amiga que trabalha lá. Uma coisa que esse negócio me proporcionou foi uma extensa rede de contatos, todas mulheres que estão mudando o mundo com um smartphone, wi-fi e um pouco de imaginação. São tempos ótimos para ser uma mulher de negócios e tenho orgulho de ser uma delas.

É então que sinto alguém me observando. É uma sensação que

conheço bem, com a qual me acostumei durante meu casamento. Engolindo em seco, me viro em busca do olhar. Quando vejo Ryan, grito e pulo na cadeira:

— Ryan, o que está fazendo aqui? — pergunto ao colocar a mão no peito, sentindo meu coração bater rápido o suficiente para causar um ataque cardíaco. — Achei que iríamos nos encontrar mais tarde.

— Pois é. — Ele esboça um sorriso que só posso descrever como maroto. — Também achei, só que, quando não abriu a porta, decidi entrar por conta própria. — Em sua mão, identifico uma ferramenta que já vi Trevor usar algumas vezes.

Dou uma olhada no meu celular e percebo que fiquei tão absorta no trabalho que perdi a noção do tempo. Ainda assim, não é desculpa para o que ele fez. Não vou deixar que nenhum homem passe por cima de mim de novo. Já desperdicei muitos anos e me recuso a permitir que isso continue.

— Você invadiu minha casa? Violou a lei que tem obrigação de cumprir.

— Entrei por conta própria — corrige. — Achei que estivesse me evitando.

O motivo é plausível e, pelo menos, ele não está inventando um papinho sobre estar preocupado com a minha segurança. Tenho certeza de que Trevor lhe disse que aprendi a me defender. Uma das primeiras coisas que fiz depois do divórcio foi ter aulas de autodefesa e obter porte de arma.

— Só perdi a noção do tempo. — É quase um pedido de desculpas e espero que perceba que não teve nada a ver com ele.

— Se importa se eu me sentar? — Ele aponta para o assento do outro lado da mesa, de frente para o meu.

Balanço a cabeça em negativa. Prefiro mesmo que nossa conversa seja no meu espaço, onde tenho controle da situação. Isso sempre foi algo raro na minha vida. Agora, me agarro nisso com as duas mãos e me recuso a soltar. Em um instante, recolho os materiais da mesa e os coloco dentro da caixa etiquetada que tenho para cada cliente.

— Desculpe, às vezes fico tão concentrada no trabalho que esqueço todo o resto.

— Trevor me falou que os negócios estão indo bem. — Ele me oferece um sorriso gentil ao se sentar.

— Estão sim. — Tento não notar o quão grande ele é perante minha mesa de jantar, o espaço que ocupa. Se pensar demais nisso, meus pensamentos vão longe e acabo ficando com medo. Ryan não está aqui para me machucar. Teve a oportunidade perfeita e não se aproveitou dela. Comigo de costas, com o fone de ouvido e absorta no trabalho, ele poderia ter feito qualquer coisa, mas só me assistiu trabalhar. Ao mesmo tempo em que isso me assusta um pouco, sei que posso confiar nele. Nunca tive motivo para sentir o contrário e, sendo honesta comigo mesma, invadir minha casa dessa forma é algo que Trevor também teria feito. — Posso muito bem cuidar de mim e do bebê.

Pronto, coloquei as cartas na mesa. Posso sentir minhas mãos tremendo ao me segurar nas quinas. Não é fácil se posicionar quando você foi verbalmente atacado todas as vezes que tentou fazê-lo. Apesar do tremor em meu corpo, me sinto orgulhosa.

Renegade

Ela está nervosa, como um animalzinho recém-nascido, e estou fazendo o meu melhor para não a assustar. A forma como reage a mim demonstra como seu casamento deve ter sido um inferno. É bem provável que fosse uma situação na qual sempre se viu sem escapatória e, na mesma hora, fico puto da vida com Trevor. Ele deveria tê-la resgatado antes que a relação causasse todo esse estrago. Já vi esse filme se repetir com frequência nos casos de violência doméstica em que trabalhamos.

— Não tenho dúvidas de que pode cuidar de si mesma e do bebê — falo, minha voz suave e persuasiva, tentando não a assustar. Isso não é normal para mim; estou acostumado a pegar o que quiser, entretanto se tem algo que aprendi com as profissões em que atuei, é que deve fazer com que as pessoas confiem em você. Não pode chegar atirando e esperar que não te vejam como um babaca autoritário. — Mas estou preparado para te ajudar.

— Ryan... — Sua voz sai rouca e vejo quando ela se ajeita na cadeira, endireitando as costas e entrelaçando as mãos. A pose de uma verdadeira rainha fria e austera, não que eu já tenha visto uma. — Você está no auge da sua vida, não espero que assuma essa responsabilidade.

— Uma pena, porque acho que essa é a maior responsabilidade que já tive na vida. — Meu tom é mais agressivo do que pretendia.

Tento me acalmar, afinal, diferente de Trevor, Whitney não sabe do meu passado. Ela não tem ideia do que essa situação significa para mim e não vou me expor agora. Suas palavras deixam claro que ela não me vê como nada mais do que um garoto brincando de ser adulto. Tudo bem, posso provar que estou falando sério. Tive que provar meu valor para quase todos na vida. Não temo ter que fazer isso para ela também.

— Não quero te forçar a uma situação indesejada — ela tenta de novo, dessa vez com aquela entonação que as pessoas usam para te acalmar depois que te irritam.

Ponho minha mão sobre a dela, tentando ignorar a óbvia corrente elétrica que passa entre nós. É tão forte que tenho o pressentimento de que pode nos queimar se não formos cuidadosos.

— Não diga que está me forçando a fazer isso, se acha que estou preparado ou que sou capaz de aguentar. — Amenizo meu tom de voz. — Não disse a você como deveria se sentir com essa situação, então não faça isso comigo.

— Não quero nada de você. — Uma nova tentativa, seu rosto se avermelhando de vergonha ou frustração. Neste exato momento, não sei precisar.

— Whitney — eu a impeço de continuar. Não posso permitir que me exclua da vida desse bebê. Meu bebê. Não quando ser um pai presente significa tudo para mim. — Eu quero tudo de você.

Ao ver suas lágrimas brotando, quero socar a mim mesmo.

— Ryan... — Ela esfrega os cantos dos olhos, limpando o rímel borrado. — É disso que tenho medo.

— Não quero tomar nada de você — tento explicar. — Quero que vivamos essa experiência juntos.

Sua expressão me diz que isso pode ser ainda mais assustador. Ah, se eu soubesse como aliviar seu desconforto, como melhorar a situação ou até como me aproximar dela. Estamos à beira de um precipício e nenhum de nós quer dar o primeiro salto.

Temos a mesma determinação, e acho que é nesse momento que ambos percebemos a força um do outro.

Capítulo 07

Renegade

Na manhã seguinte, estou um caco após a conversa com Whitney. Passei a noite inteira me revirando, porque nada foi resolvido e odeio isso. Sou o tipo de homem que não gosta de pontas soltas. Tenho um plano para tudo e até me responsabilizo pela maioria dos imprevistos. É assim que tenho vivido desde os dezoito anos ao sair da casa dos meus pais, é o porquê de ter me destacado no exército e como pretendo lidar com tudo na vida, incluindo essa gravidez.

Whitney acha que me deu um choque de realidade com todo aquele discurso.

Nunca deixei que ninguém me excluísse de algo como ela pensa que deixei que fizesse ontem quanto à vida do meu filho. No entanto, foi tudo de propósito. Depois de conversarmos por alguns minutos, percebi que precisava de uma nova estratégia. É óbvio que Whitney não é o tipo de mulher que quer ser cuidada por um homem. É forte, independente e está pronta para dominar o mundo sem alguém ao seu lado.

Meus pensamentos são interrompidos pelo toque do meu celular e a adrenalina inunda minhas veias quando vejo o nome de Holden na tela.

— Renegade falando — atendo. Acima de qualquer outra coisa, essa é a minha identidade. É quem me tornei quando Ryan não conseguiu lidar com a realidade que lhe foi imposta. Naqueles tempos de medo, caos, tristeza profunda e emoções turbulentas, tornou-se meu escudo contra o mundo. Meu alter ego. A parte de mim que nada teme.

— Preciso de todos na base. — A urgência em sua voz é perceptível mesmo do outro lado da linha. — O Juiz Hawthorne quer que façamos uma busca naquela propriedade na estrada Old Mill.

Merda. O pessoal de lá tem trabalhado com os Strathers que, neste momento, não são a minha família favorita. Já fizemos duas buscas na propriedade e a cada vez descobrimos suas operações ainda mais sofisticadas. Contudo, continuam sonegando impostos e isso é inaceitável para o estado do Alabama. O governo quer parte de cada centavo que ganham e, quando isso não acontece, somos acionados.

— Chegarei o mais rápido possível — respondo, ligando os faróis embutidos na grade dianteira da minha caminhonete.

Percebo que isso é exatamente o que preciso ao enfiar o pé no acelerador. Os rugidos de resposta do motor e a forma como os pneus devoram os quilômetros até a base me acalmam. Os faróis adicionais me permitem costurar pelo trânsito, dirigindo mais rápido do que deveria, porém é o que necessito agora. Uma corrida sem controle que, na realidade, está sob meu total controle. A adrenalina corre pelo meu corpo, me colocando naquele estado de êxtase como o viciado que sou.

Chego à base em questão de minutos e não consigo evitar o sorriso que se abre em meu rosto ao ver o resto da equipe invadindo o estacionamento, pneus cantando e faróis acesos.

— Vamos lá fazer essa merda — grita Ace, outro membro da nossa equipe, ao saltar de seu Dodge Charger.

Ergo a mão para um “toca aqui” quando ele se aproxima.

— É isso aí, preciso de algo para aliviar a tensão. — Giro a cabeça para relaxar o pescoço, esticando os ombros também.

— Você está bem? — pergunta ele, me encarando.

Assinto.

— Vai dar tudo certo. — E vai mesmo, tenho certeza. O problema é chegar lá.

.....

— Imagens das câmeras de segurança de ontem mostram que eles se embrenharam ainda mais na floresta. De cima, parece que fortificaram a propriedade próxima à nascente. Não sabemos se a cercaram, mas descobriremos assim que chegarmos lá — informa Holden enquanto distribui os relatórios que precisamos ler.

— Como estão armados? — pergunto. Nunca foi uma preocupação minha, até minha vida mudar de forma inimaginável ontem. Preciso garantir que sairei ileso dessa e irei para casa no fim do dia.

Holden vira as páginas do relatório nas mãos, passando os olhos pelo conteúdo. Quando termina, me encara.

— Nossos espiões disseram que têm bastante poderio de fogo, só que não são treinados. É provável que apenas reajam. Se conseguirmos entrar em silêncio, teremos o elemento surpresa a nosso favor e talvez sejamos capazes de neutralizá-los sem fazer uso de armas. O objetivo é uma operação pacífica.

De onde está sentado, Ace diz:

— Esse não é sempre o objetivo? O problema é que alguns caras têm armas grandes para compensar outras coisas e ficam mordidos quando são confrontados.

— Façam o que for preciso para voltarem inteiros. — Holden nos lança um olhar sério. — Esta é a regra número um. O que quer que aconteça, temos que voltar para cá sãos e salvos. Agora, vamos nos preparar para partir.

.....

Vestir meu colete nunca significou tanto para mim. Ele sempre me protegeu e foi parte importante da minha vida, contudo hoje significa muito mais. *Recomponha-se, Renegade*, digo a mim mesmo. Não posso deixar que meus pensamentos me distraiam, caso contrário sou um homem morto. Quando estou lá fora, não posso me concentrar em nada que não seja o trabalho em questão. Deixar que minha vida pessoal interfira faz com que pessoas acabem machucadas ou mortas. Tenho uma razão importante para viver agora.

Verifico minha arma, ponho munição extra no bolso da calça cargo e enfio minha faca Ka-Bar no cinto. Já precisei engajar em luta corporal algumas vezes e quero estar preparado. Não vou arriscar. Tenho um plano para todos os tipos de imprevistos; isso inclui até mesmo uma arma de choque. Quando as coisas ficam ruins, você faz o que for preciso para sair vivo.

— Pronto? — pergunta Holden ao me entregar um chiclete.

Ele ajuda a controlar meus nervos, permitindo que me concentre em mascá-lo ao invés de focar nas batidas do meu coração ou na adrenalina que faz minhas mãos tremerem. Retiro o papel e meto o doce na boca.

— Pronto — respondo, colocando a escuta no ouvido.

— Então vamos ao trabalho, irmão. — O tapa que dá em meu peito parece ativar um despertador em minha cabeça, colocando-me em alerta máximo e fazendo meu coração acelerar. Com essas palavras, tudo entra em ação e saímos da garagem em nosso veículo blindado.

O caminho até Old Mill é silencioso, todos focados em seus próprios pensamentos. Os meus revolvem em como neutralizar e sobrepujar os inimigos, como sair dali sem levar um tiro e voltar para casa quando tudo acabar. Fecho os olhos para me concentrar na

imagem da propriedade; estivemos lá vezes o suficiente para que eu conheça a disposição exata do local. Enquanto descemos do veículo, planejo meus movimentos. Na minha mente, vejo os lugares com perigos em potencial, onde poderiam ter feito melhorias ou colocado armadilhas. Meu foco é eliminar todo e qualquer risco.

Puxando o celular do bolso, meu dedo paira sobre o nome de Whitney. Não estive em um relacionamento com nenhuma mulher desde que comecei neste trabalho. Foram só algumas noites aqui e ali. Ficava com uma garota por uma semana e logo me sentia tão sufocado que mal podia esperar a hora de parar de encontrá-la. Whitney, no entanto, carrega um pedaço de mim – literalmente – e, pela primeira vez, um pensamento me ocorre: e se eu não sair vivo daqui? Ela não vai nem saber para onde eu estava indo ou o que estava fazendo.

Decidido, digito uma rápida mensagem para avisá-la que estou em um trabalho, não para se preocupar, só para saber o que estou fazendo e que atitude tomar caso alguma coisa aconteça. Talvez seja mórbido pensar nisso agora, contudo minha vida virou de cabeça para baixo nas últimas vinte e quatro horas. Com uma clareza repentina, percebo que preciso mudar meus beneficiários o mais rápido possível, tanto no que diz respeito ao trabalho na polícia como no recebimento da pensão militar.

Quero ser 100% honesto com ela, pois sinto que Stephen não era. As coisas boas e ruins, as que ainda não temos certeza sobre... quero que compartilhem tudo – mesmo que ela não o queira ainda.

— Faltam dois minutos.

Escuto isso e sei que preciso deixar tudo de lado. Não sou religioso, mas em momentos assim, antes de irmos atrás do alvo, sempre faço uma breve oração a Deus. É a única coisa que me dá forças para enfrentar o que às vezes são horas de pura tensão.

Desligo o celular e o guardo no colete. Apoiando a testa contra a coronha da minha AK-47, limpo a mente. Ao deixar que fique vazia, minha audição se torna sobre-humana e tomo plena consciência de tudo o que está acontecendo ao meu redor.

Esse sentido aguçado já salvou minha vida diversas vezes e me ajudou em mais missões do que sou capaz de contar.

É isso que me torna o Renegade.

Capítulo 08

Whitney

Daria tudo por uma taça de vinho agora, no entanto, em retrospecto, foi essa mesma bebida que me colocou nesta situação. Estou em frangalhos depois da conversa que tive ontem com Ryan. Fui obrigada a lidar com tudo sozinha tantas vezes na vida. Ninguém nunca soube o quão horrível meu casamento foi porque guardei para mim. Nunca precisei que limpassem minha bagunça, e com isso acabei me tornando a maior delas.

Ao meu lado, meu celular vibra e vejo a foto sorridente de Addison na tela. De alguma forma, ela sempre sabe quando preciso conversar.

— Graças a Deus — atendo, fungando. — Como é que sempre advinha?

— Porque somos gêmeas separadas na maternidade — ela brinca, rindo. — Conte tudinho para a Addison aqui. Foi ao médico? Descobriu o que está acontecendo?

Não contei para ninguém sobre a noite com Ryan, nem mesmo para a médica que acabou de confirmar minha gravidez, e preciso muito fazer isso. Mantive segredo por seis semanas, e essa mulher... sei que posso confiar nela com a minha vida. Sim, nossa relação é nesse nível. Quando deixei Stephen, foi ela quem me acompanhou até o advogado e segurou minha mão enquanto eu assinava os papéis do divórcio. Foi para ela que mandei fotos nas duas vezes que ele me bateu, pedindo que guardasse o segredo a sete chaves enquanto eu formulava um plano para deixá-lo. Se tem alguém em quem eu posso confiar, essa pessoa é Addison.

— Vou ter um bebê com Ryan Kepler. — É melhor contar de uma vez. Essa é a única coisa que não quero varrer para debaixo do tapete. Não importa como tudo acabe, estou meio orgulhosa por ter tido a coragem de dizer a um homem o que quero. E que homem.

Há um silêncio do outro lado da linha e me questiono se a choquei o suficiente para deixá-la sem palavras. Não era o que pretendia, e sua falta de reação é algo inédito.

— Addison?

Ela pigarreia.

— Estou aqui — responde. — Eu ouvi direito? Você e o

Renegade treparam?

Solto um suspiro pesado.

— Juro que não foi bem assim.

— Espera — ela me interrompe. — Estou indo aí. Quero ver suas expressões enquanto conta a história. Preciso saber direitinho dos seus sentimentos, não ficar imaginando do outro lado da linha.

Isso é exatamente o que não quero que aconteça, porque Addison me conhece bem demais, mas não há como impedi-la.

— Te vejo em alguns minutos — digo baixinho. Enquanto a espero, tento aceitar o fato de que serei transparente para ela, incapaz de esconder qualquer coisa.

.....

Em menos de dez minutos, Addison estaciona na frente da minha casa. Escuto a porta do carro bater e seus passos seguirem apressados até a porta. Ela me conhece bem o suficiente para saber que não está destrancada. Em questão de segundos, seu ataque à campanha começa.

— Já vai! — grito.

Ao abrir a porta, espero pela explosão que sei que virá.

— Whitney Trumbolt, que merda deu em você? — Addison faz uma pausa, a boca abrindo e fechando como a de um peixe até que consiga formular as próximas palavras: — Me conte agora mesmo o que aconteceu. Não deixe nada de fora.

Minhas mãos estão suadas quando sento no sofá e a encaro. É difícil admitir para os outros o que fiz. Não gosto de decepcionar as pessoas e sinto que essa é uma decepção das grandes. Ainda maior do que quando decidi pedir demissão e começar meu próprio negócio, quando enfim decidi deixar o meu marido e dar entrada no divórcio, ou quando falei para a minha mãe que não queria mais participar dos concursos de beleza na adolescência. O estrago desta vez parece imensurável.

— Uma noite, fui para um bar — começo, organizando meus pensamentos. — Stephen tinha enviado uma mensagem de voz que me incomodou, como sempre.

— Quantas vezes preciso te dizer, Whit? — ela me interrompe. — Ele não é mais nada seu. Não tem mais poder sobre você.

Passo os dedos pelos meus cabelos e aperto os olhos.

— Eu sei, eu sei, só que não é tão fácil assim, Addison. Não quando vivi tudo aquilo por tantos anos. É difícil admitir, mas com a terapia consegui reconhecer que tenho traumas. Estou tentando trabalhar neles, mas isso não tem nada a ver com a história. Você me perguntou o que me levou ao Ryan. Bem, foi o Stephen.

Um sorriso se forma no rosto de Addison.

— Que merda mais irônica.

Ignorando-a, continuo:

— Havia muita bebida rolando. Falei para Ryan coisas que nunca disse para ninguém, nem mesmo para você.

— Então confia ao menos um pouco nele.

— Ele é o melhor amigo do Trevor. Por que não confiaria? Eu o conheço desde que ele era criança, o que nos leva a outro problema. Ele é dez anos mais novo que eu.

— Uma coisa de cada vez. — Ela me coloca de volta aos trilhos.
— Preciso saber da noite da concepção.

Não tenho certeza se me sinto confortável para contar sobre como nos abrimos naquela noite. Como eu me abri. Desde então, pensei muito sobre isso e percebi que acabei dando uma parte de mim para Ryan, uma que nunca dei para ninguém, e ainda estou tentando processar a ideia.

— Pedi que acabasse com a minha longa seca, então ele me trouxe pra cá e fez tudo o que pedi.

Vejo suas sobrancelhas se erguerem.

— Só isso? Não vai me dar detalhes? — A indignação em sua voz quase me ensurdece.

— Acho que sabe o que aconteceu, é algo que existe desde o começo dos tempos.

Ignoro sua comoção. Se alguém perguntar, direi que foi a junção de dois corpos em uma dança milenar, mas, por Deus, foi muito mais do que isso. Foi a recuperação de uma parte minha e a melhor transa da minha vida. E já que estou sendo sincera, desde o nosso encontro, tive sonhos eróticos com Ryan pelo menos uma vez por semana. Ele fez coisas comigo que sequer admitirei à luz do dia.

Quando ela se inclina para mais perto, reconheço o olhar em seu rosto. Acho que estou prestes a levar um sermão.

— Whitney, como pôde não usar proteção? Ele é um cara jovem que já rodou o mundo. Tenho plena certeza de que enfia o pau em qualquer coisa que ande.

— Puxa, Addison, obrigada. — O pensamento passou pela minha cabeça, mas acho que estamos sendo injustas. Tinha algo diferente na forma como ele me tratou, como me tocou. Quase como se aquela fosse sua primeira vez após certo tempo também, não apenas uma transa casual.

— Desculpe. — Ela encolhe os ombros, mas é óbvio que não se arrepende de verdade.

— Stephen e eu tentamos engravidar durante quatro anos e não conseguimos. Sempre fui levada a acreditar que não podia ter filhos — explico, lágrimas surgindo em meus olhos de novo. Esses hormônios ainda vão me matar.

— Ah, Whitney. — Addison balança a cabeça antes de jogá-la para trás. — Deixe-me adivinhar. Foi pelo Stephen?

Evito encontrar seus olhos quando concordo, meu queixo trêmulo com a avalanche de sentimentos que meu casamento causa em mim. É vergonhoso admitir como ele ainda está tão presente em meus pensamentos mesmo um ano após o divórcio. Eu deveria ser mais forte do que isso.

— Acho que já está bem óbvio. — Dou de ombros, um pequeno sorriso em meu rosto. — Estou grávida e é de Ryan.

Addison se joga para frente e segura minha mão.

— Não está feliz, Whit? Você quis isso por tanto tempo. O que está te chateando?

Engulo em seco e percebo que o que estou prestes a dizer soa idiota, até mesmo para mim.

— Ele quer fazer parte da vida do bebê.

Jogando a cabeça para trás mais uma vez, Addison cai na gargalhada.

— Ah, garota, tente manter esse homem longe de você ou do bebê e se meterá na maior luta da sua vida. É melhor ceder. Renegade Kepler sempre consegue o que quer. Ele te quis por anos e, veja só, ele conseguiu, mesmo que tenha sido só por uma noite.

A percepção de que ela está certa só me deixa ainda mais assustada.

Capítulo 09

Renegade

Embora seja necessário, preencher papelada é a coisa que mais odeio neste trabalho. Em geral, tento fazer tudo logo após o fim da operação, mas esta noite minha cabeça está em outro lugar – ou melhor, em outra pessoa: uma certa madame sulista que, de joelhos, parece uma atriz pornô.

Balançando a cabeça, volto a me inclinar sobre a papelada e continuo escrevendo meu relatório.

Mantenho-me em silêncio enquanto avanço mais para o interior da floresta. Estou em alerta máximo, minha respiração devagar e constante. Todos os meus sentidos estão atentos aos arredores. Adrenalina pulsa em minhas veias, fazendo o suor escorrer pelas minhas costas sob o colete à prova de balas. É por esse exato motivo que uso as luvas de couro: para que a arma não escorregue em minhas mãos quando meu coração começar a martelar e minha cabeça a divagar entre todos os cenários possíveis.

Paro por um momento e me concentro em mascar o chiclete, permitindo-me recuperar o equilíbrio. Localizo Ace mais à frente e ele sinaliza para que eu pare. Minha reação é imediata. Escuto o mesmo que ele. São pessoas conversando, contudo não conseguimos distinguir as palavras. Observando as árvores que nos cercam, vejo que se tornaram pretas – uma consequência do uso de destiladores. Estamos perto.

No silêncio, escutamos um tiro. No mesmo segundo, Ace e eu nos jogamos no chão e a bala acerta uma árvore atrás de mim.

— Filho da puta — resmungo em um sussurro. Eles têm um vigia desta vez.

De volta à realidade, continuo preenchendo o relatório, balançando a cabeça ao perceber quão ousadas são algumas das pessoas com quem lidamos. No fim, conseguimos invadir o complexo e prender os suspeitos. Foi um dia longo, uma noite ainda mais longa e, agora, tudo o que quero é tomar um banho e cair na cama.

— Já está indo embora? — pergunta Holden enquanto coloco minha assinatura digital no relatório, subo para o servidor e fecho meu computador de trabalho.

— Com certeza, a não ser que precise de mim para mais alguma coisa.

Pego minha jaqueta, mas não a visto. Estou todo sujo e não

gosto de lavar roupa.

— Não, só queria que soubesse que você foi bem hoje — ele diz, me dando um aperto de mão. Suas palavras significam muito. Sou o mais jovem e mais recente membro da equipe. Trevor é seis meses mais velho e reforça isso sempre que possível.

— Obrigado. — Sinto uma pontada de orgulho. Quando mais novo, nunca me orgulhei de nada. Não da merda de trailer em que morávamos, da porcaria da caminhonete caindo aos pedaços que meu pai às vezes dirigia para me levar à escola ou da bosta de lanche gratuito que recebia todos os dias na cantina. Desde que comecei a trilhar meu próprio caminho, orgulho é algo que sempre valorizo. — Fico feliz em saber e estou trabalhando duro para mostrar que pertença a este lugar.

— Acredite — Holden fala —, você não está passando despercebido. Valorizamos o trabalho que vem fazendo.

Não consigo expressar o quanto isso significa para mim. Tenho satisfação no meu trabalho e na maneira como me comporto, porque são as únicas coisas sobre as quais já tive algum controle na vida.

— Não irei te decepcionar — afirmo no caminho até o estacionamento.

— Isso nem passou pela minha cabeça, meu caro.

Entro na minha caminhonete e me permito relaxar. Só então percebo como estou cansado e a intensidade de tudo o que passei nos últimos dias. É demais para digerir; preciso aliviar o estresse o mais rápido possível. Minha cama com certeza está chamando meu nome.

.....

Meu apartamento não é grande coisa, mas é meu. Não preciso me preocupar em dar de cara com um pai bêbado ou drogado, ou escutar as lágrimas de uma mãe que não é forte o suficiente para ir embora e escapar de seus próprios demônios. O silêncio é meu amigo. Não sou uma dessas pessoas que necessitam de alguma coisa tocando ao fundo o tempo todo. Gosto do silêncio.

Tive tão pouco dele na vida.

Coloco as chaves no balcão da cozinha e, quando tiro o celular do bolso da calça jeans, vejo uma mensagem não lida de Whitney.

— Merda.

W: *Talvez possamos jantar amanhã em um lugar neutro e chegar a*

um acordo sobre o que nós dois queremos. Não pretendo dificultar as coisas para você e acredito que seja possível alinhar nossos pensamentos.

Uma bandeira branca que eu seria burro de não aceitar. Preciso me agarrar a ela. É isso que quero, fazer parte da vida do meu bebê. Não abrirei mão disso. A essa altura, farei o que ela me pedir só para ficar perto deles.

R: *Irei te buscar amanhã às seis da tarde. Podemos ir até Birmingham, assim não encontraremos ninguém conhecido. Precisamos resolver tudo antes de anunciar. Quero que contemos juntos para Trevor.*

Espero que ela aceite meu pedido. É importante contar para Trevor. Não gosto de esconder nada dele e nunca o fiz. Ele sempre esteve ao meu lado, não importava o que acontecia na minha vida. Era uma das únicas pessoas que sabia o que se passava na minha casa durante nossa adolescência. Nunca traiu minha confiança e não quero trair a dele.

Meu celular apita quando sua resposta chega.

W: *Combinado, mas vou sozinha. Se as coisas não se desenrolarem bem, não quero que tenhamos que voltar em um silêncio sepulcral. Vamos conversar melhor sobre isso amanhã à noite.*

Sentindo-me melhor do que estive o dia todo, termino de esvaziar meus bolsos e tiro as botas, colocando-as perto da porta de entrada. O tempo no exército e a criação que tive me tornaram um homem organizado. Não gosto de bagunça, de coisas fora do lugar, e odeio pontas soltas. Esse é um dos motivos pelos quais tenho que resolver minha situação com Whitney – preciso saber qual é o meu papel em sua vida. Depois de anos sem saber o meu lugar, prometi a mim mesmo que sempre teria certeza da minha posição.

Pegando uma toalha, tiro minhas roupas e as coloco no cesto. Ao entrar no chuveiro, ligo a água quente e espero que atinja a temperatura desejada. Mais do que tudo hoje, preciso que essa água arranque a sujeira de mim e revele o homem que me tornei ao invés do garoto que fui.

Capítulo 10

Whitney

Acho que nunca estive tão nervosa. Passo as mãos pela calça jeans que estou usando na tentativa de secar um pouco do suor que se acumula nas palmas. Quando entro no estacionamento com minha SUV e encontro uma vaga, vejo Ryan na caminhonete já estacionada. O cara é pontual. Olho para o relógio no painel apenas para constatar que estou quinze minutos adiantada, o que me faz questionar há quanto tempo ele está aqui. É possível que estivesse duvidando que eu de fato apareceria.

Ele sai assim que me vê e caminha em direção ao meu veículo. Não posso deixar de observá-lo enquanto anda pelo asfalto. Tem alguma coisa em suas passadas que demonstra autoridade. Seu olhar está sempre erguido, nunca para baixo, as mãos enfiadas nos bolsos. O jeans que usa é largo na medida certa e a camiseta preta abraça seu corpo, os óculos aviadores lhe conferindo um ar misterioso. Somando tudo isso às botas de combate, parece ser o dono do lugar. Minhas mãos tremem quando tiro a chave da ignição e pego minha bolsa. Aquela caminhada é o suficiente para me fazer entender que ele veio para jogar pesado e que não vai desistir tão fácil quanto imaginei.

Minha porta se abre e ele estende a mão.

— Oi. — Ele sorri de canto e, ao subir os óculos de sol para o topo da cabeça, entendo o porquê de eu ter cedido com tanta facilidade naquela noite: foram esses olhos castanhos cheios de vida e o maldito sorrisinho. Quando eles entram em meu campo de visão, imagens de sua cabeça entre as minhas pernas e os lençóis revirados surgem em minha mente. Tudo o que não preciso lembrar agora.

— Oi. — Seguro sua mão e deixo que me ajude a descer. Parte de mim quer se manter fechada e projetar a imagem da mulher fria que costumo criar quando preciso manter minhas emoções fora de cena, mas a outra parte quer curtir este momento. Ryan sabe aproveitar a vida e eu gostaria tanto de ser como ele. Talvez possa deixar que me ensine coisas fora do quarto. A única coisa que tenho de fazer é lhe dar uma chance, e essa é a parte mais difícil.

— Está com fome? — pergunta ele, tentando preencher o silêncio constrangedor entre nós.

Não comi muito hoje por conta do nervosismo, então respondo com honestidade:

— Morrendo, só que estou nervosa com a nossa conversa.

— Merda, Whit, não quero que fique nervosa com isso. Não precisamos decidir nada hoje, mas acho que devemos respeitar os desejos um do outro ou ao menos tentar chegar a um acordo.

É uma postura madura e tenho que admitir que estou orgulhosa dele, no entanto isso não facilita as coisas. Queria que ele fosse irracional, que me desse um motivo para pedir que saísse da minha vida para sempre, só que isso não acontece. Ele não quer que eu passe por isso sozinha e está sendo mais do que compreensivo.

— Também espero que possamos fazer isso.

Renegade

Sinto que estou falhando em algum tipo de teste pelo qual nem sabia que estava passando. Já estamos sentados aqui há mais de uma hora e ainda não tocamos no assunto do bebê. A conversa até agora foi forçada e trivial. Whitney é uma verdadeira *lady* pisando em ovos; no entanto, está na hora de agitar as coisas.

— Já comemos e jogamos conversa fora, então será que agora podemos falar sobre o assunto que nos trouxe aqui? — pergunto, ajeitando-me no assento para chegar um pouco mais perto. Vejo quando seu corpo enrijece e ela fica na defensiva.

— É, acho que sim. — Apesar da concordância, percebo que é a última coisa que quer fazer.

Espero que ela dê início à conversa, mas quando nenhuma palavra é proferida, noto que é aqui que devo agir como homem e garantir que tudo seja dito. Sua hesitação é um pedido de ajuda e não posso ignorar como seus olhos brilham, piscando nervosos.

— Vou dizer o que quero e então você me dirá se é possível ou não, está bem?

Ela assente, tomando um belo gole de água.

— Quero fazer parte da vida desse bebê. Quero estar presente nas consultas e nas aulas de Lamaze. Em um mundo perfeito moraríamos juntos, porque não quero que tenha que passar por tudo sozinha, mas sei que não estamos prontos para isso ainda.

Seus olhos se arregalam, o rosto pálido como o de um fantasma.

— Morar juntos? Como um casal de verdade?

— Sim — confirmo. — Não sei se Trevor te contou alguma coisa, mas não tive a melhor das infâncias. Não costumo compartilhar essas histórias com muitas pessoas.

Ela nega, balançando a cabeça.

— Trevor nunca me disse nada.

— Ele é um bom amigo. Não quero entrar em detalhes agora, então basta dizer que sempre quis ter filhos do jeito certo.

Whitney se aproxima de mim.

— Eu também, só que o destino teve outros planos para nós. Prometo que irei te deixar atualizado sobre o bebê, mas não posso garantir que um dia teremos um relacionamento, Ryan. Não posso fazer isso.

Um pedaço do meu coração adolescente se parte em meu peito e flutua ao redor, batendo contra o osso. Coloco a mão no meu esterno e esfrego. Escutar essas palavras foi mil vezes mais doloroso do que sempre achei que seria.

— Entendo.

— E quero que saiba que não é porque não te acho atraente. Porque eu acho. Acho que é um homem maravilhoso, só que, às vezes, atitudes desesperadas nos colocam em situações em que nunca nos colocaríamos em sã consciência.

Quero que essa mulher saiba que não sou um garoto idiota. Tenho uma cabeça muito boa. Já fui para a porra de uma guerra, pelo amor de Deus.

— Tipo entrar para o exército aos dezoito anos só para poder se afastar dos pais de merda? Acredite, Whit, sei tudo sobre situações desesperadoras. Esta não é a minha primeira.

O choque está estampado em seu rosto e parte de mim fica feliz com isso. Ninguém deveria presumir que sabe tudo da vida do outro ou julgar pelas aparências. Um sorriso pode esconder uma dor inimaginável.

— Vou te mandar uma mensagem com os horários das consultas — diz ela, determinação estampada em seu rosto.

Ótimo, agora ela sabe que não irei a lugar nenhum e isso é exatamente o que quero.

Capítulo 11

Whitney

Até agora, tenho tido bastante sorte. Com exceção de algumas poucas vezes, o enjoo matinal não deu sinal de vida. Hoje, no entanto, isso mudou da água para o vinho. Dou uma olhada no espelho e aperto minhas bochechas na tentativa de devolver alguma cor a elas. Ainda posso sentir o gosto nojento na boca uma vez que não tenho pasta de dente ou enxaguante bucal. Espero que não me deixe enjoada de novo. Tenho que dar um jeito nisso e me recompor.

— Tem certeza de que não quer ir para casa? — pergunta Addison quando saio do banheiro feminino pela terceira vez em uma hora. Espero que ninguém tenha percebido e pense que estou de ressaca. É a última coisa que preciso agora.

Nego com a cabeça. Ser capaz de exercer meu trabalho e me sustentar são as únicas coisas que me motivaram por anos. Que me fizeram sobreviver ao divórcio. Que me forçaram a levantar da cama todas as manhãs e encarar o dia. Independente do quão terrível fosse, eu encarava porque sabia que devia. Se desistir agora, o que será de mim? Além disso, em alguns meses serei mãe solteira. Não importa o que Ryan diga, ainda serei eu a levantar de madrugada e fazer tudo sozinha. Por mais que ele tenha suas próprias convicções sobre o que deve dar ou o que acha que eu mereça, não espero nada dele. Estou acostumada a fazer as coisas por conta própria.

Coloco uma bala de hortelã na boca, a única coisa que parece ser capaz de acalmar um pouco meu estômago hoje, e endireito os ombros.

— Estou bem — falo. — Terei que aprender a conviver com isso. Esse bebê não vai sair daqui, nem tão cedo. — É o que passei a manhã inteira repetindo a mim mesma.

— Tudo pronto, Whitney?

Viro-me para encarar a mãe da noiva e torço para que minha aparência não esteja tão deplorável quanto há alguns minutos – ou que não reflita o estado lastimável em que me sinto. Ela é uma das clientes mais importantes que já tive e não posso estragar tudo.

— Sim — respondo, repassando todos os itens na mente. Pelo menos tenho certeza de que não estou mentindo. Posso fazer meu trabalho da melhor maneira possível sem que ninguém saiba que a criança em meu útero está acabando com o meu estômago. — Diga a

Peyton que ela já pode sair, vou começar a providenciar tudo. As coisas vão acontecer na mais perfeita ordem.

Assisto enquanto a mãe da noiva volta para a suíte nupcial e dou uma bronca em mim mesma. Os meus problemas não podem arruinar a experiência da minha cliente. Tenho que colocá-los de lado e fazer com que este dia seja perfeito para as pessoas que estão me pagando. Minha reputação e meu negócio dependem disso. Com a licença-maternidade se aproximando, precisarei juntar o máximo de dinheiro que conseguir.

Addison está ao meu lado, segurando meu braço. Não tenho certeza se para chamar minha atenção ou para garantir que eu fique de pé.

— Vou verificar se está tudo pronto, mas se todos fizeram seus trabalhos direito, acho que não teremos problemas.

Só contrato os melhores e sei, sem sombra de dúvidas, que não teremos. A balinha de hortelã acabou, então pego uma bolacha de água e sal do meu estoque de emergência e torço para que ela fique no meu estômago. Jamais dependerei de alguém de novo para trilhar o meu caminho neste mundo. Mesmo que esse alguém se chame Renegade, tenha braços de aço e olhos nos quais eu poderia me perder. Tenho que provar a mim mesma que posso fazer isso sozinha.

Renegade

No campo de tiro, estou no meu ambiente. É um lugar no qual posso controlar todas as variáveis e aliviar a raiva e a ansiedade enquanto me concentro no pedaço de papel à minha frente. É importante que mantenhamos nossas habilidades afiadas, mas também é algo que me acompanha desde os meus tempos no exército.

— Já pensou em ser um franco-atirador? — pergunta Holden ao meu lado, avaliando meus tiros.

Acertei algumas balas no coração e na cabeça da silhueta de papel e fiquei contente ao notar que não perdi o jeito. Não importa qual seja a situação, ainda sou bom sob pressão e posso proteger quem for preciso.

— Pensei sim, até me inscrevi no curso, mas não consegui ir — admito.

É difícil explicar para quem não é familiarizado com o estilo de vida militar que, pelo menos para mim, matar ou ser morto é diferente

de ser um assassino profissional. Sempre achei que ser um franco-atirador nada mais é do que colocar uma recompensa na cabeça de alguém, e minha consciência nunca permitiria isso.

Em retrospecto, é possível que isso esteja relacionado com o fato dos meus pais sempre me colocarem em situações em que era forçado a tomar uma decisão, me privando de toda e qualquer escolha. Tenho dificuldade em fazer o mesmo com os outros, por isso nunca quis colocar uma bala na cabeça de alguém.

Acho que é por isso que não estou conseguindo aceitar que Whitney tome todas as decisões a respeito do bebê. Ainda assim, estou tentando conter a necessidade dentro de mim que diz que, se ela não ceder, terei que forçá-la a me deixar participar.

— Está tudo bem? — pergunta Holden. Percebo que estou parado como um idiota, segurando a arma e olhando para o nada.

Holden é o nosso líder. Em tese, se alguma coisa está me incomodando, ele é a primeira pessoa com quem eu deveria conversar. É óbvio que Trevor está fora de cogitação, o que explica o porquê de eu contar tudo em um só fôlego:

— A irmã do Tank e eu vamos ter um bebê e ele ainda não sabe.

Holden fica quieto por um minuto antes de assobiar.

— Puta que pariu, Renegade. Ele vai te matar.

Não me diga. Pelo menos, estando aqui no campo de tiro, me preparo para o inevitável.

Whitney

Já são quase dez da noite quando viro na minha rua. Estou exausta e bocejando, mas feliz. O casamento foi impecável. A noiva estava feliz, o noivo estava feliz e a daminha de honra conseguiu chegar até o altar antes de ter uma crise de choro. No geral, foi uma noite maravilhosa. Minha equipe e eu demos o nosso melhor e isso me deixou esgotada. Quando os noivos e convidados receberem as fotos, espero que não percebam quão pálida e cansada eu estava, ou como o resto da equipe estava morto ao fundo. Com sorte, tudo o que verão é como tornamos seu sonho realidade e proporcionamos a melhor noite de suas vidas.

— Merda — resmungo quando paro na garagem e desligo a

SUV. Longe o bastante para não ser vista logo de cara, avisto a caminhonete de Ryan estacionada. E, considerando a luz acesa na minha casa, vejo que ele entrou por conta própria de novo.

Pegando minha bolsa e meus sapatos, que tirei horas atrás e troquei por chinelos devido à dor em meus pés, saio do carro. Caminho devagar até a porta dos fundos antes de entrar. Não estou preparada para o que me aguarda.

Ryan está de pé na frente do fogão, cozinhando alguma coisa que tem um cheiro delicioso. Minha boca saliva e só então percebo quanto tempo faz desde que comi.

— Vejo que está bem à vontade — brinco ao colocar a bolsa e os saltos caros no aparador.

— Deveria me dar uma chave logo, amor. Assim não preciso ficar invadindo pela porta de trás. — Ele balança seu chaveiro em minha direção.

Não sei ao certo como me sentir com a possibilidade de ele ter a chave da minha casa. Não é algo que me gera ansiedade ou medo, no entanto não tenho certeza se quero abrir mão da liberdade com a qual já me acostumei. Ao invés de responder, dou um pequeno sorriso e uma resposta evasiva:

— Veremos. — Puxo uma cadeira do balcão e me afundo nela com um suspiro de satisfação.

— Dia longo?

Assinto enquanto dou uma boa olhada nele. De fato, é tão delicioso quanto o que quer que esteja cozinhando. O jeans realça a curva de sua bunda e a blusa se agarra em suas costas a ponto de me fazer querer arrancá-la. Desde a noite em que ficamos juntos, meus sonhos têm sido atormentados pelas lembranças. Embora nunca tenha sido uma pessoa que tem necessidade de sexo, agora todos os meus sonhos são uma repetição detalhada do que fizemos para gerar essa criança.

— Está com fome? — Quando ele se vira para mim, estou ofegante. Renegade é um homem muito atraente.

— Faminta. — É então que percebo que não preciso mentir. A dificuldade para comer se foi e acho que seria capaz de atacá-lo e arrancar seu braço com uma mordida.

— Ótimo. — Seu sorriso faria qualquer garota derreter. — O jantar está servido.

Devagar, levanto do balcão e o sigo até a mesa de jantar onde

dois lugares já estão dispostos. A experiência com meu ex me faz questionar o que é tudo isso, porém, apenas uma vez, colocarei minha desconfiança de lado e aproveitarei o que esse momento de fato é: um cara legal cozinhando para a mulher que, sem querer, ficou grávida do seu bebê.

Capítulo 12

Renegade

Ela parece exausta mesmo sob a luz das velas. Infelizmente, não sei muito sobre o seu trabalho, porém, considerando que entrou em casa com os saltos na mão e chinelos no pé, deduzo que deve ficar muito tempo em pé nos eventos que planeja.

— Como foi o seu dia? — Dou uma mordida nos aspargos e quase solto um gemido. Tem três coisas que faço bem: cozinhar, foder e derrotar os bandidos.

Vejo-a dar uma garfada nas costeletas de porco cobertas com creme de cogumelos e engolir com delicadeza. O movimento de sua garganta me hipnotiza e tenho que me ajeitar na cadeira, o que é um pouco vergonhoso.

— Foi longo, mas bom.

Ela se limita a isso e, para ser sincero, não é o suficiente. Se vamos mesmo fazer isso, quero saber o máximo que puder sobre sua rotina. Agora, tudo o que sei é o que ela conta para o irmão que, por sua vez, desabafa comigo.

— Teve um evento?

— Um casamento. — Ela sorri. — Foi lindo. Era um casal de jovens, muito apaixonados, que ainda não foram arruinados pela realidade da vida. Foi lindo de se ver.

Tenho um pressentimento de que é ela quem foi arruinada e considero se vale a pena tocar no assunto. No fim das contas, sou do tipo que tem que saber de tudo. Não fujo das partes ruins, esperando que me contem apenas o que há de positivo. Coisas boas, coisas ruins – todas elas fazem parte do que chamamos de vida, e já vivi o suficiente para saber que é impossível ter uma sem a outra.

— Você foi arruinada pela realidade da vida?

A pergunta parece pegá-la de surpresa. O copo d'água para no meio do caminho em direção à sua boca e ela o coloca na mesa, seguido dos talheres. Afastando o cabelo do rosto, seus olhos azuis buscam os meus.

— Quer honestidade?

— Sempre. Não sobrevivi a duas idas ao Iraque mentindo para mim mesmo. — Tomo um gole de cerveja para acalmar as batidas do

meu coração.

— Não sei se já amei Stephen da mesma forma que esse casal de hoje se ama — diz ela, quase em um sussurro.

Isso é um grande avanço e, apesar de não saber ao certo o que a motivou, fico grato pela confissão. Noto que ela ainda está falando e me forço a prestar atenção.

— Quando um homem te pede em casamento, você fica tão envolvida na pompa e cerimônia de tudo. Mamãe e papai ficaram tão animados e felizes por mim.

— E quanto a você? — Acho que fui a primeira pessoa que pensou em fazer essa pergunta.

Ela dá de ombros, os olhos brilhando.

— Eu me senti como uma adulta. Pela lógica, era o próximo passo da minha vida e senti que deveria dá-lo. — Ela respira fundo. — Trevor me perguntou sobre isso na véspera do casamento, se eu tinha certeza de que queria fazer aquilo. Falei que ele era louco por me fazer aquela pergunta. Quando olho para trás agora, acho que ele era o único que via que Stephen não era o homem que parecia ser.

Ficamos em silêncio por um bom tempo e então, em um acordo não verbal, voltamos a comer.

Penso muito antes de dizer qualquer coisa porque não sei como minhas palavras serão interpretadas, entretanto tenho que dizê-las.

— Whit, quero que saiba que sou tudo o que você pensa que sou, e também tudo o que pensa que não sou.

Sua testa se franze em confusão.

— Não sei se entendi o que quis dizer, Ryan.

— Tudo bem. Um dia você entenderá.

É uma promessa que faço para nós dois. Não serei apagado da sua vida como Stephen foi, porque não darei motivos para tal.

Whitney

Estou morta de cansaço, porém, ao mesmo tempo, não quero que Ryan vá embora. A noite tem sido agradável e confesso que ter alguém preparando o jantar para mim é algo novo. Stephen com certeza nunca fez isso. Ele sempre esperou que a comida já estivesse

na mesa quando chegasse do trabalho, independente do dia que eu tivesse tido. Certa vez, o confrontei sobre isso e foi o que bastou para que eu aprendesse a nunca mais fazer de novo.

Escondendo um bocejo com a mão, lanço um olhar para Ryan.

— Está cansada? — A pergunta é gentil.

Seu tom me faz pensar que ele já sabe a resposta, mas quer que eu admita que não sou a Mulher-Maravilha. Às vezes, tenho essa mesma vontade e acho que, de todas as pessoas com quem estive, ele é a única para quem posso responder a esta pergunta com sinceridade.

Assinto antes de dizer qualquer coisa. Mais cedo, ele queria honestidade e não vejo por qual motivo não iria querer de novo.

— Exausta. — Sorrio. — Mas é o tipo de exaustão que eu amo. Minha equipe e eu fizemos um bom trabalho e a noiva estava feliz. Posso ir para a cama hoje com um sorriso no rosto.

Estamos no sofá, meus pés no colo de Ryan enquanto ele massageia os pontos doloridos. Seus dedos fazem um trabalho maravilhoso, relaxando os nós de vários músculos e me dando sono. Estou mais relaxada do que estive em semanas. Ele pode se tornar um massagista se essa coisa toda de força-tarefa não der certo.

No exato momento em que estou prestes a mergulhar na sensação incrível que está me proporcionando, ele olha para mim, as sobrancelhas erguidas.

— Com que frequência vai para a cama com um sorriso no rosto?

Maldito seja ele e suas perguntas. Isso vai além do que estou disposta a compartilhar. Sei que é o seu jeito de me conhecer melhor, de provar para mim que não posso fazer tudo sozinha, mas estamos tendo um momento tão bom juntos que isso me irrita. Considero mandá-lo à merda, no entanto essa não sou eu e estou tentando ser melhor. Estou mais forte do que nunca e não quero fugir de nada.

— Às vezes — respondo com sinceridade. — Com mais frequência do que antes. Quando estava com Stephen, era difícil ficar feliz com qualquer coisa, porque eu estava sempre pisando em ovos. Tinha medo de aborrecê-lo, então meio que esqueci o que era felicidade. Mas estou reaprendendo. Todos os dias encontro alguma coisa que me faça gargalhar ou sorrir e me agarro nela. A psicóloga que me atendeu logo após o divórcio disse que eu lembraria como ser feliz de novo, e estava certa. Fica mais fácil a cada dia. — Flexiono o pé contra sua mão. — Se continuar com essa massagem, com certeza irei para a cama com um sorriso no rosto.

É ele quem sorri agora, os dentes brancos contra a barba escura. Nunca tinha notado as marcas de expressão em torno de sua boca, o que significa que ele sabe o que é ser feliz. Talvez possa me ensinar e consigamos ser felizes juntos. Com essa vida que geramos, a maneira que nossos mundos estarão interligados no futuro, é possível que criemos algo que nunca fui capaz de criar com o meu ex-marido. Afasto esses pensamentos quando percebo que ele está falando.

— Meu plano é ser indispensável para você. Quero te mostrar como sou agradável de se ter por perto.

Em um súbito momento de lucidez do qual sei que irei me arrepender pela manhã, inclino-me e dou um beijo casto em seus lábios. Sinto-me mais próxima dele do que de qualquer outra pessoa em anos, mas não quero pensar muito sobre isso. Sei que é em parte por causa do bebê e da maneira como cuidou de mim esta noite; no entanto, é na outra parte que temo pensar. Quando estiver pronta, aí sim me preocuparei com ela.

— Sabendo disso ou não, você já é indispensável.

Suas mãos congelam em meus pés e ele mergulha para outro beijo assim que me afasto. Sua respiração é quente quando força meus lábios a se abrirem, e eu paro de relutar. Rendo-me, porque estou cansada de tantas coisas. Permito-me derreter no estofado quando ele me empurra contra as almofadas, seu corpo sobre o meu. Percebo que toma cuidado para não colocar o peso sobre mim, mas o calor que emana é o que basta para me fazer abraçar seu pescoço e puxá-lo para um beijo profundo. Por uma fração de segundo, sinto sua língua brincar com a minha, uma corrente elétrica percorrendo meu corpo quando ele a desliza pelo céu da minha boca, sem deixar nenhum espaço intocado. Sua possessão dos meus lábios é tão intensa quanto a do restante do meu corpo. Se não tomar cuidado, esse homem irá me possuir de uma forma diferente da que Stephen só sonhou.

O beijo parece durar para sempre e, ao mesmo tempo, não o bastante. Sinto sua mão afagar minha bochecha quando ele começa a afastar o corpo e solto um gemido assim que nossas bocas se separam.

Ele apoia a testa na minha, ofegando. Quando se inclina para trás e me encara, vejo como seus olhos estão carregados de desejo e, ao mesmo tempo, são tão gentis.

— Você está cansada, Whit. Vamos para a cama.

Sorrio, sentindo-me um pouco ousada. Não sei ao certo o que quero esta noite, só sei que não quero ficar só.

— Vou pelo corredor sozinha desta vez?

Minhas palavras parecem surpreendê-lo, deixando-o mudo por um tempo.

— A decisão é sua, só saiba que não ficaremos pelados. Você precisa dormir.

Não posso evitar a decepção que se forma em meu peito. Queria ficar nua e sentir o seu calor de novo, no entanto ele tem razão. Estou mais cansada do que pensei que estivesse e, se me permitir relaxar, sei que vou apagar rápido.

Uma ideia surge e eu a verbalizo antes que possa engolir as palavras de volta:

— Está dizendo que vamos ficar de conchinha?

Quero muito que ele dê a resposta certa, porque até agora só falou as coisas mais perfeitas. Ao menos uma vez quero que alguém não me decepcione. Stephen nunca me abraçou quando precisei e só Deus sabe que foram muitas as noites em que ansiei por esse carinho. As poucas vezes que pedi ele riu de mim e disse que eu era fraca por precisar daquilo. Quero muito que Ryan seja o homem que acho que é. Que possamos ficar perto um do outro. Com os anos, passei a odiar Stephen e, no final, já não aguentava mais ficar perto dele. Foi então que percebi que tínhamos que nos divorciar. Não aguentaria mais viver aquela vida.

Passar pelo divórcio foi a parte mais difícil. Ele lutou por cada pequena coisa que eu quis que ficasse comigo. Então, decidi que não assinaria os papéis. Todas as noites, durante um ano e meio, perguntei a Deus o que eu havia feito de errado. Como havia aceitado um homem daqueles em minha vida, no meu coração e na minha cama. Eu era mesmo uma péssima julgadora de caráter, incapaz de diferenciar o ruim do bom? Aquilo me fez questionar cada maldita coisa que já tinha feito. No entanto, aqui, esta noite, com Ryan, quero que ele seja o homem que acredito que seja. Não vou questioná-lo, porque quero acreditar que é exatamente o homem que diz ser. Hoje, escolhi acreditar nisso por mim e por essa criança que carrego.

Quando sua resposta enfim chega, é em um tom sério e grave. Posso ver verdade em seus olhos e, se olhar bem fundo, consigo enxergar que está surpreso com meu pedido. Também estou, porém, se não começar agora a corrigir algumas coisas, não sei em que bagunça meu bebê vai nascer. Preciso ser forte por ele ou ela. Não apenas ser independente, mas também saber quando pedir ajuda. Esta noite, quero seus braços me envolvendo, sentir seu corpo contra o meu e deixar que me ajude.

— Pelo tempo que quiser, ou até que me force a ir embora.

Sob a luz tênue da minha sala de estar, com seus olhos me encarando assim, não tenho certeza se quero que ele volte a me soltar.

Capítulo 13

Renegade

Dormi só umas três horas. Não queria perder nenhum momento, porque tenho certeza absoluta de que Whitney me deixar ficar em sua cama não será algo que vai acontecer com frequência. Ela estava frágil na noite passada. Precisava ser cuidada por alguém e foi forte o suficiente para me deixar fazer isso.

Não tenho dúvidas de que, assim que acordar e perceber que ainda estou em sua casa, vai me colocar para fora. Estou tranquilo com isso? Não muito, mas não estou em posição de demandar nada. Quero que tenhamos uma relação amigável. Além do mais, ela é quem tem o poder de decidir se posso ou não conviver com o bebê, então quero ser um cara bacana e confiável.

Pelo que pude entender, seu ex-marido não era assim. Quero ser diferente, um homem bem melhor do que ele jamais sonhou ser.

No entanto, tem uma coisa que não posso negar: o quão certa é a sensação de tê-la em meus braços. Em algum momento no meio da noite, ela se aninhou a mim. Aproveitando a situação, eu a puxei para o meu peito e desde então não a soltei. Muitos dos meus sonhos adolescentes envolviam essa cena. Quer saber? Não me envergonho de dizer que também me ajudou a suportar algumas noites difíceis no Iraque. Por lá, você deve se agarrar ao que for que te tranquilize o suficiente para que consiga pegar no sono, e Whitney foi essa pessoa para mim.

Quando ela começa a se mexer, fico nervoso. Ainda não quero ir embora. Preciso conhecê-la melhor. Como será que gosta do café? Qual é a primeira coisa que faz depois de acordar? O que come no café da manhã? Ela usa um robe? Gosta de tomar banho pela manhã? Essas são coisas que a maioria das pessoas aprende sobre o parceiro em um relacionamento, contudo não sei se terei a mesma oportunidade.

— Ryan, precisa me soltar agora — diz ela com urgência.

Não sei por que, mas nem questiono. Em um piscar de olhos, ela pula da cama e corre para o banheiro. Segundos depois, eu a ouço esvaziar o estômago. O som é horrível e me faz querer vomitar também, mas me controlo. Minha luta para fazer parte desta jornada inclui momentos como este, e preciso estar ao seu lado.

Levanto e vou atrás dela, fazendo uma careta quando a ouço

vomitara uma segunda vez. Ryan Kepler pode aguentar essa merda – imagino que, se repetir o suficiente, vai funcionar. Vendo-a debruçada sobre o vaso sanitário, faço o que qualquer outro homem que se preze faria: inclino-me atrás dela e seguro seu cabelo, esfregando suas costas com movimentos reconfortantes.

— Não tem que ficar aqui — ela consegue dizer, tentando retomar o fôlego.

— Até parece. Não vou a lugar nenhum.

Espero que perceba a sinceridade das minhas palavras.

.....

— Sei que não pode tomar café normal, então tem descafeinado? — pergunto ao perambular pela cozinha de Whitney, que já é quase tão familiar quanto a minha. Se é a única maneira que posso cuidar dela, então que seja. Estou aceitando qualquer coisa.

Ela está inclinada no balcão com a cabeça apoiada nas mãos quando responde:

— À sua esquerda.

Abro o armário e vejo o saco de café.

— Precisa de mais alguma coisa? Uma torrada a faria se sentir melhor?

Tento não me atentar ao fato de que estou sem camisa e ela ainda está de pijama. Já nos vimos nus, é verdade, mas isso é mais íntimo do que qualquer outra coisa que já fizemos.

— Uma torrada seria ótima. — Ela sorri de leve.

É perceptível quão pálida e trêmula está. É nesse instante que o seguinte pensamento me ocorre: ela faz isso sozinha toda manhã. Não tem ninguém aqui para ajudá-la. Ela faz o que tem que fazer e então vai trabalhar, depois volta para casa e tem que cuidar de si mesma de novo. Isso é tão errado. Não é assim que quero que as coisas aconteçam e espero que ela compartilhe da minha vontade. A única forma de provar que sou indispensável é estar presente sempre que precisar de mim.

— É pra já. Sem nada?

— Sim. — Ela dá uma risadinha. — Tentei colocar manteiga uma vez. Nosso bebê não gostou nadinha.

Fico sem fôlego quando menciona o bebê. Não tenho ideia de

como responder, mas dou o meu melhor:

— Então quer dizer que já temos uma criança exigente? Devo dizer que não puxou a mim — brinco com um sorriso no rosto.

— O quão verídica é essa afirmação? — Ela levanta a cabeça e me lança um olhar carinhoso. — Lembro que você e Trevor comiam rolinhos de pizza com mel. Tipo, quem faz isso? Parece tão nojento.

— É aquele lance do agridoce — defendo minhas escolhas alimentares. — Além disso, nem posso mais comer essas coisas hoje em dia. Tenho que manter este corpinho. — Passo a mão pelo meu abdômen. — Preciso de um monte de abdominais e levantamento de peso para continuar em forma.

Seus olhos seguem minha mão e não posso deixar de me sentir um pouco convencido e vaidoso. Então ela gosta do meu corpo? Posso lidar com isso. Quando a torradeira apita, retiro as duas fatias de pão e coloco no prato de isopor. Assim que o café termina de coar, pego a cafeteira e levo tudo junto para o balcão.

— Olhe só para você, fazendo café da manhã para mim com pinta de dono de casa. — Ela se serve de um pouco de café e começa a bebericar.

— Também preparei o jantar ontem à noite. Se deixar, tem muita coisa que posso fazer para você. — Dou uma piscadela, torcendo para que as palavras não soem tão provocativas para ela como soaram para mim.

Tomando outro gole, Whitney parece ponderar sobre o que acabei de dizer.

— Vamos viver um dia de cada vez, Ryan. Entendo o quanto quer fazer parte disso e já te disse que não quero afastá-lo. Juro que não o farei. Ainda assim, peço que entenda que também preciso me proteger. Sua participação na vida desse bebê não significa que vai participar da minha vida também e entendo isso.

Não sei o que dizer. Tudo o que consigo pensar me faz parecer um maldito *stalker* e não quero assustá-la.

— Se permitir, participarei das vidas de vocês dois. Whit, quer admita ou não, acho que sabe como me sinto sobre você. Não acho que isso vá mudar, considerando que o sentimento continua o mesmo desde que cresci o bastante para entender o que era esse frio na barriga toda vez que te via. — Ela parece prestes a protestar, então ergo minha mão e a impeço. — Entendo que ainda não está pronta e talvez nunca esteja. Estou começando a entender o grande filho da puta que seu ex era. Posso esperar o tempo que for, só peço que me

deixe fazer parte disso. Permita-me estar aqui quando precisar de ajuda e provarei que pode contar comigo.

Outro gole de café, e mais alguns minutos ponderando minhas palavras. Quase consigo ver as engrenagens em sua cabeça funcionando. Estou surpreso que ainda não tenha começado a soltar fumaça. Em um determinado momento, percebo que tenho uma chance. Seus olhos se suavizam e ela me dá um sorriso de verdade, daqueles que evidenciam as linhas de expressão ao redor da boca. Sei que não se deve criar esperanças, mas já é tarde demais.

— Tudo bem. — Ela coloca a mão em meu rosto. — Estou disposta a te dar uma chance. Se quer me provar que vai estar aqui durante toda a jornada, deixarei que o faça. Para começar, podemos jantar juntos às terças e quintas — finaliza. — Se já tiver planos, só peço que me avise.

Posso fazer qualquer coisa que ela pedir. Isso vai ser mamão com açúcar.

— Não estou pedindo que cozinhe para mim o tempo todo — esclarece. — Trabalharemos em equipe, Ryan, porque temos que descobrir como fazer isso.

Seguro sua mão e deposito um beijo nela.

— Acho que já demonstramos a ótima equipe que podemos ser. Ela me encara, cética.

— Precisamos ser uma equipe fora do quarto também. Teremos que nos aguentar por pelo menos dezoito anos.

Se depender de mim, nos aguentaremos pelo resto de nossas vidas. Contudo, sei que ela ainda não está pronta para escutar isso. Talvez nunca esteja, e é um obstáculo que estou disposto a superar se chegarmos a esse ponto. Por agora, aceitarei esse presente que está me dando e farei de tudo para impressioná-la.

Vou deixá-la completamente desorientada, da melhor maneira possível.

Capítulo 14

Renegade

— A porra dessa hora não passa. — Tank boceja dentro da viatura, de onde estamos controlando a velocidade dos carros que passam em uma das ruas adjacentes à via principal. A prefeitura recebeu reclamações sobre pessoas violando a velocidade permitida nesta área residencial, só que até agora não vimos nada.

Tank não mentiu. Esse tem sido um dos dias mais arrastados que já tive nos últimos tempos. Porém, depois da última semana, até que estou gostando. Sempre que estou com meu parceiro, sinto uma culpa terrível e temo não conseguir guardar segredo sobre o bebê. Whitney e eu ainda não conversamos sobre isso e planejo tocar no assunto em nosso primeiro jantar esta noite.

Dou um sorrisinho ao pensar no jantar. Ela disse que gostaria de cozinhar nas terças-feiras, deixando as quintas para mim. Passamos os últimos dias trocando mensagens, tentando descobrir se tem algo que um de nós odeia ou que nós dois amamos. Têm sido conversas banais, mas é bom saber que estou em seus pensamentos, mesmo que seja dessa forma.

— Não passa mesmo, estou louco para bater o ponto. — Pego o celular para checar o horário. Ainda faltam duas horas.

— Topa um churrasco lá em casa? Comprei uns bifes no açougueiro outro dia.

Merda. Amo os bifes que Tank compra, mas Whitney é mais importante.

— Desculpa, cara, tenho compromisso.

— Qual é o nome dela? — Ele me encara.

— Por que acha que é uma mulher?

— Só uma pode colocar um sorriso idiota desses na sua cara.

Ajeito-me no banco, ciente de que, se esta conversa continuar, é provável que eu acabe deixando escapar alguma coisa. Sou fraco quando se trata do meu melhor amigo, que me conhece melhor do que qualquer outra pessoa no mundo.

— Sai pra lá com essa merda. Posso até abrir o bico, mas só se abrir o jogo sobre a Blaze. — Menciono o nome da paramédica que nos ajudou quando ele foi esfaqueado na mão.

De imediato, sei que não teremos nenhum tipo de confissão hoje.

— Não estou a fim. — Ele joga um chiclete na boca e masca com tanta força que tenho certeza que vai deslocar a mandíbula.

Meu celular vibra em minha mão e verifico a tela, animado ao ver uma mensagem de Whitney.

W: *Espero que goste de carne assada. Vi no supermercado e me deu água na boca.*

Ela tem tido desejos nesses últimos dias, algumas coisas que precisa comer assim que percebe que quer. Tenho a sensação de que esse é mais um deles. Olhando para a esquerda, me certifico de que Tank está concentrado em monitorar a estrada à nossa frente antes de responder.

R: *Parece ótimo, não como comida caseira há muito tempo. Pelo menos não uma que não tenha sido feita por mim.*

W: *Perfeito! Até mais tarde!*

Devolvo o celular ao bolso, tentando esconder meu sorriso antes de me deparar com a expressão de julgamento de Tank.

— Quem era?

Sei que não posso contar, mas ainda assim tenho vontade. Nunca fui bom em esconder coisas de quem me importo. É difícil não poder dividir esse segredo, não poder desabafar com ele. Tank é meu melhor amigo e quero que faça parte disso.

— Vou te contar em breve.

Ele emite um som – alguma coisa entre um resmungo e um grunhido.

— Ela deve ser das boas. Você nunca mantém suas mulheres em segredo.

— É porque sei que não vão durar muito.

— Acha que essa vai?

Por pelo menos dezoito anos... As palavras estão na ponta da língua, contudo, se jogá-las no ar, ele vai querer saber da história completa. Por isso, apenas sorrio e volto meu olhar para a rua, mudando de assunto:

— Como está a mão?

— Dolorida, mas posso dirigir agora, óbvio. — Ele aponta para

o volante.

— De verdade, estou surpreso que te deixaram dirigir. — Pelo que sei, ele não voltou no médico, mas não estamos mais tão inteirados da vida um do outro como de costume.

Um sorriso maroto aparece em seu rosto. Estou prestes a dizer algo quando uma picape passa voando por nós em um borrão preto.

— Puta que pariu, qual a velocidade dele?

Tank checa o radar.

— Passou a 137 por hora.

— Cacete, 137. Crianças brincam por aqui. — Estou puto.

Agarro a alça de segurança quando Tank engata a primeira e acende os faróis. A picape já está quase fora do nosso campo de visão. Ele pisa no acelerador e posso sentir o Dodge Charger exclusivo da polícia responder de imediato, aumentando a velocidade da nossa perseguição ao filho da puta com o pé de chumbo.

Fico responsável por informar nossa posição e a descrição do veículo enquanto Tank passa pelos cruzamentos e desvia dos civis. É hora da saída na escola mais próxima e estamos quase entrando em zona escolar.

Apertando o botão do rádio, falo com calma e clareza:

— Central, estamos nos aproximando do Colégio Fundamental Laurel Springs em alta velocidade. Podem solicitar que liberem a faixa de pedestres?

Meu coração acelera quando nos aproximamos do veículo. Agora estamos perto o suficiente para que possamos ver a placa. Passo os números e letras pelo rádio e espero que a central responda:

— Temos um Ford F-150 2009 registrado no nome de Merle Strather.

Tank e eu nos entreolhamos. Sem chance Merle estar dirigindo aquela picape.

— 10-4 — respondo antes de abaixar o rádio. — Deve ser o neto.

Tank e eu resmungamos em uníssono. Já tivemos alguns desentendimentos com o pivete. Para um moleque de dezoito anos, ele tem a mente mais sagaz que já conheci. Eu poderia ter sido igual se não tivesse entrado para o exército.

Finalmente, alcançamos a traseira da picape. Sei que ele pode

ver nossos faróis porque o vejo espiar pelo retrovisor. Coloco o braço para fora da janela e aceno.

— Encoste a porra do carro!

Quando entramos na rua da escola, vejo que já esvaziaram o local e aciono o meu rádio:

— Passando pelo Colégio Laurel Springs em direção ao sul ainda em alta velocidade. Devemos prosseguir ou abortar?

Estamos chegando a uma parte movimentada da cidade. Pais estão indo buscar seus filhos na escola e adolescentes saem das aulas do ensino médio – onde esse babaca acabou de se formar.

— Podemos entregar a multa na residência. Temos confirmação visual do neto do proprietário, Brooks Strather, dirigindo o veículo.

Ouçõ a voz de Holden no rádio. Ele também faz hora extra quando não estamos invadindo destilarias:

— Deixem pra lá, pessoal. Os policiais mais próximos entregarão a multa. Qual foi a velocidade registrada?

— 137 por hora em uma via de 56.

— Abortem. Não há motivos para alguém acabar morto por causa de um pé de chumbo. Voltem para cá com seus relatórios.

Tank dá um soco no volante com a mão boa. Ele detesta desistir de algo quando sabe que a outra pessoa está errada.

— Isso me irrita pra caralho. Ele poderia ter matado alguém e a gente o deixou ir embora. Aquela família inteira é louca.

— Sempre foram. A justiça pode até estar na cola deles agora, mas vão continuar fazendo merda. Só temos que dar corda o bastante e vão acabar se enforcando sozinhos.

Ele olha para mim.

— A que custo? Antes que alguém se machuque?

Essas são duas perguntas para as quais não tenho resposta e, ao invés de encher seus ouvidos com uma ladainha qualquer, fico quieto com os meus próprios pensamentos. A única coisa em que consigo focar agora sem me sentir um fracassado é no jantar com Whitney.

.....

Passo quinze minutos ponderando se deveria levar flores enquanto estou no supermercado comprando pão fresco. E por

ponderar quero dizer travar um debate bastante acalorado comigo mesmo. Eu me pergunto se me fará parecer desesperado ou se ela pensará que as flores significam algo a mais; no entanto, acho que já é tarde para se preocupar com isso – vamos ter um bebê. No fim, decido que ela merece as flores, independente do status do nosso relacionamento. Com o buquê de flores silvestres em mãos, que parecem menos sérias do que as rosas, vou até o caixa e coloco tudo na esteira antes que possa mudar de ideia.

Soltando um suspiro pesado, percebo que estou nervoso. Sobre o que iremos conversar? Todos os nossos encontros foram marcados pela presença da sua família ou pela memória desconfortável da noite que passamos juntos. Como podemos começar a construir uma relação? De repente, entendo: é isso que a preocupa, que tem pesado tanto em sua mente. O porquê de não conseguir aceitar que quero fazer parte da vida do bebê.

Está claro agora, como um cristal, e eu entendo. É por isso que ela acha que sou jovem demais para lidar com a gravidez e que não podemos ser um casal. No entanto, está tudo bem, porque agora tenho consciência do problema e posso resolvê-lo.

Durante todo o caminho, penso no homem que preciso ser. Tento me colocar em seu lugar e descobrir o que é esperado de mim. É difícil, porque o único exemplo que tive foi a família dela, que parece ter saído de um comercial de margarina. Percebo logo que é isso que quero, mas tenho que ter certeza de que ela está disposta e pronta também. Se meter os pés pelas mãos, vou acabar machucando todos os envolvidos.

Parando na entrada da casa de Whitney, seco as mãos suadas no jeans e faço um breve autodiscurso motivacional, dizendo ao meu coração acelerado que tudo ficará bem. Já fiz merdas mais assustadoras, difíceis e arriscadas do que essa. Porém, quando bato na porta, me pergunto o quanto esses jantares mudarão a minha vida.

Capítulo 15

Whitney

Estou ansiosa desde que ouvi sua caminhonete parar na rua. Não é muito barulhenta, mas o rugido do motor é alto o suficiente para ser identificado. Tenho certeza de que ele não tem um daqueles silenciadores irritantes iguais ao de Trevor. Além de todas as outras coisas que têm em comum na vida, eles compartilham de um amor por caminhonetes gigantes. As de ambos são inteiramente pretas, mas a de Ryan é um pouco mais alta para acomodar sua altura. Trevor ficava fazendo piadas sobre como Ryan tem Complexo de Napoleão, contudo sei que o tamanho do seu carro não é exagero. Uma onda de calor sobe pelo meu corpo quando penso em seu tamanho. Meu Deus, como sinto falta do jeito que ele me penetrou naquela noite, do seu peso bem-vindo quando estava em cima de mim e do modo que nossos olhares se encontraram no momento em que me fez gozar. Caramba, está quente aqui dentro.

Abanando o rosto, tento acalmar meus pensamentos. Esta semana tem sido horrível. Pareço até uma adolescente cheia de tesão. Precisei fazer uma pesquisa na internet para garantir que estou bem. Acontece que é algo natural da gravidez – não importa o quanto pareça anormal.

Colocando as mãos nas bochechas, ando até a porta da frente e espero ele bater. Abrir antes seria precipitado da minha parte. Sou a mais velha da relação, a que, em tese, tem mais experiência e deveria ser capaz de se controlar. Quando a batida enfim soa, espero uns trinta segundos antes de dizer “já vai”. Isso mesmo, Whitney. Aja como se não estivesse esperando por ele.

A imagem com a qual me deparo é de dar água na boca. Analisando-o dos pés à cabeça, deixo que meus olhos o devorem, por falta de um termo melhor. Seus pés estão envoltos por botas de couro, talvez coturnos – com certeza não de caubói. O jeans escuro é apertado na medida certa, o bastante para que possa se mover com facilidade, e a regata branca por baixo da camisa de flanela cinza e preta cujas mangas estão enroladas até os cotovelos exibe seu bronzeado escuro. Além disso, não deve ter tido tempo para se barbear, porque posso ver a barba rala se formando. Estremeço ao recordar a sensação dos pelos contra o meu pescoço na manhã que acordamos juntos. Adoraria sentir aquilo de novo. Quero fazer o desejo se tornar realidade; no entanto, não sei como lhe propor isso.

Seu cabelo está bagunçado de um jeito fofo, como se tivesse passado a mão neles durante todo o caminho até aqui.

— Isso é para você. — Ele me entrega um buquê de flores silvestres. — E isso é para nós. — Em sua outra mão, vejo um pão fresco.

Sequer tinha percebido o que estava segurando; a única coisa em que pude me concentrar foi a força de seus bíceps.

— Obrigada. — Quando pego as coisas, as pontas de nossos dedos se tocam e a faísca reaparece, a mesma que nos incendiou naquela noite. A chama é tão forte que suga o oxigênio do ambiente e nós dois arquejamos.

Sou a primeira a se afastar.

— Entre. — Afasto-me para abrir caminho. — Vou colocar as flores na água e então podemos comer. O jantar está pronto.

— Está com um cheiro delicioso. — Ele entra, fechando a porta. — Aliás, está maravilhosa, Princesa.

O apelido ocupa um espaço no meu coração que nunca achei que seria grande o suficiente para alguém de novo. Esteve fechado e trancado durante os anos em que estive com meu ex-marido, espantando o lado alegre da maioria das coisas. Já com Ryan... só o som da sua voz já enfraquece um pouco a fechadura. Não sei dizer se é o sotaque sulista tão parecido com o meu ou o tom provocativo que usa comigo. Ninguém nunca me provoca. Logo que alguém me vê, tem a imagem de uma mulher perfeita e presume que não posso ter um pouco de diversão.

— Obrigada. Vesti este porque está quente demais. — Olho para o meu vestido de verão rosa-claro, percebendo pela primeira vez que posso, de fato, parecer uma Princesa.

— Caramba, está mesmo. Tank e eu estávamos reclamando do calor. Tivemos que checar o calendário para ter certeza de que estamos em maio e não em agosto. Fica ainda mais insuportável por conta do colete e de todo o equipamento.

Um sentimento de pavor me domina e paro por um instante, levando a mão ao peito.

— Prometa que usarão o colete sem reclamar. Vocês dois têm uma razão para viver e duas pessoas esperando que voltem para casa no final do turno.

Seu olhar se suaviza e um sorriso se abre em seu rosto.

— Confie em mim, farei o que for preciso para voltar para casa ileso e sei que Tank também. Só tenho que garantir que ele não me mate quando descobrir a verdade.

— Vou contar para ele — garanto —, só não tive a oportunidade ainda.

— Não quero que conte sem mim. Se ele ficar bravo, tem que ser com nós dois. Você não deve lidar com isso sozinha.

Esse homem diz todas as coisas certas nos momentos certos. Isso me deixa nervosa; talvez ele seja mais do que mereço. A cada oportunidade, penso em lhe dar um fora por conta de sua idade – quase resolvi privá-lo da chance de conhecer essa criança. Vejo que errei em presumir que o conheço. No fim das contas, talvez ele seja mais maduro e bem preparado para lidar com esta situação do que eu.

Renegade

Quando meu estômago ronca alto, sinto minhas bochechas esquentarem e coloco uma mão na barriga.

— Desculpe.

Ela dá uma risadinha, pegando nossas bebidas e indo para a sala de jantar.

— Fico feliz por alimentar a fera.

Dentro da calça jeans, meu pau pulsa. Ela não tem ideia da fera que quer sair para brincar. Whitney Trumbolt sempre foi uma bela mulher, mas acho que não tem noção do quanto está gostosa com esse vestido. A renda de um cor-de-rosa claro brilha sobre seu corpo, o comprimento da saia terminando bem acima dos joelhos. E o que falar dos sapatos que gritam “me coma”? Puta que pariu, não sei como ela ainda consegue usá-los, mas meu pau agradece o esforço. Nunca entendi o que as pessoas dizem sobre o brilho de uma mulher grávida, mas esta noite ficou claro para mim. Whitney está radiante e, se não a conhecesse tão bem, eu acharia até que está brilhando de verdade. Meus olhos percorrem seu corpo mais uma vez, torcendo para que ela não perceba enquanto encho meu prato de batatas, cenouras, carne assada e pão. Com a concha em mãos, congelo no meio do caminho entre a panela e o meu prato quando ela se curva sobre a mesa para entregar minha bebida. A posição me dá uma visão perfeita da frente do seu corpo, coberta apenas pelo sutiã rosa de renda. Seus seios estão maiores, não muito, porém o suficiente para que pareçam prestes a

arrebentar o sutiã. Meus dedos coçam para soltá-los.

— Precisa de mais alguma coisa? — ela pergunta quando me vê encarando.

De você esparramada na mesa da cozinha com o vestido erguido na altura da cintura, a calcinha puxada para o lado e eu com as calças abaixadas o suficiente para libertar meu pau. É disso que preciso. Contudo, faço um esforço para me lembrar de que ela está falando da comida.

— Não, tudo o que preciso está bem aqui.

Respiro fundo, me recomponho e vou até o outro lado da mesa para puxar sua cadeira.

— Sente-se. Se quiser mais alguma coisa, me avise que eu pego.

— Obrigada. — Seu sorriso é o bastante para que eu sinta borboletas no estômago. — Já peguei tudo. — Ela aponta para o prato à sua frente.

Quando nos sentamos, percebo o quão estranho estou me sentindo. Já vi essa mulher pelada e fiz do meio de suas pernas uma verdadeira refeição, mas nunca tivemos uma conversa de verdade. Não quando há uma boa diferença de idade entre ela e Tank.

— Espero que goste.

As palavras carinhosas são ditas de uma forma que me faz crer que esteja nervosa, como se minha opinião fosse importante. Talvez queira me agradar. Mais uma vez, a palavra *agradar* mexe comigo. Tenho que me controlar. Talvez antes do próximo jantar eu precise me masturbar pelo menos duas vezes no chuveiro.

Dando uma garfada na comida, solto um gemido quando os sabores invadem minha boca. É uma explosão de carne temperada e assada à perfeição, muito melhor do que as merdas congeladas que faço no micro-ondas na maioria das vezes. É difícil cozinhar só para uma pessoa e não para alimentar um exército, então costumo comprar pratos individuais que esquentam rápido.

— Caramba, você sabe mesmo cozinhar.

— Você gostou? Temperei de uma forma diferente da que costumo fazer. Uma que encontrei no Pinterest.

— Incrível pra caralho. — São as únicas palavras que consigo colocar para fora antes de voltar a comer. Já se passaram horas desde a última vez que comi, e com meu treino pesado, tenho o costume de me alimentar de três em três horas.

Ficamos em silêncio pelos próximos minutos. Estou devorando a comida e ela parece perdida em seus pensamentos. Quando meu estômago não está mais se revirando de fome, abaixo o garfo e mastigo devagar, pegando uma fatia de pão.

— Como foi o seu dia?

Whitney ergue o olhar para mim como se estivesse surpresa pela pergunta. Talvez seja o fato de eu me importar que a surpreenda.

— Bom. — Ela toma um gole de água gelada. — Tive uma reunião com uma nova cliente hoje. Ela quer que eu faça seu casamento e um evento de negócios.

— Você não costuma fazer eventos de negócios, não é?

Ela nega com a cabeça.

— Não mais. Logo que comecei, fazia qualquer tipo de evento, mas aos poucos acabei me especializando em casamentos. É o que mais gosto de fazer, porque consigo estar mais envolvida no planejamento e em contato direto com os noivos. Pode ser tanto um evento simples quanto o mais elaborado, a rigor e elegante como um baile da Cinderela. Nunca sei o que esperar do meu dia e é disso que mais gosto.

— É por isso que gosto de trabalhar na força-tarefa da polícia. — Consigo entendê-la. — Não há uma rotina, sempre tem algo diferente nos turnos.

— O que faz quando está entediado?

A pergunta me pega desprevenido e fico confuso sobre o que de fato ela quer saber.

— Quando estou no trabalho ou em casa?

— Os dois. Não sabemos muita coisa um sobre o outro, exceto os assuntos que temos em comum com o Trevor e como ficamos quando estamos sem roupa.

Solto uma gargalhada porque aquela é a mais pura verdade.

— Se estou no trabalho, costumo ficar com o Trevor. Lemos artigos de jornais ou falamos sobre esportes. De vez em quando estacionamos a viatura e saímos para caminhar, só para fazer algo diferente por um tempo. Se estou em casa, assisto algo na Netflix, malho ou trabalho na marcenaria nos fundos do meu apartamento.

— Você é marceneiro? — Seus olhos se iluminam.

Essa é uma faceta minha que mantenho em segredo, não por

vergonha e sim porque é importante para mim. Quase ninguém sabe desse meu *hobby*. Foi meu avô que me ensinou quando eu era criança e, depois que ele faleceu, aprendi sozinho o que faltava.

— Sim. — Sorrio com seu entusiasmo. — Não sou muito bom, mas gosto bastante. Uma ou duas vezes ao ano me preparo para um dos festivais, na maioria das vezes o de inverno, já que as pessoas querem presentes para o Natal.

— Você vende bastante? — ela pergunta, interessada no que estou contando.

— Costuma esgotar. — Mantenho a voz baixa. Não quero que ela ache que estou me gabando. Não faço isso por dinheiro e sim porque é legal e faz com que me sinta mais perto do único homem que se importava comigo.

— Ryan, isso é maravilhoso.

— Todo mundo tem um dom especial, certo? — Dou de ombros.

— Para mim, parece que você tem vários desses dons.

Tento não fazer com que essas palavras signifiquem tanto quanto de fato significam, contudo mal posso esperar para mostrar a ela todos os meus outros dons. Quando coloco alguma coisa na cabeça, faço de tudo para conquistá-la, e não vejo a hora de ser um pai perfeito para o nosso bebê e um parceiro confiável para ela.

Capítulo 16

Whitney

As noites de terça-feira se tornaram as minhas favoritas, seguidas pelas de quinta. Já faz um mês que Ryan e eu estamos fazendo esses jantares. A primeira semana foi estranha, mas agora entramos numa rotina. Cozinho nas terças e ele, nas quintas. Tento não pensar demais no motivo das primeiras serem as minhas favoritas, entretanto sei que é porque tenho a chance de cuidar dele.

Nosso segredo ainda está a salvo, mas sei que não vai durar por muito tempo. Os enjoo matinais finalmente acabaram e estou começando a ganhar peso. Minhas roupas estão ficando mais apertadas agora que estamos entrando no quarto mês. Em breve, precisaremos começar a decorar o quarto do bebê e nos planejar. Fazer planos é literalmente o que faço da vida e nós dois queremos saber o sexo do bebê. Não consigo nem descrever como estou empolgada com essa nova fase da vida.

Vejo as horas no relógio da minha SUV ao estacionar na garagem. Ainda tenho uns quarenta e cinco minutos antes que Ryan chegue, o que é bom, porque assim posso procurar algo que me sirva. Estou entrando em casa quando meu celular toca. Virando-o, vejo o rosto sorridente do meu irmão.

— Oi, Trevor — atendo, fechando a porta e colocando minhas coisas no balcão antes de ir para o andar de cima.

— Não tenho notícias suas faz um tempo, mana. Estava ficando preocupado.

Eu o amo, mesmo, mas meu irmão tem essa incrível habilidade de me ligar sempre que estou prestes a baixar a guarda. Ele sabe muito bem que tipo de pergunta fazer para que eu abra a boca e não posso deixar que isso aconteça agora. A gravidez tem mexido com o meu cérebro e não tenho dúvidas de que ele descobrirá a verdade de alguma forma, e então estarei ferrada.

— Estou bem — respondo na esperança de não soar tão ofegante após atravessar o corredor e me abaixar para tirar os sapatos. Não sei por que achei que seria uma boa ideia usar saltos dessa altura com fivelas.

— Mamãe disse que você não tem ido aos jantares de domingo nas últimas semanas.

Trevor é sutil como uma espaçonave pousando no meu jardim.

— Estou muito ocupada. Você sabe que essa é a época mais movimentada para mim e não é fácil administrar seu próprio negócio. — O jeito é criar uma desculpa. A verdade é que estou tão cansada que tudo o que quero fazer nos finais de semana é dormir, além de morrer de medo da minha mãe descobrir o que está acontecendo só de olhar para mim. Em geral, sou eu que faço Trevor se sentir culpado por não comparecer aos jantares, por isso não sei ao certo como reagir a esta conversa.

— Tem certeza de que é só isso? Na maioria das vezes que está ocupada, você pelo menos me manda uma mensagem dizendo que está bem. Sei que ainda não contou para a mamãe sobre a gravidez. — Ele joga a bomba. — E apesar de eu já ter perguntado, ainda não me contou quem é o pai.

— Porque não é da sua conta. Estamos tentando resolver esta situação e não preciso de você no meio, tentando consertar as coisas por mim. Eu te amo Trevor, só que você tem que me deixar cuidar da minha própria vida.

Ele fica quieto por uns minutos e quase consigo escutá-lo agarrar o celular e ranger os dentes.

— Eu não sabia o que Stephen fazia com você e nunca vou me perdoar por isso. Se tinha alguém que poderia ter te ajudado, esse alguém era eu.

Meu coração quase se parte quando escuto seu tom angustiado. Às vezes esqueço que, de alguma forma, ele foi mais afetado do que eu pelo fim do meu casamento devido às suas suspeitas sobre o que acontecia entre Stephen e eu. Espero que Ryan não tenha falado nada do que confidenciei.

— Trev, eu sou adulta. Posso cuidar de mim mesma. Independente do que pensa, sempre fui capaz de fazer isso. Não culpo ninguém além de mim pela situação em que eu estava. Na verdade, acabei me tornando uma pessoa mais forte. Agora sei o que quero e não irei me contentar com menos outra vez.

Não mesmo, porque já me contentei no passado e, se isso significa ser mãe solteira pelo resto da vida, então é o que serei. Isso não me assusta, não como talvez assuste outras mulheres. O que me assusta é desistir da minha independência e entregá-la para um homem que vai extingui-la.

— Só quero que saiba que estou sempre aqui para conversar. Não importa a hora, Whit. Não pude estar ao seu lado da primeira vez,

mas posso estar agora.

Malditas emoções. Suas palavras fazem lágrimas brotarem em meus olhos.

— Eu sei. — Minha voz sai embargada. — E agradeço, só que peço mais uma vez que respeite minha decisão quando digo que contarei tudo assim que estiver pronta.

— Vou me lembrar disso, Whit. Só preciso saber que está sendo bem cuidada.

— Agradeço pela preocupação, mas tenho que ir agora. — Tenho que desligar antes que ele me faça chorar.

— Eu te amo, Whit.

Maldito seja.

— Também te amo, Trev.

Desligo antes de enfiar meu rosto nas mãos e soluçar. Não sei por que estou chorando ou por que minhas emoções estão tão afloradas esta noite. Talvez seja o cansaço. Não tenho dormido bem e sinto falta dos cochilos durante a tarde. Outro pensamento se instala em meu subconsciente e tento ao máximo bloqueá-lo, no entanto ele está bem ali, sua presença impossível de ser ignorada.

Talvez esteja sentindo falta do Ryan.

Digo a mim mesma que não pode ser isso, mas não há como negar que meu coração bate mais rápido nas terças e quintas. Também faço questão de não trabalhar até tarde nesses dias. Na verdade, comecei a sair mais cedo para que possa chegar em casa e trocar de roupa antes dele. Não é porque quero ficar bonita para ele, é só que – porra –, vamos encarar os fatos, eu quero sim. Atiro-me sobre a cama, deixando que minha cabeça fique pendurada do outro lado.

O que diabos vou fazer agora? Fui eu quem disse que não haveria nenhum tipo de relacionamento entre nós e veja só o que estou fazendo.

— Tudo bem, Whit. Façamos o seguinte: veja como se sente perto dele hoje.

Dizer essas palavras em voz alta parece estupidez, mas não tenho com quem conversar e decido que esse é o meu plano de ataque. Vou monitorar cada um dos meus sentimentos enquanto Ryan estiver por perto. Desse modo, se eu mentir para alguém, será apenas para mim.

— Você gostou?

Fiz uma receita nova esta noite: sanduíches de rosbife com molho de carne, que passou o dia cozinhando na panela enquanto eu estava no trabalho. Quando cheguei em casa, não tive que fazer mais do que colocar tudo na mesa.

— Não é nada saudável, mas está gostoso pra caralho — ele diz com cuidado para não babar, gemendo de satisfação ao dar outra mordida.

— Às vezes, preciso comer o que tenho vontade. Hoje queria uma comidinha caseira. — Mordo o meu sanduíche e imito seu gemido.

Meu paladar está mais apurado e juro que às vezes consigo identificar cada ingrediente em um prato. Nunca fui assim, mas depois de buscar informações na internet, sei que é por conta da gravidez.

— Aconteceu alguma coisa?

Como trago o assunto à tona? Como explicar que, aos trinta e cinco anos, estou com medo de contar aos meus pais o que fiz? Estou preocupada com os julgamentos e parte de mim teme que ele vá acabar nos abandonando.

— Trevor me ligou mais cedo para me dar uma bronca por não ter ido aos jantares de domingo na casa dos meus pais.

Ele me encara, sério. Tenho vontade de me esconder diante da intensidade do seu olhar, porque sinto que consegue enxergar até mesmo minha alma.

— Por minha causa?

Ao que parece, chegou a hora da verdade.

— Não, não diretamente. É por causa do bebê. — Abaixo a mão para tocar o pequeno volume em minha barriga. — Não sei como vão reagir.

— Whit, você tem trinta e cinco anos. Qual é o problema?

É frustrante. Ele não vem do mesmo tipo de família que eu.

— Você não é obrigado a ouvir sobre o quão decepcionados estão comigo. Esperei estar divorciada para só então engravidar.

— Não sou obrigado a ouvir porque você não deixa. — Seu tom

é contido no espaço da cozinha.

Não sei ao certo como chegamos a isso, disparando sussurros afiados um para o outro. Sem apetite, abaixo meu sanduíche. Ele não está mentindo; eu o mantive afastado de propósito, porque talvez considere que esse fosse um segredo apenas *meu* e não quisesse compartilhar com os outros. Independente do motivo, percebo agora que não estou sendo justa, mas ainda assim não tenho certeza se quero nos expor ao que nossos amigos e familiares possam dizer.

— A decisão é simples, Princesa. Ou você quer que eu seja o seu segredo, ou o pai desse bebê. Não posso e não quero ser os dois. — É a sua vez de levar o sanduíche ao prato, só que com um pouco mais de força. — Achei que se passássemos um tempo juntos, perceberia que estou falando sério sobre criar nosso filho juntos ou até mesmo termos um relacionamento. Está mais do que claro que só nos entendemos na cama.

— Não seja grosseiro, Ryan.

— O que foi que me disse naquela noite? Que precisava de um pau na sua caverna do tesouro? Quem estava sendo grosseira? Por que as mesmas regras não se aplicam a nós dois?

— Isso não é justo. — A raiva me dá calor e me levanto para abanar meu rosto.

Quando ele se levanta também, me sobressalto. Por instinto, recuo mais para o interior da cozinha até bater a cintura na quina mais distante da ilha.

— Não aja como se eu fosse te bater, Whit. Não sou o filho da puta com quem foi casada. Acho que provei nos últimos meses que sou diferente e provaria para todos se deixasse. Somos dois adultos tendo uma conversa. — Ele corre os dedos pelo cabelo.

Abro minha boca para falar, só que ele continua:

— Quer falar sobre o que não é justo? Isso é meu. — Ele aponta para a minha barriga ao se aproximar. — Essa criança que está carregando é tão minha quanto sua, mas só você está vivendo toda a experiência. Só tenho acesso às partes que você permite porque é *você* quem toma todas as decisões. Não posso me apegar a nada porque você não deixa.

Minha mente me diz para achar uma saída, meu coração martela em meu peito e minha respiração fica ofegante quando ele chega perto o suficiente para me tocar.

— Quer saber o que mais foi meu? — Com olhos turvos e voz

calma, suas mãos são gentis quando uma alcança minha nuca e a outra desliza pela minha bochecha.

— Não — sussurro ao mesmo tempo em que assinto. Tudo sobre Ryan e eu é baseado nessa antítese. Minha voz diz não enquanto meu corpo diz sim.

— Quer sim. — Sua boca desce em direção ao meu ouvido. — É claro que quer saber. Pare de relutar, Princesa. Naquela noite, por aquelas poucas horas, você foi minha, e elas foram as melhores horas de toda a minha vida. Tive tudo o que sempre quis bem nas minhas mãos. Devorei você, vivi em você e deixei um pedaço de mim para trás. — Ele respira fundo, o ar movendo os fios de cabelo perto do meu rosto. — Caramba, Princesa, eu seria tudo o que precisa se me desse a porra de uma chance.

Suas palavras são tão boas de ouvir. Coloco minhas mãos em seus bíceps e aperto, marcando sua pele com as unhas.

“É o que eu mais quero”, meus lábios se movem, mas sei que ele não me escuta porque não deixo as palavras escaparem.

Capítulo 17

Renegade

Eu tenho sido bonzinho. Desde que isso começou, deixei que ela tomasse todas as decisões, inclusive o papel que eu teria e o que poderia fazer. Nunca fui do tipo que fica de braços cruzados enquanto os outros tomam conta da minha vida. Com o trabalho que exerço, tenho que ser capaz de acatar, executar e adaptar minhas ordens. Não gosto muito quando tentam me impedir de fazer alguma coisa. De repente, sou tomado por uma necessidade louca de mostrar a essa mulher o que quero dela.

Suas unhas estão fincadas em minha pele pela força com que me segura. O peso do seu corpo está todo sobre mim, e eu o aceito de bom grado. Quero mostrar o quanto a apoio, o quanto sou valioso quando ela precisa de alguém. Não sou do tipo que corre quando as coisas ficam difíceis. Nunca fugi de uma briga, fosse contra meu pai, tiros no meio da noite ou um criminoso. Ryan Kepler sempre fica por perto e termina o serviço, não importa o quão difícil seja.

— Whit... — Minha voz está tensa. Sufoquei meus sentimentos e instintos por muito tempo. Tem sido difícil e custoso. A tensão entre nós não é mais apenas grande: é uma força sólida, uma parede de concreto que precisamos atravessar ou escalar.

— Ryan... — Mal consigo escutar o que ela diz. Sua respiração ofegante faz cócegas no meu pescoço, onde seu rosto está enterrado. Não fosse por sua leve agitação, talvez eu nem tivesse conseguido ouvir meu nome sendo sussurrado contra minha pele. Seu corpo está tão imóvel e perto que parece se moldar em torno dos meus músculos.

Envolvo-a em um abraço firme, nossos corpos se tocando da cabeça aos pés. Cada parte dela está aninhada a mim e meu instinto protetor grita mais alto em relação a ela do que qualquer outra pessoa. Também a desejo como nunca desejei alguém.

— Foda-se tudo — balbucio ao enfiar as mãos em seu cabelo e puxar para trás.

Sua surpresa a faz abrir a boca em um arquejo e aproveito a oportunidade para capturar seus lábios. O que queria que fosse um beijo suave acaba se tornando uma avalanche avassaladora de paixão. Minha língua desliza pelo céu da sua boca para saborear o gosto do suco que ela prefere beber agora. Respiro fundo, inalando o hidratante de maçã que gosta de usar. Empurrando seu corpo, só paramos

quando ela colide com o balcão da cozinha. Suas mãos sobem pela minha cintura, agarrando minha camiseta. Abandono seu cabelo para tomar sua cintura, demorando-me ali antes de perceber que não quero mais ser um cavalheiro. Quero que ela conheça o verdadeiro eu, que tomou tudo o que queria naquela noite que passamos juntos. Deixo que minhas mãos desçam pela curva do seu traseiro e a puxo contra minha pelve, permitindo que sinta o quanto me afeta.

Separando seus lábios dos meus, ela geme:

— Jesus, Ryan, você está... — Sua voz desaparece quando ela morde o lábio inferior e joga a cabeça para trás, esfregando sua intimidade contra mim.

— Duro como uma pedra — finalizo por ela, mordendo o lóbulo de sua orelha e dando uma puxada de leve. — Acontece toda vez que estou perto de você.

Agarrando seu traseiro com mais força, coloco-a sobre a ilha da cozinha. Assim, nossos olhares ficam na mesma altura. Tiro um momento para estudá-la, para garantir que de fato quer isso e que não sejam apenas seus hormônios. Tudo o que vejo é paixão, necessidade, desejo e talvez um pouco de descrença. Concluindo que está mesmo a fim, levo as mãos às suas coxas e ergo o mesmo vestido rosa que usou em nosso primeiro jantar até sua cintura.

— Do fundo do meu coração, obrigado por usar este vestido. Quis fazer isso desde a primeira noite que te vi com ele — admito, chupando seu pescoço enquanto afasto suas coxas para sentir o calor do seu centro.

— Queria que tivesse feito. — Sua voz está baixa, tensa e cheia de tesão. — Queria que ficássemos juntos de novo. Quero isso desde a primeira vez. Não sei o que fez comigo, Ryan, mas acordo no meio da noite desejando que estivesse aqui. Estou quente, excitada e frustrada pra cacete. — Ela morde o lábio quando afasto sua calcinha e mergulho um dedo em seu interior.

— Posso resolver todos esses problemas, Princesa, só precisa ser honesta comigo. Diga o que precisa, o que posso fazer para melhorar a situação.

Seus dedos apertam meus ombros quando ela se move para baixo, avançando contra minha mão.

— Continue fazendo isso, não pare. Por favor. — Uma de suas mãos agarra minha roupa. — Só me deixe gozar. — Seu corpo vai e vem contra os meus dedos e ela puxa minha camiseta para impulsionar seus movimentos.

— Faça o que precisar, Whit.

E ela o faz. Nunca a vi mais deslumbrante do que no momento em que expõe um dos seios, ainda se empurrando contra mim. O convite está bem ali, então me inclino, afasto seu dedo e a renda do sutiã e capturo o mamilo endurecido entre meus lábios.

— Sim... — Ela suspira fundo.

Dou uma mordiscada antes de aliviá-la com a língua, gemendo quando meus dedos deslizam mais fundo. Girando a mão, permito que meu dedão estimule seu clitóris, ciente de que isso a fará gozar mais rápido. Quando mudo o ângulo do pulso, Whitney puxa minha camiseta com tanta força que fico com medo de que irá rasgá-la ou me estrangular com a gola.

— Não pare, Ryan! — grita. — Por favor, não pare, não pare.

Posso sentir seu corpo se abrindo, ficando mais excitado, lubrificando meus dedos para que possam ir ainda mais fundo. O que mais quero é abaixar meu jeans e me enterrar nela. Quero sua boceta abraçando meu pau da forma como está abraçando meus dedos, mas sei que este é o seu momento e tenho que garantir que fique satisfeita.

Gemendo contra seu mamilo, lambo o bico intumescido e sinto meu membro pulsar contra o zíper da calça. Whitney se contorce no balcão e penso se deveria nos transferir para outro lugar, porém, para fazer isso, teria que parar o que estou fazendo. Neste instante, isso está fora de cogitação – quero que ela atinja o ápice bem aqui.

Seu corpo está rígido como um arco, as pernas bem afastadas e a boca entreaberta para liberar a respiração ofegante.

— Nunca me senti assim, Ryan. Estou tão perto. — Ela continua arremetendo contra meus dedos, abrindo mais as pernas para se aproximar de mim tanto quanto puder.

— Vamos lá, Princesa. — Seguro sua nuca e coloco sua cabeça em meu ombro enquanto continuo a lambar seu mamilo e foder sua boceta com os dedos. — Liberte-se.

Minhas palavras são abafadas por sua pele, todavia sei que ela entendeu assim que se contrai e pulsa em torno dos meus dedos. Seu corpo se impulsiona para frente e ela grita contra minha camiseta, mordendo meu ombro quando o orgasmo a atinge com tanta força que ela parece desligar.

Temo que tenha desmaiado, até que sinto seu corpo estremecer. Quando me afasto, dou de cara com um sorriso largo e vejo que está rindo.

— Você está bem? — Afasto o cabelo ensopado de suor do seu rosto.

— Perfeita. — Ela sorri maliciosa, apalpando minha virilha. — Por que não libera esta arma e me mostra o quão bem sabe usá-la, Oficial Kepler?

Com toda a porra do prazer.

.....

Em seu quarto, tento ir mais devagar e ser gentil. É difícil porque tenho tantos sentimentos em relação a ela. Eu os escondi por tanto tempo que agora parecem incapazes de serem contidos, assumindo a frente da nossa relação. Se essa é a única forma de lhe mostrar como me sinto, então vou aceitar.

Seu corpo está esparramado sob o meu, pelado como veio ao mundo, e a luz amena do outro lado do quarto a banha com um brilho.

— Você é linda pra caralho — sussurro em seu ouvido enquanto movo minha boca pela pele macia do seu pescoço, mordiscando o ponto que pulsa descontrolado.

— Meu Deus... — Sua voz sai trêmula. — Você também é. Devia ter visto como entrou aqui esta noite... — Ela joga a cabeça para trás conforme continuo dedicando minha atenção ao seu pescoço exposto. — Esse jeans, essa camiseta, a cara soberba que faz toda vez que olha para minha barriga... Merda. — Suas mãos se fecham em meu cabelo com mais força. — Fiquei toda molhada logo que te vi.

Além de tudo, Whitney me faz sentir como se eu pudesse escalar uma parede e derrotar um exército inteiro sozinho. Afastando meus lábios de sua pele, seguro meu membro e o posiciono em sua entrada.

— Essa pode ter sido a sua visão, amor, mas o que eu vi foi uma mulher gostosa demais me olhando como se quisesse me devorar. Fiquei duro na hora. — E a penetro, gemendo quando ela me aperta.

Não quero machucá-la; no entanto, hoje estou mais atento aos meus sentimentos do que o normal. Não sei precisar a razão – talvez seja o fato de agora me sentir mais confortável em sua presença. Quando ela explodiu contra mim na cozinha, acabou me dando cada pedaço seu de uma forma que nunca tinha feito. Não foi nada que disse ou fez: foi uma mudança palpável no ar entre nós. Agora, quero senti-la por completo. Quero lhe dar cada pedaço de mim, quero me

derramar nela.

Acelerando o ritmo, continuo penetrando seu corpo. Com estocadas constantes, fico de joelhos e a pego pelos ombros, erguendo-a para que fiquemos frente a frente.

— Ai, meu Deus... — Ela suspira.

Respondo com o mesmo gesto. Nessa posição, consigo ir mais fundo; posso sentir cada parte do seu corpo, cada contração de sua boceta.

— Não feche os olhos — ordeno, segurando seu rosto. — Deixe-me ver o que faço com você, Whit. Deixe-me ver.

Nossos olhos mergulham uns nos outros e é a coisa mais intensa que já vivi. Posso ver suas pupilas se dilatarem conforme ela continua quicando sobre mim. Solto seu rosto e coloco uma mão em suas costas, reclinando-a de leve para que minha outra mão encontre um de seus seios. Um puxão no mamilo intumescido basta para que ela se esfregue em mim, fazendo movimentos circulares com o quadril. Enquanto mantenho o ritmo, cada vez estocando mais forte e fundo, Whitney pressiona o clitóris contra o meu corpo. Acho que estamos prestes a gozar tão forte quanto ela gozou antes.

— Está gostoso? — Giro o mamilo com mais força, sorrindo quando ela geme e tenta fechar os olhos diante da sensação. — Mantenha esses olhos azuis abertos, amor.

— Você sabe que sim. — Sua voz está trêmula de novo.

— Está gostoso para mim também. Quer gozar, Princesa?

— Puta que pariu, sim! — As palavras são arrancadas de seu corpo. Tem algo muito excitante na forma como ela diz “puta que pariu”. Whitney é sempre tão certinha que, quando consigo fazê-la perder a compostura, me sinto o homem mais másculo do mundo.

Segurando seu quadril, mergulho em seu interior sem diminuir a velocidade, mesmo quando nossos corpos suados começam a se chocar. Empurrando-a de volta para a cama, fico mais uma vez por cima. Paro de pensar sobre tudo e esvazio minha mente para me concentrar no quão bom este ato está sendo. Sou pego de surpresa quando meu ritmo vacila e o orgasmo me atinge. Sem querer que Whitney fique para trás, coloco minha mão entre nós e estímulo seu clitóris com o dedão enquanto continuo a penetrá-la. É então que sinto a explosão de umidade contra mim, a perda da tensão em seu corpo e o gemidinho que solta. Conforme paramos nossos movimentos, ela luta para retomar o fôlego.

— Sinto que te devo uma. — Whitney dá uma risadinha contra o meu pescoço.

De repente, uma ideia surge. Ofegando também, eu me afasto.

— Deixe-me levá-la em um encontro.

Essa é uma das propostas mais importantes que já lhe fiz. Ir a um encontro significa que não tem vergonha de ser vista comigo. Para ser sincero, é o que mais temo – tudo bem transarmos em segredo, porém nunca seremos vistos juntos em público.

Sua expressão denuncia a surpresa causada pelo meu pedido.

— Se quer me levar em um encontro e não está com medo de ser visto com uma mulher mais velha, então vou amar sair com você.

Escutando suas palavras e ciente do meu receio, percebo que talvez nós dois estejamos com medo da mesma coisa, apenas de lados diferentes da situação.

— Amanhã. — Dou um beijo em sua bochecha. — Amanhã a levarei em um encontro.

Capítulo 18

Renegade

— São para você. — Entrego a Whitney as flores que trouxe. Já que vamos fazer essa coisa de encontro, por que não dar a ela a experiência completa? Mesmo que já tenha trazido flores na noite passada, todas as mulheres merecem ser cortejadas e eu com certeza farei isso bem pra cacete.

Ela sorri ao abaixar a cabeça para inalar a fragrância impregnada no plástico em que o buquê está.

— Você sempre me dá as flores mais cheirosas.

— Queria ter certeza de que vai se lembrar deste momento. O nosso primeiro encontro — afirmo, seguindo-a para dentro de sua casa.

Depois de ser relegado a jantares privados, não consigo acreditar que enfim consegui fazê-la concordar em aparecer em público comigo. Estou mais feliz do que talvez devesse, porque isso ainda não significa nada no meio dessa situação toda. Ela continua incerta sobre mim e sei disso, mas vou provar que estou falando sério.

— Estou animada com o nosso encontro — ela fala enquanto coloca as flores no mesmo vaso das da noite passada, antes de pegar a bolsa e caminhar para fora.

— Também estou, mas tenho que dizer que nunca achei que fosse uma jogadora de bingo.

Quando ela disse que queria jogar bingo, pensei que estava gozando com a minha cara; contudo, após uma conversa com Tank, descobri que Whitney é aficionada por bingo. Foi difícil conversar com ele sobre Whit sem revelar nada, no entanto perguntei como quem não quer nada, como se fosse levar outra garota em um encontro, tentando descobrir se ela gostaria da ideia. Imagine a minha surpresa quando Tank acabou me contando tudo o que eu queria saber.

— Ah, não, eu amo bingo. Em especial desde que proibiram cigarros. Agora não volto para casa com o cabelo fedendo.

Entramos na caminhonete e só então noto a pequena sacola junto da sua bolsa.

— O que tem aí?

Seu rosto fica vermelho e me pergunto em qual ponto fraco

acabei de tocar.

Quando ela esboça um sorrisinho de canto, seus olhos brilham de um jeito que nunca vi. Há um ar de mistério neles e, sendo honesto, até um pouco de pecado.

Seus olhos azuis se voltam para mim e posso vê-los sob a penumbra do céu escuro quando arrisco devolver o olhar. Ela solta o cinto de segurança e se esgueira para ocupar o assento do meio, bem ao meu lado, antes de afivelar o cinto abdominal. Whitney se inclina para mais perto e meu pulso se acelera quando sinto sua respiração quente na minha orelha.

— Lingerie. Vou propor uma rapidinha no banheiro feminino entre a segunda e a quinta partida, bem de repente. Ninguém vai ao banheiro durante o jogo porque não quer perder dinheiro. Estaremos sozinhos e, considerando como o salão de bingo é barulhento, poderemos gritar à vontade. — Ela deposita um beijo em meu pescoço antes de se afastar.

Aperto o volante com tanta força que os nós dos meus dedos ficam brancos. Assim que paro no sinal vermelho, coloco o carro em ponto morto e me levanto do banco para ajeitar minha calça.

— Puta merda, mulher. — Não sei nem o que dizer.
Desnorteado, limpo a garganta. — O que você realmente tem aí?

Whitney ri antes de puxar a sacola para o colo. Com uma piscadela, tira de dentro um moletom.

— Caso eu fique com frio e... isto. — Ela mostra cinco canetas carimbo, todas de diferentes cores. — Elas dão sorte e me ajudam a controlar melhor meus jogos — explica.

— Assim você me mata, pequena — brinco. Abaixo o vidro da janela desejando que fosse inverno, mas aproveito ao máximo a brisa fresca e torço para que resfrie minha libido antes de chegarmos lá.

Ficamos em silêncio enquanto dirijo pelas ruas de uma cidade que poderia ser confundida com Mayberry; todavia, nas noites de sexta, sábado e domingo, parecia ser invadida pela NASCAR a considerar a quantidade de carros e caminhonetes estacionados ao redor. Julgando pelo quão longe terei que deixar minha caminhonete, deveríamos ter saído de casa por volta do meio-dia.

— Será que teremos lugar para sentar? — provoco ao passar um braço em seu ombro, olhando a estrada antes de atravessar e garantindo que eu fique do lado do fluxo.

— Sim. — Ela ri. — Só é popular. Você vai ver quando

entrarmos, é enorme. Talvez dê para colocar um campo de futebol inteiro dentro se quisermos.

— Não fazia ideia de que tanta gente assim amava bingo. — Assobio ao observar os casais de idades variadas, desde adolescentes até idosos de cerca de noventa anos, fazendo seu caminho até as portas da frente.

— Também não, até que comecei a jogar — admite.

Puxando as pontas do seu cabelo, faço com que olhe para mim. Ela apoia a cabeça no meu ombro enquanto continuamos a caminhar devagar.

— Por que começou a jogar?

— Na maior parte, por solidão. — Como às vezes acontece, seu sorriso se torna triste. — Depois do divórcio, precisava ter pessoas ao meu redor e, que Deus o abençoe, mas não conseguia mais sair com o Trevor. Então menti e disse a ele que me juntei a um grupo de solteiros.

Dou uma gargalhada.

— E ao invés disso começou a jogar bingo?

Ela ri tanto que tem que parar de andar por um segundo.

— O que eu posso fazer? Acabei ficando boa nisso e ganhei dinheiro suficiente para financiar parte do meu negócio.

— E você vai para a igreja aos domingos com esse coração de pecadora — provoco mais uma vez.

Whitney se coloca na minha frente para me encarar e, ficando nas pontas dos pés, me dá um selinho.

— O pecado que cometo aqui não se compara ao que cometi com você. O mundo precisa de mais pecadores como nós.

Enterro meus dedos em seus cabelos e seguro sua nuca.

— Pecar com você é a minha atividade favorita.

Seus olhos se fecham quando ela repousa a testa em meu nariz, porque é o mais alto que consegue alcançar mesmo nas pontas dos pés.

— A minha também.

Meu coração parece dilatar e engulo de volta todas as palavras românticas que quero dizer porque sei que ela ainda não está pronta. Retiro as mãos do seu cabelo e deixo que desçam por suas costas até

que parem em seu traseiro.

— Vamos lá. — Dou um tapa. — Mostre o porquê de todo esse alvoroço.

— Se prepare, Ryan — ela fala sobre o ombro, me arrastando em direção às portas. — Você nunca viu nada assim na sua vida.

Whitney

Pergunto-me se fiquei do mesmo modo que Ryan está agora quando entrei neste lugar pela primeira vez. É no mínimo sufocante com todo o barulho e a multidão. Aliás, já mencionei o barulho? Incontáveis mesas se estendem por todo o salão principal enquanto as demais salas abrigam diferentes tipos de jogos de bingo.

Ryan se abaixa para que eu possa ouvi-lo.

— Puta que pariu, Whitney! Isto é insano.

— Eu sei. — Rio. — E amo! Vamos pegar nossas cartelas.

Atrás de mim na fila, Ryan me abraça pelos ombros, colando nossos corpos. É bom saber que está aqui comigo, deixar que me toque dessa forma. Senti muita falta disso, de ter alguém ao meu lado, me apoiando. Com esse homem, sei que nunca terei que me preocupar com isso. Tudo o que já fez me convenceu de que sempre estará comigo. É difícil para mim dizer essas palavras em voz alta, mas sei que um dia conseguirei contar a ele como me sinto. Até lá, farei questão de demonstrar.

Minhas mãos vão de encontro às dele, que descansam em meu peito. Quando ele começa a acariciar meus dedos, empurro meu queixo contra nossas mãos entrelaçadas. Se não tomar cuidado, esse homem poderá ser um problema para mim.

— Quantas cartelas quer, Whitney?

O caixa me reconhece e tento não parecer envergonhada. Ele já sabe que venho aqui com frequência.

— Vamos de quatro — digo. — Duas para mim e duas para o meu amigo.

Enfio a mão na bolsa para procurar minha carteira quando Ryan me impede.

— Nem pense nisso, Princesa. — É estranho. Mesmo no meu casamento, sempre paguei pelas coisas. Sim, tínhamos uma conta

conjunta, entretanto era minha responsabilidade levar o cartão para pagar por tudo.

Gosto de ter Ryan cuidando de mim, me tratando como alguém especial. Não sou só uma diversão para ele e acho que, acima de tudo, estou enfim aprendendo isso.

Pegamos nossas cartelas e abrimos caminho pela multidão, acenando para conhecidos enquanto tentamos encontrar um lugar para sentar. Um fato sobre esse meu homem – e admito que ele seja meu, ao menos por agora – é que ele não solta minha mão em meio à confusão de pessoas. Ryan me guia durante toda nossa busca por assentos vazios.

— Ali — aponto para o fundo do salão.

Levamos mais dez minutos para chegar lá, no entanto, quando enfim conseguimos, a barulheira diminui de maneira considerável. Aqui, fora do caminho, não é tão ruim quanto no epicentro da loucura.

— Temos que esperar pela próxima partida — explico enquanto arrumamos nossas coisas. Olhando para suas cartelas, percebo que ele não tem uma caneta carimbo. — Quer usar a minha azul? — Seguro-a diante dele, quase como se oferecesse a última peça de um quebra-cabeça.

— Tem certeza?— Ele ergue uma sobrancelha. — São suas canetas da sorte e tal. E se por acaso eu roubar um pouco dela para mim?

Virando a cabeça para ele, sorrio.

— Talvez você precise de um pouco de sorte, Re-ne-ga-de — provoco da mesma forma que fiz na noite em que nos encontramos no bar.

— Por favor, faz “*pou pou*” para mim. — Ele arruína o momento e, em resposta, mostro a língua.

— Nunca vai me deixar esquecer disso, não é?

— Não — concorda. — Nem em um milhão de anos, mas está tudo bem. É a coisa mais fofa que já vi alguém fazer.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, observando o vai e vem, o fluxo e a fluidez da multidão.

— Quer alguma coisa para comer enquanto jogamos? — pergunta Ryan, indicando a lanchonete.

— Nachos e qualquer bebida de limão seriam ótimos.

Conforme o vejo se afastar, noto que outras mulheres fazem o mesmo e quero gritar que ele é meu. Tenho prioridade em reivindicá-lo e, pela primeira vez desde que tudo isso começou, percebo que de fato quero fazê-lo. Quero que fale de mim para os outros assim como quero falar dele. E, com uma clareza inédita, constato que sou eu quem tem empacado nossa relação.

Sei que será difícil. No entanto, sentada aqui no meio da multidão, juro a mim mesma que não serei mais um empecilho. O que tiver que acontecer vai acontecer, e se for algo bom, tenho que estar aberta. Se for algo ruim, então lidarei da mesma forma que lidei com todas as outras merdas em minha vida. Contudo, está claro que se não fizer nada, vou perder uma coisa maravilhosa.

E me recuso a perder uma oportunidade de ser feliz. Já tive solidão e tristeza suficientes nesta vida. Felicidade é o que almejo, e se esse homem caminhando de volta em minha direção com um sorriso bobo no rosto é a minha felicidade, irei agarrá-lo com as duas mãos e nunca soltarei.

Capítulo 19

Renegade

— Cacete, parece que estou prestes a cumprir um mandado — falo para Whitney enquanto escuto as letras e os números serem cantados. — Meu coração está quase saltando do peito. Estou tão perto de fazer a porra do bingo.

Ao meu lado, ela ri.

— Não é viciante?

— Como heroína — concordo antes de ouvir a próxima combinação a ser marcada. Droga, não é a que preciso.

— Foi por isso que comecei a jogar tanto — admite. — Ganhei uma vez e então quis tentar de novo e de novo. Comecei a vir o tempo todo. Cheguei a um ponto em que conseguia jogar com dez cartelas ao mesmo tempo.

— Impossível. — Levanto os olhos das minhas próprias cartelas por um breve segundo. — Como?

— Obsessão? — Ela dá de ombros. — Depois que aprende a jogar, você não para mais. Não estou dizendo que é a melhor coisa para alguém que tem tendência a se viciar, mas é divertido por um tempo.

O homem no palco anuncia B-32 e *puta que pariu*.

— Bingo! Bingo! — grito para ser ouvido em meio ao barulho, erguendo a mão.

— Isso! — Whitney comemora ao meu lado. — Você conseguiu!

Esperamos até que venham conferir minha cartela. Como se eu fosse mentir sobre a merda de um bingo... Mas, ao que parece, é algo de fato passível de acontecer.

— Você é bom — o funcionário fala. — Vá até a mesa buscar o seu dinheiro.

— Espere, eu ganhei dinheiro? Estava animado por ganhar e ponto.

Whitney ri.

— Sim! Vamos lá buscá-lo.

Ela me arrasta até a mesa para retirada dos prêmios e, quando

me dizem que ganhei mil dólares, fico boquiaberto.

— Estão brincando comigo?

— Eu disse que consegui financiar parte do meu negócio com o que ganhei aqui — Whitney relembra.

Guardo o dinheiro na carteira antes de olhar para ela.

— Quanto ganhou exatamente?

Ela umedece aos lábios.

— Uns cinco dígitos.

— Porra, amor. — Viro de volta para o salão principal. — Quer voltar e tentar a sorte mais uma vez?

— Não, acho que já conseguimos o que queríamos. Nos divertimos bastante, você ganhou algum dinheiro e eu consegui alimentar meu vício.

Saindo do local, seguro a porta para o casal de idosos atrás de nós. O homem usa um andador, com a mulher segurando seu cotovelo e caminhando devagar ao seu lado.

— Obrigada. — Ela sorri para mim.

— Sem problemas, senhora. Precisam de ajuda até o carro?

— Não — responde o senhor, negando com a cabeça. — Mas obrigado por oferecer, rapaz. Nosso filho está vindo nos buscar e deve chegar logo.

— Ali está ele. — A senhora aponta para um carro. — Obrigada pela gentileza.

Enquanto os observamos entrar no veículo, Whitney coloca a mão na minha.

— Como será que deve ser ficar com alguém por tanto tempo? Amar tanto essa pessoa que, mesmo nessa idade, ainda querem estar juntos?

— Nunca pensou nisso? — questiono no trajeto de volta para a caminhonete.

Whitney fica quieta e me pergunto se passei dos limites. Não falamos muito sobre Stephen e tudo bem para mim, mas não é como se eu evitasse o assunto de propósito. Faço-o porque não acho que ela queira falar sobre ele.

— Pensei sim, uma vez. Quer dizer, você não entra em um casamento pensando que não vai durar, sabe? Em especial

considerando meus pais e a família da qual venho. No entanto, quanto mais o tempo passava, mais infeliz eu ficava e não pude continuar fingindo.

— E agora? — pergunto sem conseguir evitar. — Pensa em ter uma relação dessas?

— Com a pessoa certa. — Sua resposta é cautelosa. — Se fosse pelas circunstâncias e motivos certos, com certeza me casaria de novo. Teria prazer em passar o resto da minha vida com alguém. Isso é algo que eu teria dito alguns meses atrás? Não, mas as coisas mudam.

Penso se está falando de mim, se sou o motivo de ter mudado de ideia sobre o assunto. Parte de mim quer perguntar, entretanto a outra teme uma negativa.

Ficamos em um silêncio tranquilo por quase todo o caminho de volta.

— Posso ser direta? — Whitney vira para mim quando já estamos perto de sua casa.

— Você sempre pode me dizer o que está pensando. Não tem que ficar se censurando por minha causa. Só diga o que quiser.

Ainda assim, vejo-a relutar, abrindo e fechando a boca três vezes antes das palavras saírem:

— Não quero que esta noite acabe. Eu me diverti muito com você e acho que demos um passo importante hoje. Pode passar a noite comigo?

Meu coração quase para de bater quando ouço seu pedido incerto. Tenho certeza de que não entende o quanto isso significa para mim. Não tem como ela sentir a forma que meu coração martela no peito quando a olho, vendo alguns de seus traços iluminados pelas luzes da rua. Suas palavras parecem um convite para tornar as coisas mais sérias entre nós, um passo além. Não irei forçar a barra, contudo quero muito contar aos pais dela e a Tank sobre o bebê antes que ele nasça. Já questionei algumas vezes se ela pretende apenas aparecer um dia segurando uma criança e então deixar que as pessoas perguntem de onde ela veio.

— Não tem que me perguntar desse jeito, Whit. Ficarei com você sempre que quiser. Cacete, se fosse por mim, eu me mudaria para cá.

— Não sei se estou pronta para isso — ela hesita, mordendo a unha.

— Eu sei, só estou dizendo que estou disposto a ficar. Quando

precisar de mim, estarei bem aqui.

Whitney

Minhas mãos tremem enquanto escovo meus dentes e penteio meu cabelo, me preparando para dormir. Não tenho certeza do que esta noite tem de diferente de todas as outras vezes que Ryan e eu passamos um tempo juntos. Talvez seja a forma como ele não teve vergonha de me tocar em público, sem medo de estar com uma mulher mais velha. Em nenhum momento me senti como segunda opção. Ele me tratou como se eu fosse a número um, a coisa mais importante desta noite. Há tempos que não recebo esse tipo de atenção e tenho que admitir que foi bom.

A forma como abriu a porta para mim, como foi educado com o casal de idosos, como pagou por minhas coisas e me tocou toda vez que teve a oportunidade – se fosse outra pessoa, acharia que estavam zombando comigo. Porém, todas as vezes que olho no fundo dos olhos de Ryan, não vejo nada além de honestidade. Tentei ignorar e explicar para mim mesma que sou idiota demais por ir atrás dele. No entanto, a verdade é que não consigo evitar. Quanto mais tempo passarmos juntos, maior será minha confiança nele. O verão está passando rápido e quando menos esperarmos já será Natal. A data estimada do nascimento do nosso bebê.

Não quero passar por isso sozinha, nunca quis e, pela primeira vez, sinto que Ryan está exatamente onde quer estar. Esta noite deixei de lado todos os meus preconceitos e prestei atenção de verdade na forma como agiu perto de mim, como me tratou e as coisas que disse. Parei de pensar no futuro e tirar conclusões precipitadas. No lugar disso, deixei meus instintos assumirem o controle e eles me disseram que esse homem está sendo verdadeiro. Seria burra de não confiar e ver aonde tudo isso vai levar.

Levo quinze minutos para decidir se quero colocar uma camisola sexy ou usar minha camiseta normal para dormir. No fim, opto pela segunda opção. Estou cansada e hoje não será uma noite em que iremos bagunçar os lençóis – não estou no clima para isso.

Abrindo a porta, apago a luz do banheiro e entro no quarto. Ryan já está deitado, olhando seu celular sob a luz da lâmpada na mesinha de cabeceira.

— Você está ridículo no meu lençol estampado azul Tiffany. — Sorrio enquanto vou para o meu lado da cama e afasto os lençóis.

— Nunca diga que jamais passei uma vergonha por você, Whit. Essa talvez seja a maior de todas até agora. Sinto que devo abrir mão das minhas bolas e entregá-las ao Tank na próxima vez que o vir.

— Não tem necessidade disso. — Deito contra seu corpo sem nem pensar. — Meio que gosto delas e quero que as mantenha por mais um tempo. — Me enrosco na curva do seu braço e coloco minhas pernas sobre as dele. — Espero que não se importe, mas gosto de dormir de conchinha.

— Por favor, fique do jeito que se sentir melhor. — Sua respiração é quente contra minha testa.

Só queria poder dizer a ele como isso realmente me faz sentir: amada. Porém, guardo para mim.

Capítulo 20

Renegade

— O que foi? — pergunto quando sinto seu corpo se virar pela milionésima vez. Achei que dormir em sua cama seria um negócio tranquilo, mas creio que ela tenha passado as últimas horas lutando para conseguir pegar no sono.

— Não consigo dormir. — Ela bufa ao se desvencilhar de mim e erguer o travesseiro um pouco mais contra a cabeceira. — Independente da posição, não consigo ficar confortável. Aquelas cadeiras eram duras.

— Isso não era para acontecer mais adiante na gravidez? — indago, tentando despertar para lidar com seu sofrimento.

— Acho que pode acontecer em qualquer momento, porque o meu quadril está me matando e agora não consigo voltar a dormir.

Pela forma como bufa de novo, sei que vai ser uma noite longa. Forçando meus olhos a continuarem abertos, foco no relógio sobre a mesinha de cabeceira. Duas da manhã. Se conseguir fazer com que Whitney volte a dormir dentro de uma hora, terei pelo menos mais quatro antes de ser obrigado a levantar e ir para a delegacia.

— Conversar te ajudaria a pegar no sono? — pergunto, rolando para que fiquemos frente a frente. Ela está irritada e pode ser a coisa mais fofa que já vi na vida. No entanto, pelas olheiras, sei que não vai gostar muito se eu disser isso em voz alta.

— Talvez? — Há dúvida em sua voz.

Uma ideia surge. Um jogo que não faço desde que estive no Iraque.

— Quer jogar um joguinho?

— Ryan, não estou interessada em ficar nua com você agora. Não estou no clima. — Seu tom é irritadiço e não consigo segurar a risada que escapa da minha garganta.

— Não esse tipo de jogo — explico ao me sentar, recostando na cabeceira. — No Iraque, quando não conseguíamos dormir, jogávamos esse jogo chamado “verdade ou mentira” porque, você sabe, não tem como fazer um desafio em meio a uma zona de guerra. Os jogadores escolhem se querem que a pessoa conte uma mentira ou uma verdade e, nesse último caso, também especificam de que ponto da sua vida a

verdade tem que ser. Se for mentira, aí vale qualquer coisa. Então, me diga: verdade ou mentira?

Vejo que está interessada quando enfim para de se revirar e me dá sua completa atenção.

— Verdade — fala.

— De qual período da minha vida?

Para ser honesto, estou com um pouco de medo do que vai me perguntar. A maior parte da minha vida é um livro aberto para ela, mas com certeza existem momentos e situações que mantive em sigilo. Talvez não seja justo, uma vez que pedi a ela que abrisse toda a sua vida para mim.

— Por que às vezes dormia no chão do quarto do Trevor quando eram mais novos? — A pergunta é quase um sussurro.

Puta que pariu. Ela foi direto na jugular. Pelo tom relutante da sua voz, fica claro que ela não sabe se irei responder e nem se deveria ter perguntado isso. É possível que tenha ficado calado por um tempão, porque de repente eu a sinto acariciar meu ombro.

— Não tem que responder se não quiser. É só uma curiosidade que sempre tive.

— Não, tranquilo. — Pigarreio, desfazendo o nó entalado em minha garganta. — Vou te contar. Talvez só leve um tempo para que eu consiga colocar para fora.

— Tenho a noite inteirinha. — Ela afofa o travesseiro, mostrando que não vai a lugar nenhum.

— Quando eu tinha oito anos, meu pai começou a sofrer de transtorno de estresse pós-traumático — começo, a voz tão rouca que soa como se eu tivesse engolido um monte de pedras.

— Ele era do exército? — Whitney pergunta. — Por algum motivo, não achei que tinha se alistado porque era tradição de família.

— Não, ele não era do exército. Era balconista na loja de conveniência da I-65. Certa noite, ele foi assaltado à mão armada, espancado e deixado para morrer.

Ela arqueja e, por uma fração de segundo, anseio por sua compaixão. Quero que pense que ele foi uma boa pessoa que apenas estava no lugar errado, na hora errada. Entretanto, nunca fui de fugir do meu passado.

— Não precisa continuar.

— Preciso sim, porque ele não merece sua compaixão. — Ela segura minha mão quando digo isso, esfregando a palma com delicadeza. — O homem que o assaltou e agrediu o fez porque ele devia dinheiro. Meu pai era viciado em drogas. Implorava, pegava emprestado e roubava para conseguir a próxima dose.

— Eu não fazia ideia — sussurra ela.

— Muita gente não faz. — Apesar de eu desejar que fizessem. Por tantas noites, sonhei que alguém ia me buscar e me levar para longe dele. Contudo, ele ficava sóbrio e apresentável o suficiente toda vez que o conselho tutelar era chamado. — Um dia, minha mãe decidiu que não aguentava mais.

— O que ela fez? — O tom da voz de Whitney me diz que ela não quer mesmo saber e que talvez esteja receosa com esse joguinho, mas é melhor colocar tudo para fora do que deixar que apodreça dentro de nós. Todos temos nossos demônios e acho que é melhor que ela veja que sou tão assombrado pelos meus quanto ela.

— Ela foi embora, só que também não era perfeita. Minha mãe tinha seus próprios problemas, a bebida, na maioria das vezes, mas também tomava péssimas decisões. Ouvi um boato há alguns anos de que ela morreu no Golfo e o corpo não foi identificado ou reivindicado. — Aperto a mão de Whitney com força. — Não consigo ir até lá para ver se é mesmo ela. É mais fácil pensar que ainda está lá fora, talvez feliz com as escolhas que fez, mesmo que tenha me deixado.

Espero que, com essa história, Whitney perceba como é importante para mim fazer parte da vida do meu bebê. Que não é algo que eu queira usar para ter controle sobre ela.

— Os meus pais sabiam? — O questionamento é carregado de tensão. Ela entrelaça nossos dedos e não sei se é para me confortar ou confortar a si mesma.

Inclino a cabeça para trás, olhando para o teto porque é mais fácil do que encarar seus olhos quando falo:

— Acabaram descobrindo. Por muito tempo, pensaram que meu pai trabalhava até tarde, o que de fato fazia, só que ele nunca voltava para casa. Quando sua mãe entendeu o que estava acontecendo e acho que contou para o seu pai, eu já era adolescente. — Engulo com dificuldade, lutando contra as emoções que dificilmente me permito sentir. — Meu Deus, Whit, seus pais salvaram a minha vida. Tinham dias que eu passaria fome se não tivessem me deixado comer da comida deles. Chegou um ponto em que sua mãe não comprava mais roupas para mim fingindo que eram peças antigas do Trevor, mas sim

esperava até que eu estivesse na sua casa e me levava para fazer compras. Mais tarde, descobri que ela tinha conversado com a escola para saber o que era preciso para ser minha guardiã. No entanto, como nunca conseguiram ter nada contra o meu pai, aquilo não era possível. Ela garantiu que Trevor e eu ficássemos nas mesmas turmas, então, se rolasse uma excursão, teria como enviar o dinheiro para mim. Seus pais... — Paro de falar, balançando a cabeça diante da falta de palavras para descrever tudo o que fizeram por mim. Não falo muito sobre isso porque fico emotivo demais. — ... salvaram um adolescente que não tinha para onde ir.

— Minha mãe sempre gostou de você. — Suas palavras saem trêmulas. — E meu pai sempre te encheu de elogios, só que nunca pensei em perguntar o motivo.

— Nunca contei isso para o Tank, então fica entre nós. — Viro de lado para encará-la porque quero que veja a verdade em meus olhos. — Quando fiz dezoito anos, seu pai conversou comigo e disse que pagaria minha faculdade, assim como fez para você e faria para o Tank. Aquilo acabou comigo, Whit. — Balanço a cabeça, engolindo com dificuldade contra o gosto ruim que a lembrança deixa em minha boca. Meus pais deveriam ter feito aquilo, não o pai do meu melhor amigo. — Perguntei como iam pagar e, como o bom homem que é, ele foi honesto. Disse que hipotecariam a casa de novo para que eu, um moleque que não era nem filho deles, fosse para a faculdade. Eu queria ir, só que não podia deixar que assumissem essa responsabilidade, não quando já tinham feito tanto por mim. Eu tinha notas boas o suficiente para entrar no exército, então decidi me alistar e Tank seguiu meu exemplo, porque fazemos tudo juntos. — Solto uma risada, porém ninguém nunca saberá o quanto significou para mim quando ele foi ao campo de treinamento comigo. Achei que passaria por aquela fase sozinho, no entanto Tank é mais próximo de mim do que até um irmão seria. — Quando voltei do Iraque, seu pai tinha montado uma marcenaria inteira para mim. Ele disse que custou menos do que um curso superior e que, como eu não tinha aceitado sua primeira oferta, pelo menos assim poderia me dar algo que eu gostava de fazer.

— Foi quando comprou o barco para o Trevor. — Ela sorri, limpando suas lágrimas.

— Era o dinheiro que ele tinha guardado para a faculdade do Tank e ainda assim decidi gastar um pouco comigo. Sabe o que isso significa para mim? — Não sei nem se consigo expressar o tamanho da minha gratidão, e saber que tenho mantido um segredo deles está me matando. Quero tanto fazer parte dessa família que toda esta mentira

e omissão é quase insuportável.

— Consigo mensurar pela forma como está emocionado e sempre tratou meus pais com respeito. — Whitney passa a mão pelo meu peitoral.

— E é por isso que tem sido difícil para mim esconder tudo isso deles. Se há alguém para quem quero pedir um conselho, é Stanley, porque seu pai foi mais pai para mim do que qualquer outra pessoa. Ele não é muito de se expressar, mas vez ou outra diz que me ama. — Coço o queixo, lutando contra as emoções que se acumularam durante a noite.

Whitney solta uma risada chorosa quando segura meu rosto.

— Ele é um homem de poucas palavras, mas faz questão de se expressar quando quer que alguém saiba como se sente.

— Temos que contar logo para eles, Princesa. — Busco colocar um ponto final nisso. — Não me sinto bem os excluindo de nossas vidas. Não quando fizeram tanto por mim.

Ela assente, fungando baixo.

— Vamos contar na semana que vem, no churrasco do Dia da Independência que sempre fazem.

Puxo seu corpo para mim, segurando-a em meus braços e aconchegando sua cabeça sob meu queixo.

— Semana que vem.

Enfim, respiro aliviado.

Capítulo 21

Whitney

— Gosta desta cor? — Seguro um pedaço de tecido amarelo-claro próximo a um *off-white*. — Ela acaba apagando esta outra?

— Gosto delas juntas, especialmente para um casamento na primavera ou no começo do verão. Quando será esse? — pergunta Addison, pegando a agenda da mesa.

Estamos na minha cozinha, trabalhando em umas coisas que deixamos acumular sem querer. Tenho uma lista de afazeres que quero terminar hoje e Addison, abençoada seja, trouxe um café gelado descafeinado do lugar onde costumamos ir. Estamos tão empenhadas em completar nossas tarefas que nos desligamos do resto do mundo.

— Acho que em abril do ano que vem, mas vou encontrá-la semana que vem para conversarmos sobre as cores. Quero dar a ela algumas opções.

— Você está certa, é em abril. Ah... — Ela se estica para pegar outro pedaço de tecido. — Que tal o amarelo com um verde-menta ou azul-claro? Não é comum, mas talvez forme um contraste legal com o fundo certo.

Pego meu caderno para anotar a ideia.

— Eu amei!

— Então, quais serão as cores quando se casar com o Ryan? — Ela abre um sorriso malicioso sobre a borda do seu copo de café.

Fico sem palavras por um bom tempo, meu choque me impedindo de formular qualquer frase.

— Nós não vamos nos casar. Vamos ter um bebê. São coisas bem diferentes.

— Se estivéssemos nos anos cinquenta, você estaria se casando — Addison comenta, piscando para mim.

— Que bom que não estamos — retruco.

Ela fica quieta por uns minutos, então faz outra pergunta que me tira do sério:

— Acha que vai querer se casar com ele algum dia?

— Que merda é essa, Addison?!

— Somos organizadoras de casamentos, não consigo deixar de pensar nisso. Quer dizer, é claro que gostou dele o suficiente para transarem. Além disso, você não ficou com mais ninguém desde o divórcio. Estou errada?

Não sei como explicar para ela os meus sentimentos em relação ao Ryan. Ele está se tornando importante para mim de formas que não têm nada a ver com o fato de ser o pai do meu bebê. Ele já se mostrou uma pessoa carinhosa e, sobretudo, boa. Se um dia decidisse me casar de novo, ele não seria uma má escolha, só não estou segura de que ele estaria disposto a ficar com uma mulher mais velha pelo resto da vida.

— Sou mais velha que ele. — Dou de ombros.

— Ridículo. — Addison joga um pano de prato em mim. — Que desculpinha mais esfarrapada. Me conte como se sente de verdade, Whitney, coloque para fora. Quais são seus reais sentimentos pelo Ryan?

Ninguém nunca me fez essa pergunta e não sei bem como responder.

— Ryan é uma das melhores pessoas que já conheci.

— Só isso? Vamos lá, Whit, sei que ele tem ficado por aqui. A caminhonete dele está sempre parada ali na frente.

Imagino se as pessoas que passam aqui também notam isso. Se Trevor já notou.

— Conto com ele mais do que deveria. — Deixo que as palavras escapem pelos meus lábios. — Ele ocupou uma parte do meu coração que eu não sabia que ainda existia. Achei que tinha fechado todas as portas quando me divorciei, só que ele deu um jeito de entrar. Não estou dizendo que estou apaixonada ou algo assim, mas gosto da companhia dele. Tenho certeza de que vai ser um pai maravilhoso para o nosso bebê e, com sorte, um bom parceiro para mim. Se alguma coisa resultar disso, então que seja.

Addison assume uma expressão de incredulidade divertida antes de apontar para mim.

— Garota, você está caidinha por ele. Pode continuar mentindo desse jeito para si mesma o quanto quiser. Mais cedo ou mais tarde, vai acabar admitindo. Você o quer e não só pelo restante da gravidez, mas para sempre.

Não posso argumentar contra o que ela diz, mas também não posso admitir isso.

— Olha, ainda estamos resolvendo as coisas. O que tiver que

ser, será. Pare de tentar definir nossa relação.

— Conheço você, Whitney, e sei que não vai ficar esperando para sempre.

Embora minha amiga esteja certa, também não quero discutir isso com ela. Se tiver que fazê-lo com alguém, deve ser com Ryan.

Renegade

— Você vai ao churrasco dos meus pais? — pergunta Tank durante nossa patrulha pelas ruas de Laurel Springs.

— Sim, vou pelo menos dar uma passada lá. — Não é como se eu pudesse contar que, na verdade, vou junto com a irmã dele. Vai perguntar o motivo e então terei que admitir o que está acontecendo. Sei bem como sua cabeça funciona.

— Se não me engano, a Whit disse que vai levar uma pessoa. Só não falou se é mulher ou homem.

Bato no seu joelho.

— Não é da sua conta.

— É sim. E se for uma amiga gostosa? Posso conseguir um encontro.

Bufo tão alto que nós dois começamos a rir.

— Tá bom, e o que a Blaze vai dizer sobre isso?

— Não importa. — Ele dá de ombros. — Ela não quer namorar comigo, já deixou isso bem claro.

Seu tom não é nada convidativo para que eu pergunte o que quer dizer com aquilo, todavia tenho vontade de fazê-lo. Ele é meu amigo e sei que está escondendo alguma coisa, e não saber o que é faz com que eu me sinta um merda – em especial quando sei exatamente o que estou escondendo dele.

Viramos em uma rua lateral que conecta a cidade à rodovia e estacionamos em um terreno abandonado. Ficamos ali de propósito, uma vez que nosso Cruiser pode ser visto a quilômetros de todos os ângulos possíveis. Qualquer um que planeje passar em alta velocidade terá que fazê-lo consciente de que está violando a lei e será pego. Estamos aqui para impedir que o façam, para tentar manter as ruas seguras.

— O que está acontecendo com você nos últimos tempos? É como se tivesse uma vida secreta que esconde de mim. — Tank prepara o radar, calibrando-o para que possa ser usado de maneira adequada.

— Mais do que qualquer coisa, estou ocupado com os trabalhos de marcenaria. Vai ter uma exposição em agosto. Você sabe o quanto vendo quando vou nesses eventos.

Mentir para o meu amigo dói e é uma merda, mas ao menos sei que a mentira vai acabar em alguns dias. Então, terei sorte se ele voltar a falar comigo. Esse cenário já passou pela minha cabeça. Não gosto nada dele, contudo estou comprometido com as minhas escolhas, mesmo que me machuquem.

— Você vende pra caralho nessas coisas. Talvez devesse desistir dessa merda toda de polícia e trabalhar com a marcenaria em tempo integral.

Estou prestes a fazer um comentário sarcástico quando uma picape preta passa por nós tão rápido que a única coisa que vemos é a cor.

— De novo? — Tank grunhe ao acender os faróis e enfiar o pé no acelerador.

Aciono o rádio e passo nossa posição, informando qual veículo estamos perseguindo. Desta vez já sabemos quem está na direção, uma vez que me lembro da placa, e não é surpresa quando dão o nome de Merle Strather como proprietário do veículo.

— A questão é: ele vai parar dessa vez? — Tank pergunta ao fazer uma curva tão rápida que parece equilibrar o carro em duas rodas.

— Puta merda, cara, quero sair desse turno vivo. — Lanço um olhar reprovador para ele antes de falar no rádio de novo: — Central, estamos a cento e vinte e oito quilômetros por hora na rodovia 5 indo para o leste.

Brooks com certeza está indo para a destilaria do avô.

— Se ele alcançar aquela destilaria, quero que recuem. — A voz de Holden ecoa no carro. — Precisamos de causa provável para entrar lá. Se ele parar essa maldita picape na garagem, então a teremos. Tenho quase certeza de que já começaram a fabricar uma nova remessa.

Tank e eu fazemos o possível para continuar seguindo a picape. Tem algo intrigante sobre esse garoto e o modo como dirige sem

qualquer cuidado. É perceptível que não tem nenhuma consideração com a própria vida e com as dos demais motoristas. Isso faz dele perigoso e, por uma fração de segundo, questiono o que irá detê-lo um dia. Será a própria estrada? Um acidente? Uma multa? Crescer e se tornar um homem?

— Ele está descendo a estrada de terra que leva para a operação. — Tank aponta para o veículo que sai da estrada principal.

— Holden, ele pegou a entrada de acesso — falo no rádio, esperando as ordens do nosso comandante.

— Excelente. Teremos os mandados nas próximas semanas. Agora recuem e voltem a patrulhar.

Sei que isso serviu para um propósito maior, mas fico incomodado por não termos tido a chance de multá-lo. Todas as vezes que o perseguimos, fomos instruídos a recuar ou usar o ocorrido para outros fins. Sinto que estamos falhando com o garoto, deixando que ache que está tudo bem continuar fazendo isso quando, de fato, deveria estar encarando as consequências.

Sou tomado por uma onda de preocupação. E se um dia ele fizer algo do qual não se pode voltar atrás e nós pudéssemos tê-lo impedido com um pedaço de papel? Com a porra de um puxão de orelha e uma multa para pagar? Às vezes, é tudo o que as pessoas precisam para se endireitarem. Com ele, parece que nunca saberemos.

— Um dia vamos pegar esse merdinha. — Tank dá um gole na água apoiada no console. — É irritante como continua escapando.

— Eu sei, mas temos que fazer o que mandam.

— Não significa que não seja uma merda.

Solto uma risada enquanto faço algumas anotações para o nosso relatório em um pedaço de papel.

— Vou colocar isto no relatório: “É uma merda que continuem nos mandando suspender nossa perseguição. Queremos sangue, porra.”

Tank ri junto comigo.

— Parece que estamos no exército de novo com todas essas regras idiotas.

Concordo em silêncio enquanto voltamos para nossa patrulha de sempre. Dando uma olhada nele, torço para que continuemos amigos depois que a situação com Whitney se resolver.

Capítulo 22

Whitney

— Nervoso?

Ryan está quieto no banco do motorista, nos guiando pelas estradas secundárias até a casa dos meus pais. Eles moram no rancho de dois andares desde que eu tinha dez anos e minha mãe estava grávida do Trevor. Na época, ela tinha sua própria barraca de verduras na beira da estrada, mas acabou desistindo do comércio nos últimos anos. Agora, ela fornece para a minha empresa em algumas ocasiões. Beirando os sessenta anos, espero que meu pai esteja pensando em se aposentar, porque sei que minha mãe está pronta para comprar uma casa de praia no Golfo.

— Acha que eu deveria estar? — Seu tom é um pouco indiferente, de um homem que está em paz com as escolhas que fez.

Escorrego para mais perto, pegando sua mão livre e a segurando no meu colo. Se tem uma coisa que amo nesta caminhonete é o banco inteiriço.

— Talvez. Digo, você me engravidou. Mesmo que eu tenha trinta e cinco anos, sempre serei a garotinha dele. Não é isso que os pais dizem?

Ryan vira a cabeça para mim, desviando o olhar da estrada por um breve segundo, no entanto não consigo ver seus olhos por trás dos óculos aviadores.

— Se tivermos uma filha, aí eu te respondo — ele fala devagar, descendo a mão pela minha perna e distribuindo carícias preguiçosas na coxa exposta pelos shorts que estou usando.

— Não está nervoso mesmo?

Agora sinto como se eu fosse uma aberração da natureza, porque estou uma pilha de nervos. E se a verdade destruir o relacionamento entre Ryan e Trevor? De verdade, esse é o meu maior medo. Nunca quis ficar entre eles, e toda vez que penso na criança que estou carregando, esse é o primeiro pensamento que vem à minha cabeça.

— Princesa — ele sorri ao voltar sua atenção à estrada —, não importa o que digam, nada irá mudar nossa relação. Pelo menos não da minha parte. Talvez fiquem chateados por ter escondido isso deles por quase quatro meses, mas se forem mesmo as pessoas que sei que

são, com certeza ficarão felizes por você. Afinal, sabem o quanto você queria ser mãe. De jeito nenhum vão te julgar por algo que sempre quis tanto.

Sei que ele está certo, contudo não consigo evitar a ideia de que está tentando fazer as coisas parecerem mais simples do que são.

— Se está tranquilo, então também estou — afirmo, assentindo repetidas vezes.

O som da sua risada faz os pelos em meus braços se eriçarem. Meu Deus, às vezes parece que ele é o homem mais gostoso do mundo e ainda não consigo acreditar que dorme comigo quase todas as noites.

— Continue repetindo isso para si mesma, amor, mas fique tranquila. Eu acredito o suficiente por nós dois.

Mudando de assunto, faço outra pergunta que está em minha mente desde que saímos de casa:

— Você acha que está tudo bem eu usar biquíni? Quer dizer, sei que a gravidez está bem evidente agora, mas ainda cabe. Acha que eu deveria ter escolhido um maiô?

Ele volta a segurar minha mão.

— Claro que não. Você ficou tão gostosa quando o experimentou naquele dia. Tenho o pressentimento de que precisará mostrar essa barriga para que as pessoas acreditem que vamos mesmo ter um bebê. Senão, vão achar que a induzi a mentir.

Dessa vez sou quem solta uma gargalhada. Se alguém soubesse o tipo de homem que Ryan é, se perguntaria por que ele está comigo.

— Talvez eu tenha te induzido a tudo isso. — Levanto nossas mãos e beijo seus dedos.

Desde o nosso encontro, me sinto mais próxima dele, como se esse relacionamento pudesse ser real e tivéssemos coisas em comum o suficiente para termos uma vida juntos. Antes, temi que tudo fosse uma mera reação física entre nós. Esse tipo de coisa nunca dura muito e, por mais que eu continue mentindo para mim mesma, quero que essa relação com Ryan dure. Só não consigo expressar em palavras ainda. No entanto, farei isso na hora certa.

— Não. — Ele nega com a cabeça. — Agi por livre e espontânea vontade logo que se ofereceu para mim em uma bandeja de prata. Não me arrependo de nada daquela noite, nem de tudo o que fizemos desde então.

Ainda não sei o que fiz para merecer esse homem, mas torço a cada dia que passa para que a minha incapacidade de expressar meus sentimentos não arruíne tudo. Tenho medo de acabar afastando-o para me proteger e, do fundo do meu coração, espero que não chegue a isso.

— Digo o mesmo. — Minha voz sai tranquila quando me permito relaxar um pouco.

Estacionamos na entrada da propriedade dos meus pais e Ryan olha para mim, um sorriso se abrindo em seu rosto.

— Não consigo acreditar que acabou de admitir isso, Princesa. Vou te conquistar antes que toda essa situação esteja resolvida.

Ele não faz ideia do quão perto já está de fazer isso.

* * *

Borboletas parecem fazer a festa em meu estômago enquanto eu, minha mãe, meu pai, meu irmão, Ryan e dois primos meus estamos sentados ao redor da mesa, conversando depois de termos almoçado. Meus primos vão embora em alguns minutos e então, como manda a tradição, o resto de nós vai nadar, tomar sorvete e tirar um cochilo até o sol começar a se pôr. Depois, iremos até o campo local, nos sentaremos nas traseiras das nossas caminhonetes e assistiremos ao show de fogos de artifício preparado pela cidade. Fazemos isso desde que eu era pequena e sempre gostei. Contudo, nesse instante, gostaria que meus primos ficassem conosco pelo resto do dia.

Pare de ser covarde, Whitney, me repreendo. Não posso aparecer num dia com uma barriguinha e no outro com um bebê nos braços e esperar que ninguém questione o que aconteceu comigo.

— Você está bem? — pergunta Ryan ao meu lado. Ele tirou a camisa e suor escorre pelo seu tronco, criando pequenos rios que se acumulam nas linhas do abdômen definido. Aproveitando a presença de ambos, meu pai convenceu que ele e Trevor o ajudassem em algumas tarefas.

Umedeço meus lábios e encontro seu olhar.

— Sim, estou.

Ele me oferece um sorriso. Tenho quase certeza de que sabe muito bem o que eu estava olhando e onde meus pensamentos estavam.

— Só checando.

É então que percebo que meus primos já se foram e só restou a família mais próxima. Todavia, antes que eu possa abrir a boca, minha mãe coloca o sorvete na nossa frente e meu estômago ronca alto. Quero um pouco desse sorvete como nunca quis nada na vida.

— É tão bom reunir todo mundo de novo — diz minha mãe enquanto distribui as colheres. — Parece que passou uma eternidade desde a última vez que estivemos juntos.

— Estamos ocupados com a força-tarefa e o trabalho. — Trevor lança um olhar para Ryan.

— É verdade, Mona. Estamos fazendo hora extra agora.

Estou surpresa que ambos tenham conseguido o dia de folga, em especial sendo feriado, mas não questiono. Concentro-me em saborear minha calda de chocolate quando minha mãe se vira para mim.

— E você, por onde andou, filha? Faz quase dois meses que não a vemos por aqui.

Mais uma colherada do meu sorvete e estou fortalecida o suficiente para contar a todos o que está acontecendo. Não é um segredo que posso ou quero continuar guardando. Afasto a tigela e coloco as mãos no colo.

— Tem algo que preciso contar a vocês.

Nervosa, lanço um olhar para Ryan; contudo, a responsabilidade é minha. Sou eu quem precisa contar a verdade para minha família. Ele me encoraja com um aceno de cabeça e então segura minha mão, entrelaçando nossos dedos.

— Que merda é essa? — sibila Trevor, os olhos arregalados e fixos em nossas mãos unidas. Embora uma mesa nos separe, quase consigo sentir a energia emanando dele.

Fuzilo-o com o olhar e então volto minha atenção aos meus pais.

— O motivo pelo qual não tenho vindo é porque não estava me sentindo bem. No entanto, melhorei na semana passada e estou com ainda mais energia do que antes.

— O que você tem? — meu pai pergunta sem desviar os olhos das nossas mãos.

Ryan desliza para a ponta da cadeira, chegando mais perto para que nossos joelhos se toquem. Aproveito o conforto que o calor de sua

pele proporciona, me dando coragem para respirar fundo e prosseguir:

— Estou grávida. — Dou um sorriso trêmulo. — Ryan e eu vamos ter um bebê.

O silêncio que se segue é carregado de surpresa. Minha mãe leva as mãos à boca e emite um som que julgo ser de felicidade antes de eu escutar a voz do meu irmão:

— Seu filho da puta. — Ele se levanta já avançando em direção a Ryan, que também fica de pé com os braços do lado do corpo.

Vê-los cara a cara faz meu estômago se revirar. Eles são quase do mesmo tamanho; Ryan é mais alto, mas não por muito. Enquanto Ryan é sombrio, Trevor é a luz – longos cabelos loiros, pele mais clara e um porte um pouco menor. Não tenho dúvidas de que Ryan pode acabar com o meu irmão. Ele levou uma vida mais difícil, enfrentou coisas que meu irmão jamais teve que enfrentar. Entretanto, Trevor é explosivo e só o vi perder o controle uma vez – e foi com Stephen. Ninguém sabe sobre aquela noite e a levarei para o túmulo comigo.

— Trevor — chamo em um aviso, apenas para ser ignorada. Ele bate seu peito contra o de Ryan, os narizes se tocando, porém este não se afasta.

— Faça o que achar que tem que fazer. — Ele encara Trevor com uma expressão dura, que nunca pensei que veria entre eles. — Mas saiba que não me arrependo de nada.

Grito quando vejo meu irmão derrubar o pai do meu bebê com um soco no queixo. Fico devastada ao ver que Ryan sequer tentou bloquear ou revidar. Ele não vai lutar com seu amigo.

— Puta merda, Trevor. — Vou até onde ele está de pé sobre Ryan e agarro seu braço. — Qual é o seu problema?

— O meu? — Trevor se volta para mim. Sua habitual expressão risonha e sorridente está fechada e carrancuda. — Qual é a porra do problema *dele*? Qual é a porra do *seu* problema? É uma regra não dita: não se fode a irmã do seu melhor amigo!

Agora estou irritada. Mesmo que tenha sido uma única noite, acabou se tornando algo bem maior. Como ele ousa resumir tudo a uma simples foda? Estou pronta para partir para cima dele, mas Ryan enfim se levanta sem sequer limpar o sangue do rosto.

— Estou disposto a deixar que me bata e me xingue sem revidar porque já passamos por muita coisa juntos, Tank. — Sua voz está fria quando se coloca na minha frente, me protegendo da ira de um irmão irritado. — Porém, não vou permitir que fale assim dela de novo. Você

não sabe o que aconteceu entre a gente ou o que está acontecendo, então é melhor manter a boca fechada. Só porque sai por aí fodendo mulheres e as descartando quando não fazem suas vontades, não significa que eu faça o mesmo. Tenha um pouco mais de respeito pela sua irmã.

Olho por cima do ombro de Ryan, descrente com a reação do meu irmão.

— Estou muito decepcionada com você, Trevor. — Sinto vontade de chorar; meus hormônios estão uma loucura e não quero que as coisas fiquem estranhas entre eles. — Você era a pessoa para quem eu estava mais animada de contar porque sabe o quanto eu sempre quis esse bebê. Você esteve comigo quase todas as vezes que fiz um teste de gravidez só para dar negativo. — Respiro fundo e me permito ficar mais vulnerável do que já estive em muito tempo. — Cacete, eu te liguei quando você estava no exterior e desabafei com você porque sempre foi minha rede de apoio. Como pode não ficar feliz por mim?

Os olhos de Trevor encontram os meus e posso ver o conflito interno que trava. É evidente que quer ficar feliz por mim e curtir a novidade, mas está se segurando.

— Com o Ryan?

Assinto, sorrindo de leve.

— Ele é o seu melhor amigo — eu o lembro. — Se é o melhor para você, porque não pode ser para mim também?

— Vai levar um tempo para eu me acostumar — admite, passando a mão pelo cabelo. — Merda, não consigo acreditar que vocês dois... — Ele para de falar, balançando a cabeça.

— Confie em nós. — Ryan me puxa para frente para que eu fique ao seu lado, um braço enlaçando minha cintura. — Tivemos meses para nos acostumar. Você só teve alguns minutos.

O silêncio se instaura mais uma vez e então escuto meu pai dizer:

— Mesmo que seu irmão não esteja animado, filhinha, nós estamos. — Ele fica de pé com os braços ao redor da minha mãe. — Quando entrou por aquela porta hoje, você estava brilhando de dentro para fora. Não te vejo assim há muitos anos, e se Ryan é quem está te fazendo feliz, que assim seja. Ele está nesta família há bastante tempo e é bom saber que agora terá um lugar permanente. É um dos melhores homens que conheço, e se te deu as duas coisas que você sempre quis, um bebê e compromisso, quem sou eu para julgar?

Agora, eu teria preferido que estivessem casados antes de anunciar? Sim, só que a vida nem sempre funciona como planejamos e é muito curta. Seu irmão vai entender isso, cedo ou tarde.

Caminho até os meus pais e os abraço, deixando algumas lágrimas caírem. O ar entra com mais facilidade em meus pulmões e enfim posso relaxar, permitindo-me ficar animada sem esse peso em meus ombros. Agora que a verdade foi revelada, estou pronta para de fato começar a aproveitar a vida.

Capítulo 23

Renegade

— Tem certeza de que não quer se sentar com a sua família? — Seguro a mão de Whitney enquanto esperamos pelos fogos de artifício. Estamos sentados na caçamba da minha caminhonete, no fundo do campo de futebol e afastados de todos, mas ainda dentro dos limites da celebração.

Ao nosso redor, famílias comem as sobras dos churrascos, crianças correm com velas *sparkles* e cachorros em seu encalço e pais aproveitam para respirar aliviados, sabendo que este é um lugar seguro para os pequenos. Alguém montou uma piscina infantil e um *slip-n-slide* à nossa esquerda, e rio quando vejo Holden tirar a camisa para escorregar. Alguma coisa no ar do verão e no Dia da Independência faz com que todos fiquem em modo festivo.

— Sim. Acho que nós dois precisamos ter conversas separadas com Trevor, mas esta noite não estou disposta para isso.

O que é bem óbvio pela maneira como parece estar murchando no calor.

— Você parece prestes a desmaiar. — Ofereço minha garrafa d'água.

— Só foi um dia longo. Ainda assim, não vou perder os fogos de artifício.

— Quer entrar um pouco na caminhonete e ligar o ar-condicionado? — É a solução mais fácil em que consigo pensar.

— Não, vou acabar ficando com mais calor ainda quando sair. — Ela se vira e dá uma olhada no quiosque de comidas. — Apesar de que eu *adoraria* uma raspadinha.

O sorrisinho fofo que aparece em seu rosto é o que me quebra. Logo já estou de pé fora da caminhonete.

— De uva, certo?

— Fico espantada como me conhece tão bem quando eu nem sabia que você prestava atenção.

Chegando mais perto, puxo-a para um selinho.

— Já te falei, amor. Presto atenção há um longo tempo.

Deixo meus pensamentos correrem soltos enquanto ando até o

quiosque. Em geral, vendem lanches e bebidas para os jogos de futebol, mas hoje estão aproveitando o movimento ocasionado pelo show de fogos. A fila está grande, fazendo a curva próximo do lugar onde as ambulâncias estão estacionadas. Vejo Blaze conversando com Tank e penso que talvez tenha uma bolsa de gelo, o que fará com que Whitney se sinta melhor. Independente do clima ruim entre Tank e eu, quero que ela fique confortável.

— Desculpe interromper — começo ao me aproximar deles —, mas você teria uma bolsa de gelo que eu possa dar para a Whitney? Ela está com muito calor.

Blaze alterna o olhar entre Trevor e eu.

— Pelo que ouvi, devo te dar os parabéns. — Ela abre um sorrisinho antes de se levantar e entrar na ambulância. Quando sai, está segurando uma bolsa de gelo. — Só precisa quebrar e balançar. Coloque nas costas dela, por cima da roupa. Esse é um bom ponto para começar a resfriar o corpo.

— Ela não deveria estar do lado de fora nesse calor — resmunga Tank, me encarando com clara animosidade.

— Não quero brigar com você e estou disposto a aceitar sua raiva, porém concentre-a na pessoa certa. Não nela.

— Ah, estou bastante irritado com vocês dois. Alguém deveria ter me contado. Eu estava lá quando ela descobriu que estava grávida. Você não poderia ter me puxado de lado e dito, tipo, “Cara, fui eu”?

Nego com a cabeça.

— Não era problema seu, Tank. — Estou começando a ficar irritado e posso notar que ele também.

— Ela é problema meu.

Chego mais perto para que fiquemos cara a cara.

— Agora também é meu, assim como o bebê que está carregando. Você, mais do que todos... — Paro de falar, sem ter certeza se consigo terminar a frase, porque Tank sabe tanto sobre a minha infância. — Você sabe o que ter um filho significa para mim. Sabe que quero estar presente na vida dessa criança e que não farei nada que coloque isso em risco. — Diminuo meu tom de voz quando me aproximo mais. — Você também sabe que tenho uma queda por ela há anos. Por que não pode ficar feliz por mim?

Um pouco da raiva se esvai de seu rosto e sei que toquei no que talvez seja o único ponto fraco que tenha sobre essa questão.

— Aquela criança vai ser seu sobrinho ou sobrinha, cara. Fique irritado com a gente por alguns dias, mas encontre um jeito de superar. Finalmente seremos uma família, como sempre falávamos quando éramos pequenos. Entendo que esteja chocado; eu também fiquei. Ela me falou que não podia ter filhos, mas você sabe de onde essa ladainha veio.

— Sei. — Ele passa uma mão pelo cabelo loiro comprido. — Sei muito bem e fico feliz pra caralho que ela não teve essa criança com ele.

— Viu, já tenho algo a meu favor.

O silêncio se prolonga entre nós pelo que parece uma eternidade e sei que preciso voltar para Whitney.

— Vou deixar que voltem para o que quer que estivessem conversando. — Uso a bolsa de gelo para gesticular. — Só quero que saiba que sempre será meu melhor amigo, Trevor, e vou precisar de você mais do que nunca agora. Assim como ela.

Quando me viro, posso sentir que ele continua me encarando, travando uma batalha consigo mesmo. No entanto, fui honesto e tenho que deixar que supere o choque por conta própria. É a única forma de tentarmos salvar nossa amizade.

Whitney

— Obrigada pela raspadinha e a bolsa de gelo. Fizeram uma grande diferença. — Deitados na caçamba da caminhonete, me aconcheço ainda mais em Ryan. Sobre um colchão improvisado feito de um cobertor e algumas jaquetas, ele recosta na traseira e eu me deito em seu peito, esperando pelos fogos de artifício.

Por fim, o céu se tornou escuro como nanquim. Não tinha certeza se o sol iria de fato se pôr por completo. Ele permaneceu no horizonte pelo que pareceu uma eternidade, quase como se não quisesse se despedir.

Os fogos de artifício sempre foram minha parte favorita do Dia da Independência.

— Acha que Trevor vai nos perdoar? — sussurro, brincando com sua camisa.

— Claro que vai — ele responde de imediato. — Trevor está em choque, assim como nós logo que descobrimos. Vai levar um tempo,

mas ele será o tio mais animado do mundo quando superar.

— E acha que vai superar logo? Odeio quando ele fica bravo comigo, e já faz algum tempo desde a última vez que ficou puto desse jeito.

Ele ri, soltando ar quente contra minha testa.

— Ele está bravo com *você*? Tenho que patrulhar com ele pela manhã. Vai ser um turno interessante.

— Desculpe. — Mordo o lábio inferior, torcendo para conseguir controlar meus sentimentos. Odeio estar emotiva o tempo inteiro, mas é o preço desta gravidez para mim. — Não queria estragar a amizade de vocês.

— Não estragou. — Ele ergue meu queixo, forçando-me a encontrar seu olhar. — Tank sabe o que sinto por você, sempre soube. Nunca tentei esconder.

O que é insano para mim.

— Como eu nunca soube disso? Bem eu, a pessoa que mais deveria saber?

— Talvez não tenha percebido? — Seus braços se apertam ao meu redor. — Você era uma mulher casada e, antes disso, eu era um adolescente. Não era algo que você perceberia e com certeza não era algo que eu queria que soubesse.

A única coisa que consigo pensar é em como perdi tanto tempo com Stephen enquanto Ryan sempre teve sentimentos por mim. Consigo entender o porquê de nunca ter me dito nada; afinal, a diferença de idade teria sido meu maior empecilho. Ela ainda me incomoda um pouco e não consigo imaginar como eu teria reagido tendo trinta anos e ele, vinte. Talvez nós dois precisássemos amadurecer a fim de aceitar este relacionamento tênue que temos agora.

Quero dizer alguma coisa, mas as luzes do campo são apagadas.

— Ah, está na hora!

Dou um pulo quando o primeiro fogo de artifício explode no ar, pintando o céu de rosa e verde. Agarro-me a Ryan assim que a segunda explosão ocorre à nossa esquerda, dessa vez em vermelho, branco e azul. Sempre fui patriota por causa de Trevor; todavia, ao estar nos braços deste homem que serviu ao nosso país, este dia ganha um significado bem maior para mim.

Desviando o olhar do lindo céu, olho para ele apenas para ver

que também está me observando. De repente, não me importo mais com os fogos de artifício. Seu olhar é tão carinhoso e apaixonado que não consigo me segurar. Agarrando sua camisa, puxo-o e colo nossos lábios em um dos beijos mais ardentes que já compartilhamos.

— Não tem ninguém olhando — ele sussurra em meu ouvido quando afasto nossas bocas, sentando em seu colo e começando a mexer meu quadril.

Nunca fiz nada desse tipo, porém Ryan tem esse efeito em mim, me transforma nessa pessoa selvagem que só tem olhos para ele. Sei que o show de fogos dura pelo menos quinze minutos e, quando suas mãos agarram minha bunda, me pressionando contra a ereção em sua bermuda, não consigo me conter. Jogo todas as preocupações para o alto e roço contra ele, unindo nossas bocas de novo. O barulho das explosões é encorajador, me impulsionando a continuar o vai e vem do meu quadril.

Ainda vestidos, somos como dois adolescentes cheios de tesão se esfregando na traseira da caminhonete do pai dele no Dia da Independência. Graças a Deus estacionamos bem longe de todo mundo. Gemo alto quando ele desliza uma mão por baixo da minha regata, apalpando meu seio coberto pelo biquíni. Meus mamilos estão mais sensíveis do que nunca e, ao sentirem o calor de sua pele, ficam eriçados, despontando contra sua mão.

— Ai, meu Deus. — Estremeço antes de interromper nosso beijo, jogando a cabeça para trás sem parar de cavalgar contra sua bermuda.

Seus dedos agarram meu mamilo, puxando-o de maneira quase dolorosa e, puta que pariu, é exatamente disso que preciso agora. Acelero meus movimentos para acompanhar os fogos de artifício no céu. Sei que o clímax está chegando tanto para mim quanto para o show que deveríamos estar assistindo. Aumentando mais o ritmo, me apoio nos meus joelhos e afasto sua mão para tocar meus seios, estimulando os mamilos com as pontas dos dedos.

— Vamos lá, Whit, o show está quase acabando. — Ele abaixa a mão para os meus shorts, esgueirando dois dedos para dentro sem ultrapassar a barreira da parte de baixo do biquíni. Quando as pontas dos seus dedos roçam meu clitóris eu explodo, deixando que meu corpo caia sobre o dele e mordendo seu pescoço para me impedir de gritar. Não quero que saibam o que estamos fazendo.

— Porra. — Sua outra mão vai de encontro ao meu traseiro também enquanto continuo a me movimentar contra ele.

— Cristo... — Suspiro, me esfregando nele como um gato, meu

corpo ainda faiscando. Se estivéssemos sozinhos em casa, eu iria querer uma segunda rodada. Posso senti-lo duro contra o meu corpo.

— Vamos entrar na caminhonete — ele diz antes das luzes do campo se acenderem.

Corremos para fazer isso, eu com as pernas trêmulas e sentindo a umidade entre minhas coxas. Meu olhar ainda está um pouco desfocado e me pergunto como diabos esse homem consegue me levar a fazer essas coisas até mesmo em público. Ao entrarmos no carro, Ryan desabotoa sua bermuda jeans e a abaixa um pouco.

— Puta que pariu, que alívio. — Ele respira fundo antes de colocar a caminhonete em movimento. Somos um dos primeiros a sair pelo portão, então não temos que esperar na fila. Quando já estamos na estrada, estico a mão e seguro seu pau.

— Puta merda, Whitney. Não tem que fazer isso.

— Eu quero fazer. Quero que sinta o que eu senti e que goze sobre mim.

— Prefiro gozar *em* você. — Por um segundo, ele tomba a cabeça no encosto.

Desafio aceito. Solto o cinto de segurança e me ajoelho, empurrando sua cueca boxer para baixo e colocando-o em minha boca.

— Puta que pariu. — Ele agarra meu cabelo com uma das mãos.

— Foque na estrada. — Rio ao abandonar seu membro.

Nunca gostei muito desse ato em particular, porém, com Ryan, eu amo. Seu gosto se assemelha a uísque, quente e forte na minha língua. Quando comprimo as bochechas ao chupá-lo mais uma vez, ele geme alto.

— Não vou durar muito mais, Princesa. Você já me deixou bem excitado lá no campo.

Pela forma como seu quadril avança contra minha boca, isso vai acabar ainda mais rápido do que pensa. Com mais um mergulho da minha cabeça, sinto-o se derramar em minha garganta. Sem outra escolha, engulo tudo, contente.

— Cacete, Whitney... — Ele ofega, mantendo as duas mãos no volante quando o libero com um estalo de língua.

— Feliz Dia da Independência. — Sorrio, limpando meu queixo.

Ryan me puxa para o seu lado e vamos para casa, um sorriso bobo em meus lábios e uma felicidade sem tamanho em meu peito.

Capítulo 24

Renegade

Fico um pouco surpreso quando chego à delegacia na manhã seguinte e vejo Tank já dentro da viatura. Imaginei que ele pediria o dia de folga ou trocaria de turno com alguém ao invés de ficar preso comigo o dia inteiro.

— Bom dia. — Entrego-lhe um dos copos de café que sempre trago.

Ele grunhe algo que talvez seja um “bom dia” em resposta, mas não tenho certeza. Se essa é uma amostra de como nossa patrulha será, talvez eu deva dar meia-volta e ir para casa.

Pelas primeiras três horas, ficamos em silêncio absoluto. Quando meu celular apita com uma nova mensagem, fico feliz por ter alguém com quem conversar.

W: *Oi, bonitão! Como está indo com o meu irmão?*

R: *Não trocamos mais do que duas palavras. Mas ele aceitou o meu café, então talvez seja um bom sinal? Como você está hoje? Estava dormindo pesado quando saí de manhã.*

W: *É porque alguém me cansou na noite passada.*

R: *Não, lembro muito bem que foi você quem ficou se esfregando no meu pau na traseira da minha caminhonete e depois me fez um boquete enquanto eu dirigia. Meio que foi você que me cansou ontem.*

— Pode pelo menos tirar esse sorrisinho idiota da cara enquanto troca mensagens com ela?

A voz fria de Tank diminui um pouco minha felicidade por estar conversando com Whitney.

— Posso, só que isso não vai mudar meus sentimentos por ela e nem os dela por mim. Então por que não me fala qual é o seu problema?

Ele fica quieto por um tempo, mais do que eu gostaria que ficasse, e me pergunto se será honesto. Por fim, após parecer pensar muito, começa a falar:

— Sei como os seus pais eram e o quanto quer corrigir os erros que cometeram com você com o seu próprio filho. No entanto, eu me preocupo. E se esses demônios te procurarem? Não sabemos ao certo o

que aconteceu com a sua mãe e o seu pai é, no mínimo, um grande merda. Não quero que a minha irmã e meu sobrinho ou sobrinha tenham contato com isso. — Ele bate com força no volante. — E me sinto um bosta por dizer isso porque sei o homem bom que é, Renegade. Eu daria minha vida por você e sei que faria o mesmo por mim. Só que não consigo parar de pensar nessas coisas.

— Acha que também não estou pensando em tudo isso? Mas se tem uma coisa que aprendi nos últimos anos é que não posso deixar o lugar de onde vim definir quem vou me tornar. Não dessa maneira. Não posso permitir que me faça viver com medo, mas posso usar todas as merdas pelas quais passei para ser uma pessoa melhor. Nunca vou conseguir encarar o mundo se deixar o medo consumir cada pedaço de felicidade que já tive. — Faço uma pausa. — A Whitney me faz feliz, Trev, e acho que eu a faço feliz também.

— Eu sei que faz. Meu pai tinha razão, ela estava brilhando quando a vi ontem. Há anos que não ficava radiante assim, tão descontraída. E você... parece mais leve, menos tenso. Parou de levar tudo tão a sério. Exceto nas operações. Notei que, quando vamos para as ruas, você sempre usa o colete e toma cuidado. Além disso, está rindo mais e franzindo menos a testa. Vocês dois merecem ser felizes e não quero estragar isso — conclui —, só que também não quero que se machuquem.

— Não há garantias na vida, ambos sabemos disso. — Reflito se o que direi a seguir irá irritá-lo ou será a bandeira branca que ele está esperando que eu estenda em sua direção. — Contudo, se as coisas se complicarem e eu tiver que protegê-la, você é a única pessoa que quero ao meu lado. Não deixe que essa situação acabe com a nossa amizade.

Leva alguns minutos, mas ele se vira para mim, um sorriso malicioso no rosto.

— Vou dizer isso como seu amigo, não como irmão dela. Puta merda, Renegade, você pegou a única garota com quem sempre quis trepar. Como se sentiu?

— Talvez da mesma forma que você quando trepou com a Blaze. — Rio, porque esse é o meu amigo, o cara com quem fui para a guerra e voltei para casa, que me deixava dormir no chão do seu quarto e não me chamava de covarde quando eu chorava por causa dos meus pais. Esse é o meu irmão.

— Bem pra caramba, então. — Ele sorri para mim. — Agora, vou falar isso uma vez como irmão dela e não vou repetir. Se tratá-la como Stephen tratou, se partir seu coração e fazê-la chorar, vou

quebrar a sua cara. Vou te deixar com muito mais do que apenas esse hematoma que tem hoje. Não me interessa o quão bonito seja o seu rosto.

Ele estende a mão para um aperto. Retribuo o gesto.

— Tem a minha palavra. Não vou estragar uma coisa que quis a vida toda.

— É bom saber disso. Agora estamos conversados.

Whitney

Ryan não virá esta noite porque tem que organizar algumas coisas em seu apartamento e terminar alguns pedidos da marcenaria. Sei que ele aceita encomendas vez ou outra, mas o que quero mesmo ver são as peças que faz por conta própria. Contudo, ele é tímido no que diz respeito a isso e não tenho certeza se já chegou a mostrar seu trabalho para alguém.

Antes da noite de hoje, não tinha percebido como gosto de tê-lo por perto. A casa está quieta demais e me desacostumei a ficar sozinha depois das seis da tarde. Em geral, por volta desse horário, Ryan já foi buscar algumas roupas, jantar ou o que quer que seja e já está por aqui. Então tentamos decidir como passar a noite ou ficamos nos beijando sob o pretexto de estarmos assistindo TV.

Estou deitada no sofá, passando pelos canais e morrendo de tédio quando minha campainha toca. Sabendo que não é Ryan, não me apresso para atender, porém, ao abrir a porta e ver Trevor ali, minhas mãos ficam suadas.

— Posso entrar? — Ele ainda está usando seu uniforme e, por algum motivo, faz com que pareça mais vulnerável para mim.

— Claro. — Abro o restante da porta.

— Tive uma conversa com Ryan hoje. — Direto ao ponto. — Não vou dizer que já aceitei a relação de vocês, mas estou quase lá. Só preciso ouvir o que você tem a dizer.

Já estive exposta diante do meu irmão algumas vezes. Ele me viu em meus piores momentos, os quais sei que nunca trará à tona de novo. Tenho certeza de que, quando conseguir as respostas que busca, ficará em paz.

Limpo a garganta.

— O que quer saber?

— Ele se aproveitou de você? — Trevor já está sentado no meu sofá, soltando o coque que mantém seu cabelo preso. — Tenho pensado nisso desde ontem. Ele tirou proveito do fato de estar se sentindo para baixo?

Sento-me ao seu lado, mais uma vez com ciúmes do cabelo que tem. Ele poderia ser modelo – é a cara do Jax Teller da série *Filhos da Anarquia*.

— Não. — Penso naquela noite, sentindo certa excitação pelo modo como as coisas aconteceram. — Pelo contrário, eu que me aproveitei dele. Vou ser honesta com você, Trev. Eu estava bêbada, com tesão e sentindo pena de mim mesma. Você sabe que o meu casamento com o Stephen era um verdadeiro show de horrores, em especial nos últimos meses. Eu pedi que Ryan me desse todas as coisas que sempre quis e nunca tive. — Dou de ombros. — Então ele me deu.

— Ele não te maltratou? Não foi bruto com você? Não fez nada que você não quisesse? — Consigo ver a preocupação em seus olhos e sei que isso não é sobre seu amigo: é sobre sua irmã.

— Ele só foi bruto comigo quando pedi que fosse — respondo com sinceridade. — Eu te avisei que não ia querer saber disso, porém é a verdade. Ryan não fez nada de errado, e se alguém tem culpa pela minha gravidez, esse alguém sou eu. Eu falei para ele que não podia ter filhos.

— Porque foi nisso que aquele filho da puta com quem você foi casada te fez acreditar — ele rosna, estalando os dedos.

Agora percebo que sim, ele me fez acreditar nisso – e em muitas outras coisas. Não posso evitar fazer uma pequena oração, agradecendo a Deus por ter me tirado daquela situação horrível.

— Tem razão. Ele me fez acreditar em muitas coisas e fui ingênua de aceitar sua palavra como verdade. Para a sorte de todos nós, Ryan está me mostrando que nem todos os homens são como ele.

— Ryan é um cara legal — concorda Trevor, se esticando para segurar minha mão. — Se confio em alguém para tomar conta de você, é nele. Eu só tinha que ter certeza... entende?

— Entendo, de verdade.

Puxo sua mão para colocá-la na minha barriga.

— Às vezes consigo sentir o bebê se mexendo e estou sentindo agora. Veja se consegue também.

Trevor franze a testa, concentrado, e logo um sorriso largo se abre em seu rosto.

— Caramba, que chute forte. Você tem um jogador para o Alabama aí. — Ele ri.

— Vamos descobrir em três semanas, quando formos à médica. Só consegui marcar uma consulta para a segunda semana de agosto.

— Foi por isso que Ryan pediu folga? Ele nunca pede.

Inclino-me para dar um abraço no meu irmão.

— Ele é um cara legal que está cem por cento presente nesta gravidez. Por favor, não torne isso mais difícil para nós do que já é.

Sua mão vai até a minha barriga de novo.

— Não farei isso. Por favor, me mantenha informado e me conte qual é o sexo para que eu possa começar a comprar presentes. Estou feliz por você, irmã, nunca pense o contrário.

— Jamais, mas estou feliz por ter sua aprovação. Significa tudo para mim. — Ele me abraça mais uma vez antes de se levantar e ir até a porta. — Talvez algum dia você tenha isso com aquela garota que me contou sobre.

Uma expressão melancólica toma conta do seu rosto ao abrir a porta.

— Nunca se sabe. Merdas muito doidas acontecem. Digo, olhe só para você.

Jogo uma almofada nele assim que fecha rápido a porta, acenando em despedida.

Agora sozinha com os meus pensamentos, vou até o final do corredor e entro no cômodo vazio que sempre quis que se tornasse um quarto de bebê. Mal posso esperar para descobrir o sexo e começar a decorar. Todavia, estou inquieta.

Pego todo o material que uso para planejar casamentos e me sento no meio do ambiente vazio, passando as próximas horas elaborando os quartos perfeitos para um menino ou uma menina.

Espero que Ryan concorde com as minhas escolhas. No entanto, sabendo o que sei sobre ele agora, tenho certeza de que não será tão difícil usar meus encantos femininos para convencê-lo de quase qualquer coisa.

Capítulo 25

Whitney

Agosto

— Obrigada por me buscar. — Eu me inclino, afivelando o cinto de segurança e dando um beijo na bochecha de Ryan.

Tive uma reunião com um cliente no Centro, no The Café, e ao invés de colocarmos dois carros na rua, pedi que Trevor me deixasse no caminho para a delegacia e que Ryan viesse me buscar. Hoje, descobriremos o sexo do nosso bebê.

— Como se tivesse que pedir duas vezes. Você está pulando de ansiedade. — Ele ri ao se juntar ao trânsito, colocando um braço ao redor dos meus ombros.

— Estou tão animada que mal dormi noite passada. E para completar, você não estava lá. — Coloco a mão em sua coxa enquanto ele dirige pelo centro da cidade. Mesmo que esteja perto da hora do almoço, ainda não está tão movimentado.

— Bem, acredite. Trabalhar ontem no turno da noite foi horrível. Prefiro mil vezes patrulhar com o Tank do que com o Ace, mas, de qualquer forma, tive sorte de ter sido uma noite calma. Também não consegui dormir direito. — Ele aponta para o banco de trás. — Já arrumei uma mochila para esta noite. Não gosto de dormir longe de você.

Chego mais perto dele, respirando fundo. Amo o seu cheiro, que agora está espalhado pelo meu lençol e pelo travesseiro com o qual dormi agarrada ontem. Tem alguma coisa nele que me faz sentir segura, amada e gostosa ao mesmo tempo.

— Eu também não, e fico feliz que tenha trazido a mochila. Talvez possa empacotar todas as suas coisas e levá-las lá para casa algum dia.

Ryan prende a respiração.

— Está brincando comigo, Whit?

— Não. — Balanço a cabeça com um sorriso. — Quando estiver pronto, eu adoraria que fosse morar comigo. Não gosto de ficar longe de você.

E, neste momento, é o mais perto que consigo chegar de dizer a ele que o amo sem de fato pronunciar aquelas três palavras. Olhando

para seus olhos cobertos com os óculos de sol, acho que ele também sabe disso.

— Com certeza podemos fazer acontecer. Não vou invadir o seu espaço.

Inclinando-me, dou uma lambida em sua orelha.

— Meio que gosto quando invade o meu espaço.

Ele me puxa para mais perto.

— Então esteja preparada para todos os tipos de invasão, porque você acabou de me fazer o cara mais feliz do mundo.

Em pouco tempo, chegamos ao prédio comercial onde fica o consultório da minha obstetra e ginecologista. Ao estacionar na praça, Ryan me dá um tapinha na perna.

— Saia por aqui. As pessoas não prestam muita atenção desse seu lado da rua.

Ele me ajuda a descer pelo lado do motorista e meu coração dispara com a maneira como cuida de mim, não importa onde estamos. Ajeito a saia e pego minha bolsa antes que ele feche a porta e entrelace nossas mãos, e então subimos a rua. Amo o fato de não se importar que nos vejam caminhando juntos. Quando passamos por uma lojinha de itens para bebês, ele para.

— Depois da consulta, podemos vir aqui e escolher os móveis. Já saberemos se é menino ou menina e poderemos montar o quarto do jeitinho que planejou.

Envergonhada, escondo o rosto em seu ombro.

— Não acredito que fiz aquilo sem te consultar. Sério, me desculpa.

— Não peça desculpas, amor. Você é a organizadora aqui. Pelo menos conseguimos escolher os nomes juntos.

Lembro-me da noite em que lhe mostrei os quartos que tinha planejado enquanto estava entediada e desejando que ele estivesse comigo. Ele apenas riu e disse que estava surpreso por eu ter levado tanto tempo para definir como queria que os quartos fossem. Fiquei envergonhada na hora; no entanto, nos sentamos no chão do cômodo e aproveitamos o momento juntos, discutindo nomes e determinamos que não contaríamos nossas escolhas a ninguém até que descobrissemos o sexo.

— Bom, eu queria que você pudesse opinar também.

Ele me puxa para mais perto, beijando minha testa.

— Você me deixa opinar em tudo que importa, Princesa. Estamos fazendo um ótimo trabalho juntos, não acha?

— Sim. — Sorrio. — Estamos. Melhor do que pensei que faríamos.

Paramos na frente do prédio, ambos respirando fundo.

— Está pronta? — ele pergunta.

— Se você estiver.

— Não sei se já sabe disso, mas eu enfrentaria um pelotão de fuzilamento por você e nosso bebê. Estou mais do que pronto.

Ficando na ponta dos pés, dou um beijo em seus lábios.

— Então estou pronta também.

.....

À espera da técnica de ultrassom, estamos uma verdadeira pilha de nervos.

— Parece que seu coração vai pular do peito? — questiono, passando a mão pelo meu cabelo.

— Sim! Já participei de missões com a Força-Tarefa Móvel e o exército, e nunca fiquei tão nervoso. Sinto que minha vida toda depende dessas imagens que vamos ver.

Agarro sua mão.

— Eu me sinto igual, e talvez esse momento signifique mesmo tudo isso. Podemos estar dando muita importância a essa consulta, mas é a nossa vida, Ryan. É assim que achamos que deve ser. Sabemos o quanto já amamos esta criança e, seja menino ou menina, não faz diferença para mim.

— Mas faz para mim. — Seu rosto fica vermelho. — Se for menino, só tenho que me preocupar com ele sair enfiando o pau nas garotas. Se for menina, tenho que me preocupar com todos os outros paus do mundo. É uma baita pressão, amor.

Jogo a cabeça para trás numa risada histérica, meus ombros sacudindo com a intensidade.

— Desde quando tem pensado nisso?

— Tipo, todas as noites pelos últimos dois meses. — É a sua vez

de passar a mão pelo cabelo. — Não consigo tirar essa merda da cabeça.

— Por que não me falou? — Dou uma risadinha, sentindo dó dele. — Não me faça rir, preciso fazer xixi urgente.

— Não queria te preocupar com a minha loucura. Quer dizer, achei que você também já tinha muita coisa na cabeça.

Limpo as lágrimas ocasionadas pela crise de riso e, caramba, que crise boa. Eu precisava disso para aliviar toda a tensão.

— Eu o teria ajudado a se livrar dos seus medos. Estamos juntos nessa, lembra?

— Lembro, mas me senti um covarde.

Rio um pouco mais assim que a técnica entra na sala.

— Posso escutar vocês dois rindo lá de fora. São do tipo de pais que eu gosto. — Ela une as mãos ao se sentar.

— Estamos animadíssimos — digo antes de dar um pulinho quando ela levanta minha blusa e coloca o gel na minha barriga.

— Desculpe, eu devia ter avisado que é gelado. É que estou um pouco cansada. O casal antes de vocês descobriu que está esperando quádruplos ao invés de gêmeos.

— Puta que pariu — murmura Ryan perto de mim, os olhos arregalados. — E se estivermos esperando mais de um?

— Está tudo bem — falo, apesar de ter ficado um pouco assustada também. — Estamos bem. — Não tenho certeza de quem estou tentando acalmar, eu ou ele.

— Bem... — A técnica dá uma piscadinha. — Com certeza iremos descobrir.

Ryan e eu ficamos mais quietos do que nunca enquanto esperamos que ela ligue o aparelho. Então, ouvimos os batimentos fortes e nos entreolhamos.

— Está acelerado — comento, esperando a imagem aparecer na tela.

— Está perfeito — diz ela ao apertar alguns botões e, de repente, podemos ver. A imagem do nosso bebê.

— Então, deixe-me mostrar o que temos aqui. — A técnica vira o monitor para que nós dois possamos ver o que está fazendo.

Aperto a mão de Ryan, esperando o que parece uma eternidade

até que ela volta a falar:

— Aqui estão a cabeça, as pernas e os braços, e tudo parece perfeito. O tamanho também está adequado para a idade gestacional. Agora, vamos para a parte mais importante do dia. Querem saber o sexo do bebê?

— Sim — respondemos em uníssono.

— Parabéns, vão ter uma menina.

Ao meu lado, Ryan deixa escapar um suspiro alto.

— Parece que terei que me preocupar com todos os outros
paus.

Solto uma gargalhada, limpando minhas lágrimas.

— Não se preocupe. Stella saberá escolher bem.

Ele se inclina para beijar minha testa.

— Não tenho certeza se isso faz com que eu me sinta melhor.

A técnica ri de nós.

— Querem algumas fotos?

Assentimos e ela entrega uma imagem a Ryan, que tira uma foto com o celular.

— Você se importa se eu mandar para o Tank?

— Claro que não. — Quero que Ryan se sinta parte disso, e contar ao meu irmão talvez seja mais importante para ele do que para mim.

Ele espera enquanto me limpo e me visto e então vamos direto para a lojinha de bebês onde compramos tudo, menos um berço.

Apesar de não conseguirmos chegar a um consenso quanto a isso, estamos animados para ir para casa e organizar tudo que compramos para Stella. Ao entrarmos na caminhonete, envio uma mensagem para Trevor perguntando se quer vir nos ajudar.

Enfim, sinto que somos uma grande família feliz.

Capítulo 26

Renegade

— Verdade ou mentira? — pergunto, acariciando o ombro de Whitney. Está quente esta noite e ainda estamos suados da atividade que acabamos de fazer juntos. Contudo, sei que estamos bem despertos e não iremos dormir tão cedo. Por isso, é hora de voltar ao nosso jogo.

— Hum... — Ela rola para mais perto de mim, puxando o lençol para o peito antes de franzir o nariz daquele jeitinho adorável. — Amo as mentiras elaboradas que você inventa, mas hoje quero uma verdade.

— Ah, vejamos. — Deixo que minha cabeça caia no travesseiro, tentando escolher uma verdade para contar. — Quão antiga ela deve ser?

Ela morde o lábio inferior carnudo e se senta com as pernas cruzadas, garantindo que o lençol continue cobrindo seus seios.

— Da sua adolescência. — O desafio é lançado.

— Merda. — Respiro fundo antes de me sentar também, recostando na cabeceira. Volto aos meus tempos de adolescente, tentando definir o que contar. Boa parte da minha juventude revolveu ao seu redor e ela nem sabe disso.

— Anda logo, Ryan, ou está com medo? — Whitney provoca.

— Não estou com medo. — Olho feio para ela. — Estou tentando pensar no que quero contar a você.

— Se estiver com medo, deixo você mentir. — Ela oferece.

— Não preciso da sua caridade. — É então que a verdade perfeita me vem à cabeça. — O aniversário de dezesseis anos do Trevor. Eu ainda tinha quinze e estava morrendo de inveja porque ele já poderia dirigir. Lembra? — pergunto, torcendo para conseguir levá-la quase dez anos de volta no tempo.

Inclinando a cabeça para o lado, ela faz um biquinho.

— Vagamente.

— Caramba, mulher! Foi um dos dias mais marcantes para mim. — Assobio. — Em um segundo, estou irritado pra caralho porque Stanley e Mona deram uma caminhonete para o Tank e ele

poderia ir ao cinema com a namorada da semana. No próximo, olho para cima e você está saindo da casa para a piscina usando um biquíni azul-turquesa.

Seus olhos se arregalam.

— Meu Deus, você se lembra daquilo?

— Não tem muito que eu esqueça sobre você, Princesa. — Minha voz se profunde quando continuo a história: — Eu estava indo bem, lutando contra a ereção mais embaraçosa da minha vida até que você se aproximou e desejou feliz aniversário ao Trevor. Você o abraçou e depois me abraçou, e aí acabou para mim. A sensação dos seus seios contra o meu peito? Eu queria apertar sua bunda, mesmo que não soubesse ao certo o que aquilo significava.

— Ryan! — Ela ri, puxando o lençol sobre a cabeça, envergonhada e abanando o rosto. — Não acredito nisso.

— Acredite. — Minha risada sai aguda por ainda me lembrar do adolescente frustrado que fui. — Acabei me masturbando no banheiro temático de praia da sua mãe.

— Meu Deus do céu! Aquele era o meu banheiro na época que eu morava lá. — Whitney não consegue parar de rir, seu rosto de um vermelho tão vivo que posso ver mesmo na penumbra.

— Você queria a verdade, amor. — Sorrio para ela, arrancando o lençol das suas mãos. — A verdade é que eu sempre te quis e agora que a tenho, darei o meu melhor para que continue ao meu lado.

Ela se estica para pegar o lençol de volta, mas seguro sua mão e a puxo para que se sente em meu colo. Enterrando minhas mãos em seu cabelo, trago seu rosto para baixo para que nossos lábios possam se encontrar.

— Às vezes você me desarma, Ryan — sussurra ela contra minha boca.

— É justo — respondo, mergulhando em seu pescoço. — Você faz isso comigo o tempo todo.

.....

Não paro de mascar o chiclete na tentativa de controlar o suor que escorre sob meu colete e o ritmo frenético dos meus pensamentos. Finalmente conseguimos o mandado assinado pelo juiz para invadir a destilaria na rodovia 5.

Nervosismo corre pelo meu corpo e não sei ao certo por qual

motivo. Não é um ataque surpresa: vamos entrar pela porta da frente e sair prendendo todo mundo. Não temos que esconder o que estamos fazendo. Talvez seja a forma como Whitney e eu conversamos na noite passada, quando admiti algo que pensei que levaria para o túmulo. Estou me sentindo vulnerável hoje, como se minhas entranhas estivessem expostas para que todos vissem.

— Você está bem? — pergunta Tank ao nos sentarmos lado a lado.

Ajeito o boné, torcendo para que o suor pare de escorrer pelo meu rosto. É a adrenalina; já estou familiarizado com ela.

— Sim, só estou nervoso. Nunca tive ninguém me esperando em casa, sabe?

— Com sorte, isso vai te fazer mais inteligente em campo — fala Holden do lugar onde está sentado.

Contamos para todos sobre o bebê. Não foi nenhum grande anúncio; contudo, na semana passada, Whitney trouxe jantar para mim quando estávamos tendo uma reunião sobre a operação e é claro que todos viram sua barriga. Testemunharam nosso beijo de despedida e, desde então, ninguém parou de tirar sarro de mim.

— Eu já era bem inteligente.

— Era sim — diz Ace do outro lado —, mas será bem mais agora que tem um bebê e uma garota te esperando. Aliás, devo dizer que, embora a ceninha de vocês tenha sido tão melosa que quase vomitei, amoleceu esse meu coração de pedra.

Todos riem, aliviando um pouco a tensão.

— Pare com isso. — Não consigo esconder um sorriso.

— Então, quando vai se casar com ela? — provoca Holden.

Olho para Tank, porque é algo que ainda não discutimos, uma questão que não quis levantar. Não tenho certeza de como Whit irá reagir; afinal, sua experiência anterior não foi feliz.

— Não sei, ainda não falamos sobre isso.

— Ele vai ter sorte se minha irmã não sair correndo. Você sabe que ela é divorciada.

Tank tenta desviar o assunto de mim. Fico agradecido, porque se tem uma coisa que odeio é ser o centro das atenções.

— Dois minutos! — grita o motorista.

Num piscar de olhos, todos se calam e se concentram no

trabalho a cumprir.

— Tomem cuidado lá fora — diz Holden assim que entramos na estrada de terra.

Posso sentir seu impacto nos pneus do carro e, quando paramos, saímos todos do veículo com as armas empunhadas. Estamos preparados para tudo que possa acontecer hoje. No entanto, as armas começam a se abaixar quando vemos quem está à nossa frente. Ao contrário do que esperávamos, não é um grupo de atiradores.

Quem nos encara é Leighton Strather, sozinha e assustada.

— Onde estão o seu pai e Merle? — questiona Holden, indo até ela e a virando para algemar seus pulsos. Não importa se Leighton é uma jovem que provavelmente não sabe nada sobre o que acontece aqui – ainda temos que tratá-la como suspeita.

— Eu não sei. — Sua voz é quase um sussurro ao abaixar a cabeça. — Eles deveriam estar aqui há uma hora.

— Leighton — começa Holden com cuidado —, sabe que vamos invadir essa destilaria e levá-la presa. Você é a única pessoa aqui.

Ela chora baixinho quando percebe a gravidade da situação. Fomos da mesma turma na escola algumas vezes, mesmo ela sendo mais nova do que eu. Leighton sempre foi esperta e me pergunto o que faz uma garota de vinte e dois anos como ela acabar envolvida em um negócio como esse.

Observo Holden a colocar na parte de trás da viatura que nos acompanhou. Lágrimas escorrem pelas bochechas dela e percebo que ele está sendo mais gentil do que jamais foi com qualquer um. Acho que, assim como o restante de nós, ele sabe a verdade – ela é só um peão nesse jogo. Sua família a colocou em uma puta enrascada.

Mais tarde, Tank e eu estamos esvaziando as garrafas de bebidas alcoólicas e esperando que o resto do destilador seque.

— Sabe, se eu não tivesse tido a chance que sua família me deu, não tenho dúvidas de que eu estaria na mesma situação da Leighton. Levando a culpa por algo que não fiz e não percebendo até ser tarde demais. — Despejo o conteúdo da garrafa e olho para ele. — Me sinto mal por ela.

— Eu também — responde Tank —, mas o que podemos fazer?

A verdade é que eu não sei. Nunca me senti tão sortudo e mal posso esperar para chegar em casa e colocar meus braços ao redor da família que formei. Espero que um dia Leighton possa fazer o mesmo.

Capítulo 27

Whitney

— Está tudo pronto para a chegada dela, Ryan.

Giro para observar o quartinho decorado de Stella, pronto para quando ela decidir vir ao mundo em dezembro. Quem se importa se estou alguns meses adiantada? Logo setembro acabará e estarei contando os dias para o meu aniversário de trinta e seis anos, me perguntando como o tempo passou tão rápido. Se conseguir deixar a maioria das coisas pronta, terei menos trabalho depois.

O quarto ficou do jeitinho que planejei. Rosa, branco e cinza se misturam em uma parede, enquanto as outras três se alternam nessas mesmas cores. O piso de madeira é coberto pelo enorme tapete felpudo rosa que eu queria e um lustre pendendo do teto é o responsável pela iluminação. A cômoda e o trocador já estão instalados, assim como o armário, cheio de roupas prontas para ela usar. Trevor, Ryan e eu fizemos boa parte do trabalho sozinhos. Foi divertido ver a amizade deles crescer ainda mais.

— A única coisa que falta é um berço. — Coloco as mãos na cintura, franzindo a testa. É tudo o que precisamos para deixar o quarto perfeito.

— É porque nunca chegamos a um consenso — ele lembra.

Seus braços me envolvem por trás, seu queixo descansando em meu ombro. Viro o corpo para lhe dar um beijo.

— Porque você não gostou de nenhum que eu escolhi.

— Não, amor. *Você* não gostou de nenhum dos que eu escolhi — ele acusa.

É então que percebo que, no lugar onde o berço deveria estar, há uma grande estrutura coberta por um lençol branco. Não sei como não percebi isso antes, mas não sou mais tão observadora quanto costumava ser.

— Ryan, o que é aquilo? — aponto o objeto, usando nossos dedos entrelaçados.

Sua voz é trêmula e insegura ao responder:

— Por que não vai dar uma olhada?

De repente, fico nervosa e nem sei por quê. Algo na maneira

como disse essas palavras faz meu coração bater mais forte, não tenho certeza se por adrenalina ou ansiedade. Meus pés parecem feitos de chumbo ao caminhar na direção do que quer que seja, mas sinto o braço de Ryan nas minhas costas, me dando uma força silenciosa.

Olho para ele sem saber o que fazer.

— Tire o lençol, Whit. Não vai te morder.

Com as mãos trêmulas, agarro o tecido e puxo, deixando-o cair no chão. Uma vez que a minha ficha cai, me viro para ele, boquiaberta.

— Foi você quem fez?

Ele me vira de volta para que eu possa olhar o berço mais lindo que já vi. O trabalho feito na madeira é distinto, o que me faz pensar que sim, foi Ryan quem o fez.

— Sim. — Ele abre um sorriso tímido. Nunca tive a chance de ver uma de suas peças, mas saber que ele fez isso para nossa filha? É uma das melhores sensações que já tive na vida. — É madeira reaproveitada de um celeiro. Antes que se preocupe que não esteja dentro dos padrões de segurança, tenho um amigo na indústria com quem converso quando faço peças customizadas. Ele me ajudou a deixar tudo dentro do padrão. É completamente seguro.

A granulação da madeira contrasta bem com a cor e o estilo do quarto, criando uma atmosfera rústica chique. Só de olhar, posso sentir todo o amor que ele colocou em cada pecinha emanando e preenchendo o ambiente.

— Nem sei o que dizer. — Luto contra as lágrimas. É uma das coisas mais lindas que alguém já fez para mim. — É lindo.

— Você é linda, ela é linda e vocês duas são o meu mundo. Eu sabia que tinha que te dar o melhor, então não tive outra escolha senão fazer com minhas próprias mãos.

Giro o corpo para lhe dar o abraço mais apertado que consigo com a minha grande barriga entre nós.

— Esse é o melhor presente que já me deram.

Ele se afasta, repousando a mão sobre meu ventre.

— Ótimo, porque *este* é o melhor presente que você poderia me dar.

Para ser honesto, nunca dei a mínima para o que as pessoas pensam de mim. Sempre fiquei na minha, fazendo as coisas no meu tempo. Nunca dei importância para nada; entretanto, ver Whitney chorar por algo que fiz preenche um buraco no meu coração que eu nem sabia que existia. Essa mulher de sorriso apaixonante, postura estoica e uma paixão avassaladora é o suficiente para me derrubar. Para me fazer querer destruir todos os muros que construíu ao redor do seu coração e implorar para que me deixe entrar. Já a flagrei me olhando algumas vezes e acho que o que vi em seus olhos é amor. É algo além de aceitação. Sei que à noite, quando estamos dormindo, ela se aconchega em mim, seja de maneira inconsciente ou não. Pode até pegar no sono do outro lado da cama, contudo, quando acordo de manhã, está grudada em mim, os braços em volta da minha cintura e as pernas entrelaçadas às minhas. Eu me importo, sim, com o que Whitney pensa de mim. E a forma como me encara agora, como se eu a tivesse feito a mulher mais feliz do mundo, me enche do maior orgulho que já senti na vida.

— Você está bem? — ela pergunta quando fico parado por muito tempo sem falar.

Pela primeira vez na vida, sinto como se eu de fato pudesse conquistar o mundo – e não sozinho.

— Só estou animado para a chegada dela, para sermos pais.

— Eu também, Ryan, mais do que imagina. — Ela sorri para mim com uma felicidade genuína e um orgulho que nunca a vi ter. A ciência de que fui eu que proporcionei essas emoções é quase mais do que posso suportar.

— É que a ficha caiu para mim esta noite, sabe? Nunca me importei com o que as pessoas pensam sobre mim, só que me importo com o que *você* pensa. Quero que Stella sinta orgulho de mim, que não tenha vergonha de trazer amigos em casa e me apresentar como seu pai. Eu nunca fiz isso porque não queria que meus amigos conhecessem meus pais. Caramba, até mesmo Tank só os viu algumas vezes, e desde quando somos amigos? Quase a vida toda. — Paro por um segundo e viro o rosto para a porta, porque não consigo mais sustentar seu olhar.

Estou tentando manter a compostura. É óbvio que não percebi o quanto significava para mim ter que me explicar para ela. Quando sinto seus braços em volta da minha cintura, coloco as mãos sobre as suas.

— Nossa filha nunca terá vergonha do pai. Nunca. Você é um dos melhores homens que já conheci. A forma como passou por todas

aquelas coisas e ainda assim se tornou o homem que é hoje? É incrível, Ryan, e tenho sorte de tê-lo em minha vida.

Respiro fundo antes de me virar de volta para ela, erguendo seu queixo.

— Acho que nós dois temos muita sorte.

Whitney não se afasta quando colo nossos lábios. Estou exatamente onde quero estar e sou quem sempre quis ser. Torço muito para que o mesmo seja verdade para ela.

Capítulo 28

Renegade

— Por favor, não se machuquem. — Whitney nos olha por cima dos óculos de sol.

— Estamos limpando suas calhas e cuidando do seu jardim. — Tank faz uma careta para ela. — Como diabos acha que vamos nos machucar? Estamos em ótima forma.

— Com toda essa prepotência aí. — Ela coloca as mãos na cintura, encarando-o e mostrando sua própria prepotência.

— Não se preocupe com a gente. Vá se divertir com as suas amigas, receba os presentes e, quando voltar, iremos colocá-los no quarto da bebê e então poderemos relaxar. — Me despeço com um beijo em sua bochecha antes que ela entre em sua SUV.

— Como conseguiu escapar do chá de bebê? — pergunta Tank assim que o carro de Whitney some à distância.

Giro nos calcanhares com um sorriso malicioso no rosto.

— Não faço a menor ideia, cara. Tudo o que sei é que, na segunda semana de setembro, alguém ligou e disse que achava que seria bem difícil fazer um chá de bebê com o aniversário dela no mês seguinte, o Dia de Ação de Graças e então o Natal. Como todos achamos que a bebê chegará antes do Natal, ela concordou. Duas horas depois, elas já tinham planejado um chá de bebê informal, só um almoço. Não é como se a gente precisasse de alguma coisa, de qualquer forma. Acho que sua mãe cuidou de tudo. Só sei que não preciso estar presente. Na verdade, elas falaram que homens não seriam permitidos. Eu achei ótimo. — Rio ao voltar para a garagem.

— Meu pai chegou — diz Tank quando escutamos alguém embicar na entrada da garagem.

Assistimos Stanley sair do veículo, segurando sua caneca de café. Ele está usando chinelos e bermuda, apesar de amanhã já ser primeiro de outubro.

— Que tipo de trabalho planeja fazer com esses chinelos? — Tank o provoca.

— Garoto, você não é velho demais para eu te dar uma lição. Estou aqui para supervisionar.

Tank e eu nos entreolhamos. “Supervisionar” significa que vai

mandar em nós a tarde inteira. Será uma repetição da nossa adolescência, contudo, para ser sincero, até que estou animado.

— Merda. — Tank volta para a casa. — Vou precisar de outra xícara de café.

Rio, balançando a cabeça na direção dos dois antes de destrancar o depósito para pegar o soprador de folhas e alguns sacos plásticos. Quando levo tudo para o gramado, Stanley se aproxima de mim.

— Enquanto ele está lá dentro, pensei que poderíamos ter uma conversinha. — Ele enfia uma mão no bolso, a outra ainda ocupada com o café.

Isso me deixa nervoso. Foram poucas as vezes que Stanley quis ter uma conversa séria comigo. Na verdade, a última foi quando rejeitei sua proposta para pagar minha faculdade.

— Veja bem — ele começa —, sei que se pergunta o que achamos sobre você e Whitney terem um bebê, mesmo que tente não pensar muito nisso. Tratei você como meu filho por muito tempo, Ryan, e para falar a verdade, sabe que se Mona e eu pudéssemos, teríamos te adotado. Não existe ninguém melhor para ser o pai do bebê da minha filha. Estamos muito felizes por vocês e se precisarem de qualquer coisa, por favor, nos avisem.

Não sei o que dizer. Na verdade, estou com medo de começar a chorar.

— Não precisa dizer nada, só saiba que Mona e eu apoiamos vocês e não há nenhuma animosidade. Whitney é uma mulher adulta, capaz de tomar as próprias decisões, e se você é a decisão dela, estamos mais do que felizes em apoiá-la.

— Obrigado. — Enfim consigo limpar a garganta o suficiente para que as palavras saiam. Vou até ele e lhe dou um abraço apertado. Não faço isso desde a sua oferta para a faculdade; no entanto, seu abraço ainda é firme e reconfortante, o pilar que todo mundo precisa às vezes. — Não sabe o quanto isso significa para mim.

— Acho que sei sim, filho. Vi você recusar a chance de ter uma educação superior para ir lutar na guerra porque não queria dificultar as coisas para mim. Você é um dos melhores homens que conheço e isso não é nenhuma mentira.

— Vamos lá, gente, vamos começar logo com isso — grita Tank ao sair pela varanda, segurando sua xícara de café. — Tenho planos para esta noite. Precisamos terminar tudo a tempo de eu tomar um banho.

— Blaze sabe que você tem planos? — Lanço um sorriso malicioso para ele.

— Cale a porra da boca e ligue o soprador.

Faço o que manda, jogando todas as folhas em sua direção, e ele sai correndo.

— Você é um babaca, Renegade.

Stanley ri de nós, se apoiando em sua caminhonete.

— Isso me faz lembrar de quando eram adolescentes. Vocês não cresceram nada.

Whitney

— Verdade ou mentira? — pergunto, bocejando de leve. Estou cansada hoje, mas ao mesmo tempo ligada. O outono está se aproximando rápido e, com ele, a data prevista para o nascimento da nossa filha. Agora, fico cansada com mais facilidade, contudo descobri que dormir se tornou mais difícil.

— Verdade. — Ryan pisca para mim, mesmo que seu cansaço também esteja evidente. Quando cheguei em casa e vi que todo o jardim estava aparado e as calhas e varandas limpas, percebi quanto trabalho os rapazes tiveram. Foi o suficiente para quase me fazer chorar. Malditos hormônios.

Não jogamos esse jogo desde que ele admitiu ter se masturbado no banheiro da minha mãe. Sei que talvez esteja esperando algo assim de mim, mas há outra verdade que quero compartilhar.

— Quando era casada, tinha só uma coisa que eu sempre pedia de aniversário.

Ele se senta e posso ver que está atento, uma vez que não costumo falar do meu casamento. O assunto sequer veio à tona nos últimos tempos e estou feliz por isso. Nenhum de nós está mais vivendo no passado. Estamos construindo nossa vida longe daquele idiota com quem fui casada por tanto tempo.

— E o que é que você sempre quis, Princesa?

Suas palavras são gentis, me fazendo crer que talvez um dia eu consiga ter o que sempre quis. Se tem uma coisa que Ryan sabe fazer como ninguém é me deixar feliz, menos estressada e disposta a aproveitar a vida.

— Sempre quis ir a um jogo de futebol americano do Alabama. A partida contra os texanos sempre cai no final de semana do meu aniversário e meu sonho é ir para Tuscaloosa usando minhas pérolas e meu batom vermelho para torcer pelo time da casa.

— Como uma verdadeira garota de fraternidade. — Ele ri, assentindo. — É um ótimo sonho.

— Peço isso todos os anos e ninguém nunca me escuta. — Abro um sorriso triste. — Eles sempre planejam uma festa de aniversário elaborada para mim e, ainda que eu seja grata, não é isso que quero. — Suspiro. — Talvez algum dia eu leve nossa filha. — Acaricio minha barriga.

— Ninguém nunca te levou ao jogo, Whit? — pergunta com delicadeza, afagando meu braço com as pontas dos dedos. — É um desejo tão fácil de realizar.

— Não é? — Fico um pouco emocionada. É isso que nunca entendi; só seria necessário um pouquinho de planejamento por parte da pessoa que me daria esse presente. Contudo, ganho a mesma coisa todos os anos. — Mas parece que fazer as pessoas me escutarem é a coisa mais difícil do mundo.

Ryan fica quieto por um longo tempo enquanto assimila minhas palavras. Quero saber no que está pensando, mas durmo antes que consiga perguntar.

Capítulo 29

Renegade

Estou nervoso esta manhã, em especial porque Whitney já acordou batendo todas as portas. Ela acha que o dia de hoje será igual a todos os outros aniversários; porém, mal sabe que marcará sua vida para sempre. Fiz o possível e o impossível para conseguir surpreendê-la e tornar este dia especial. Espero que eu tenha feito o suficiente.

Duas semanas antes

— *Espero que não se importem — falo para a família Trumbolt. Pedi que me encontrassem para almoçar assim que soube que Whitney iria para Birmingham. A última coisa que preciso é que ela nos flagre nesta reuniãozinha secreta, por assim dizer, e descubra o que estou planejando fazer para o seu aniversário. — Sei que vocês gostam de fazer uma festa para ela e é meio que uma tradição, mas ela me falou que quer ir para o jogo do Alabama no final de semana do aniversário. Tive sorte e consegui os ingressos. — Mostro as tiras de papel para provar que não estou mentindo. — Porém, não quero passar por cima de ninguém.*

— *Ela vai amar. — Tank é o primeiro a se pronunciar. — Sempre quis ir a um jogo, só que nunca consegui se planejar direito.*

Tenho vontade de dizer que, na verdade, Whitney pediu isso por muito tempo, no entanto ninguém a escutou. Ao invés disso, apenas assinto entusiasmado.

— *Exato. Quem sabe quando teremos essa oportunidade de novo? Com a chegada da bebê, não sabemos como será a vida depois. Essa pode ser a última vez que ela sairá para se divertir por um tempo.*

Estou usando o desejo deles de fazê-la feliz e, ao mesmo tempo, lembrando-os que um novo membro da família chegará muito em breve.

— *Só quero que não fiquem bravos e que a deixem fazer algo que ela pode nunca ter a chance de fazer de novo.*

Quando Mona sorri, sei que os tenho na palma da mão.

— *É uma ideia maravilhosa e todos sabemos que ela irá amar. Divirtam-se, Ryan. E tirem fotos para nós.*

— *Pode deixar — prometo antes de sair do The Café.*

Tirando meu celular do bolso, envio uma mensagem para o meu

contato, torcendo para que ele ainda tenha aquele passe de estacionamento disponível.

— Princesa, poderia parar de bater as portas e vir aqui? — grito ainda deitado na cama. Estou sendo preguiçoso de propósito; não quero que ela ache que tenho algo planejado. Entretanto, por baixo dos lençóis já estou de jeans e meias, e tudo o que falta é uma camiseta e meus sapatos.

— O que é? — ela pergunta, os nervos à flor da pele hoje.

— Vejo que acordou nervosa — provoço, vendo suas bochechas ficarem vermelhas. — Seu rosto está ficando da cor do Alabama. — Sento na cama e pego um cartão da mesinha de cabeceira.

— Ryan, não estou de bom humor hoje. — Ela assume uma expressão confusa quando vê minha calça jeans. Visto uma camiseta que já tinha deixado separada e calço meus tênis de corrida.

— Uma pena. — Entrego-lhe o cartão. — Suas bochechas estariam no tom perfeito para o jogo de hoje.

Seu olhar encontra o meu ao abrir o cartão e, assim que percebe o que está segurando, um sorriso se abre em seu rosto. É o sorriso mais genuíno que já vi além dos que dá para nossa filha.

— Isso é sério? Você vai me levar a um jogo do Alabama hoje? — Ela está mais radiante que os raios de sol que atravessam a janela do quarto e sinto como se eu tivesse acabado de lhe dar o mundo.

Assinto, levantando da cama para tomá-la em meus braços.

— É o que você sempre quis, não é?

Lágrimas se acumulam em seus olhos e fico com medo de ter feito alguma coisa errada. Ela funga, segurando os ingressos.

— É sim — sussurra —, mas ninguém nunca deu ouvidos ao que eu queria, Ryan. Eles me ouvem falar o tempo todo, porém nunca me escutam de verdade.

Agarrando sua nuca através das mechas platinadas, inclino sua cabeça para trás para que seus olhos encontrem os meus.

— Cada som que você faz, cada palavra que sai da sua boca, fica para sempre grudada em minha memória. Quando você fala, tem toda a minha atenção.

Ela fecha os olhos, deixando que as lágrimas escorram.

— Qual é, Princesa? Não chore. Vamos nos divertir com um pouco de futebol.

Puxando minha mão, Whitney me impede de continuar falando para me envolver em um abraço apertado.

— Obrigada por ser tudo o que eu sempre quis, mas nunca tive.

As emoções me atingem como uma avalanche e não consigo responder. Ao invés disso, dou um beijo carinhoso em sua bochecha. Com sorte, algum dia ela vai entender a razão pela qual faço todas essas coisas.

Um dia, compreenderá que estou tão perdidamente apaixonado que mal consigo pensar direito. E talvez nesse dia, perceba que está apaixonada por mim também.

— Tenho mais duas coisas para você.

Seu sorriso é impaciente.

— O que mais você poderia me dar que eu amaria mais do que estes ingressos? — Ela os balança na frente do meu rosto como se tivesse ganhado na loteria.

— Lembra do jogo de verdade ou mentira? — pergunto, torcendo para ativar sua memória. — Você me disse que queria ir ao jogo do Alabama usando suas pérolas e batom vermelho. — Entregolhe uma sacola. — Espero que eu tenha escolhido certo.

Suas mãos tremem conforme abre a sacola.

— Ryan... — Ela arqueja ao tirar um tubo do seu batom vermelho favorito.

— Tive que usar um pouco da minha lábia para arrancar essa informação da Addison. Talvez você queira explicar para ela o que eu estava fazendo. É possível que ela tenha criado uma ideia errada de mim. — Coço minha nuca, fazendo uma careta. — Continue, Princesa.

A próxima caixa que ela tira é daquele tom de azul que todas as mulheres adoram, a marca registrada da Tiffany. Ela me olha enquanto abre a tampa e solta um gritinho ao ver os brincos de pérola que escolhi.

— Meu Deus, Ryan, isso... — Ela se abana com a mão. — É o melhor aniversário do mundo. Não sei como vai superar nos próximos anos.

Meu coração parece explodir dentro do peito à menção do futuro, porém não me permito pensar muito nisso. Parte de mim não quer criar esperanças, buscando evitar uma decepção colossal caso ela enfim perceba que é muito melhor do que eu. Entretanto, a outra parte, o cara convencido cujo trabalho é prender pessoas, joga tudo

para o alto e dá um sorriso para ela.

— Tenho muitas cartas na manga, Princesa. Vai precisar de uns oitenta anos para que eu use todas elas.

— Quando saímos? — pergunta Whitney, pondo os brincos.

— Agora mesmo. Precisamos sair agora para chegar lá a tempo. Precisa de mais alguma coisa?

— Você acha que estou bem?

Ela está vestindo uma camisa do Alabama e a *legging* jeans rasgada que se tornou sua favorita. Sei que é uma *legging* porque uma vez eu a chamei de *Pajama Jeans* (como aquelas calças confortáveis que vi em uma propaganda certa noite) e esse foi um grande erro. Isso é o mais despojado que Whitney consegue se vestir.

— Você tem suas pérolas e seu batom vermelho, amor. Está pronta para ir. — Estendo a mão para ela, puxando-a em direção à caminhonete.

.....

A viagem até Tuscaloosa é silenciosa porque Whitney decide tirar um cochilo para estar descansada para o jogo. Não me importo nem um pouco, já que quero que ela aproveite ao máximo e não fique cansada. De vez em quando, dou uma olhada nela enquanto nos guio pela interestadual, ainda sem acreditar que estou realizando seu sonho. Nunca fui capaz de fazer isso para ninguém além dela.

O trânsito fica mais carregado quando nos aproximamos do estádio, todavia tenho o passe de estacionamento que um amigo da polícia me arranhou. Na verdade, ele me ajudou a conseguir os ingressos também, prometendo que os assentos eram nas fileiras mais próximas do campo para que Whitney não precisasse subir as escadas.

Em um milagre, eles veem minha plaqueta e me deixam passar, me direcionando para um setor do estacionamento que nunca imaginei que seria assim tão perto. Posso ver o campo de onde paramos.

— Whit, amor? Chegamos. — Balanço-a com delicadeza.

Leva um minuto até que ela esteja desperta, contudo, quando enfim percebe onde estamos, consigo sentir sua animação.

— Vamos. — Ela pega sua bolsa e me espera na frente da caminhonete.

— Isso está uma loucura. — Fico impressionado pela quantidade de pessoas ao redor. Seguro sua mão com mais força para não nos perdermos.

— Eu sabia que seria desse jeito — ela diz enquanto caminhamos em direção à entrada junto com a multidão. — Sinto que estou no meu ambiente... Espera. — Ela para assim que passamos pelos vendedores ambulantes na porta do estádio. — Preciso de um pompom, Ryan. Não posso entrar em um jogo de futebol aqui sem um pompom.

Whitney aponta para uma barraca.

— Quantos vocês querem? — o vendedor pergunta ao notar nossa aproximação.

— Dois. — Ela dá um sorrisinho para mim. — Ele precisa de um também.

O homem pega os dois pompons, ou o que quer que sejam, e dá uma boa olhada em Whitney.

— É menino ou menina? — Ele gesticula para a barriga dela.

— Uma menininha — digo, percebendo que é a primeira vez que respondo a essa pergunta. Meu peito se enche de orgulho e eu o estufo um pouco mais.

— Primeira filha? — O vendedor é um homem mais velho, linhas de expressão cruzando a pele escura que contrasta com o cabelo branco cheio.

— Sim — responde ela, pondo uma mão na barriga daquele jeito que sempre me derrete. — Não planejada, mas muito amada.

— São cinco dólares pelos pompons e isso aqui é de graça. — Ele nos entrega uma roupinha do Alabama. É igual ao uniforme das líderes de torcida, mas tão pequena que faz meu coração parar. Ainda não tinha parado para pensar que nossa bebê será tão pequena.

Pego uma nota de cinco na minha carteira e lhe entrego com um agradecimento sincero. A pobre da Whitney parece prestes a chorar ou jogar seus braços ao redor desse homem e confessar seu amor a ele.

— Vamos, amor, vamos entrar. Obrigado mais uma vez, senhor.

Acho que nunca vi Whitney tão viva assim em toda minha vida, exceto quando está em meus braços. Quando o jogo começa, ela aplaude junto com a multidão, vai quando uma jogada a irrita e fica tão brava que chega a esmagar sua bebida em um determinado

momento.

— Eu deveria me preocupar de você entrar em trabalho de parto antes do tempo? — brinco, vendo seu olhar agitado.

— Não, é que costume assistir aos jogos sozinha. Você está quase sempre trabalhando, então nunca me viu irritada desse jeito. Se bem que a Stella não para quieta durante os jogos. — Ela pega minha mão e a coloca em sua barriga.

— Puta merda. — Rio quando sinto o movimento. — Ela está dando cambalhotas aí dentro?

— Às vezes acho que sim. — Ela sorri.

Puxando-a para perto com meu braço ao redor do seu pescoço, pego meu celular, nos viro para que o campo seja nosso plano de fundo e tiro uma *selfie*. Não temos muitas fotos juntos e quero registrar este momento. Se decidirmos seguir por caminhos diferentes, quero que seu sorriso em um jogo do Alabama seja uma dessas coisas que nunca esquecerei.

O jogo passa mais rápido do que imaginei e tenho quase certeza que é porque, enquanto ela estava focada no campo, eu estava focado nela.

— É o último quarto. — Ela sorri para mim quando faltam apenas alguns minutos. O jogo foi uma verdadeira lavada e o Alabama não tem chance de não vencer.

— Quer sair mais cedo? — pergunto, sem saber ao certo o porquê de estar me encarando.

— Não, minha parte favorita dos jogos em casa já vai começar.

Antes que eu possa perguntar sobre o que está falando, ouço algo que se parece com o começo da melodia de *Dixieland Delight* vindo de algum lugar.

— Eles vão cantar essa música? — questiono ao vê-la bater palmas no ritmo.

— Mais ou menos. — Ela sorri de novo, mas desta vez com um pouco de malícia.

É então que todos começam a cantar e percebo que alteraram a letra. Arregalo os olhos quando enfim escuto o que as pessoas estão cantando.

Alto e com orgulho, ouço Whitney se unir ao coro e gritar um “À cerveja!” que não faz parte da letra original, logo após o “Gastei meu dinheiro”.

Recostando na cadeira, observo sua expressão, seu sorriso, o rosado de suas bochechas e a felicidade nos olhos. Compreendo que sou o responsável por todas essas coisas. Eu a fiz feliz e se pude fazer isso hoje, então sei que posso fazê-lo para sempre.

Tudo o que ela precisa fazer é me dar uma chance. E, julgando pela forma como se agarra a mim quando saímos do estádio, acho que estou mais perto dessa chance do que nunca.

Capítulo 30

Renegade

— Ainda não tenho certeza sobre isso. — Estaciono a caminhonete no prédio de tijolos, desligando o motor antes de olhar para Whitney.

Ela ri e, como sempre, o som faz meu coração bater mais forte. Amo escutá-la rir. Amo muitas coisas nela, mas sua risada está no top três.

— Por que está com tanto medo? Poderemos ver o rostinho dela.

Encolho os ombros, passando as mãos pelo volante.

— Isso me assusta um pouco. E se ela parecer um alienígena? Não sei se estou preparado para isso.

— É muito provável que ela nasça mês que vem, Ryan. Tenho o pressentimento de que o rostinho dela não vai mudar até lá. Não quer ter certeza de que ela tem cara de Stella antes de a tornarmos uma Stella?

Whitney tem razão. Não queremos que nossa filha fique presa a um nome que não combine com ela, mas podemos definir isso depois que ela nascer, não?

— Acho que sim.

Ela sai da caminhonete e vem para o lado do motorista, abrindo a porta. Sem cerimônia, me puxa para fora e me gira para que fiquemos cara a cara. Seus lábios se unem em um biquinho conforme ela olha dentro dos meus olhos, piscando devagar.

— Por favor? Por mim?

E é aí que ela me pega, porque farei qualquer coisa no mundo por esta mulher parada na minha frente.

— Está bem. — Suspiro. — Só que se eu tiver pesadelos, saiba que vou culpá-la.

— Assumirei toda a culpa de bom grado. — Ela põe uma mão no peito como se fizesse um juramento. — Mas acho de verdade que você vai gostar.

.....

Não prestei muita atenção desde que entramos na sala porque isso tudo ainda me assusta. Não consigo dizer o porquê de ficar tão incomodado, contudo já vi outras imagens de ultrassom 4D e elas são tão estranhas. Todo mundo diz que será diferente com a minha própria filha. Eu duvido, mas guardo esses pensamentos para mim.

— Preparado? — pergunta Whitney quando me sento na cadeira e pego sua mão estendida.

— Na medida do possível.

Ela ri, virando para a técnica.

— Ele está com medo que ela se pareça com um alienígena e isso o traumatize pelo resto da vida.

— Não vou mentir — diz a outra mulher. — Às vezes é um pouco estranho de ver, mas aí você consegue identificar as feições. Essa é a parte mais divertida, vai ver.

Ergo uma sobrançelha para ela, mas não digo nada. Não estarei convencido até ver com meus próprios olhos. Ainda assim, não vou dar para trás porque sei que Whitney quer muito isso. O aparelho é ligado e observo enquanto a técnica manipula o transdutor sobre a barriga. Batimentos altos preenchem a sala.

— A frequência cardíaca dela está boa. Vamos ver se conseguimos capturar o rosto. — Conforme ela procura, mantenho os olhos colados na tela. — Aqui está. — Ela amplia a imagem.

Meu coração quase para. Ela tem os meus lábios.

— Meu Deus, Whitney. — Aperto sua mão. — Ela tem os meus lábios.

— Tem mesmo — ela concorda. — E veja, ela está segurando os dedos dos pés. Não é de admirar que eu sinta como se ela estivesse fazendo ginástica aqui dentro às vezes.

— É porque ela está. — Abro um sorriso. Todo aquele medo e aqueles comentários sobre alienígenas se foram. Consigo entender por que as pessoas fazem esse tipo de ultrassom.

Eu já estava apaixonado por ela e pela mãe dela, porém, depois de ver isso, tenho a absoluta certeza de que estou completamente rendido a elas. Não tem como voltar atrás.

Whitney

Ele se apaixona por ela naquele exato momento. Posso ver pela forma como seus olhos se suavizam, como aperta minha mão. Ryan está apaixonado pela filha. Parte de mim deseja que ele se sinta da mesma forma em relação a mim, mas sei que as coisas têm que acontecer de maneira natural entre nós. Não podemos forçar uma situação. Quando tentamos fazer isso no começo, levou tempo demais para ficarmos confortáveis um com o outro.

Quando paramos de tentar forçar nossos sentimentos, estabelecemos esse companheirismo que temos agora. Posso dizer com toda a certeza: ele é o meu melhor amigo. Nunca tive outro igual. Ryan já me viu nos meus melhores momentos, irá me ver nos piores e em qualquer outro que fique nesse meio-termo. Ninguém nunca esteve ao meu lado dessa forma. Com certeza não meu ex-marido, nem meus pais ou meu irmão. Ninguém.

— Tenho que voltar ao trabalho — falo, fazendo um biquinho. Addison tem cuidado muito bem de tudo sozinha, mas hoje está ocupada com a decoração de um casamento que teremos no final de semana.

— É uma droga que você tenha que trabalhar no dia que estou de folga. — Ryan franze a testa enquanto segura minhas mãos na frente do corpo.

— Fique à vontade se quiser vir me fazer companhia. Não é como se você fosse atrapalhar. Eu com certeza vou te colocar para trabalhar.

Ele pensa por um minuto e então concorda:

— Por que não? Tudo o que faria em casa seria assistir Netflix. Aí quando me perguntasse se assisti aos últimos episódios de *Blue Bloods* e eu dissesse não, você saberia que eu estaria mentindo.

O jeito como considera minha casa como sua aquece meu coração de mil maneiras diferentes. Para alguém como ele, que nunca teve um lugar para chamar de seu além do próprio apartamento, com certeza significa muito. Saber que fui a única capaz de lhe dar essa estabilidade quase me faz desmoronar.

— Vamos. — Agarro a manga da sua camisa. — E não ouse assistir a *Blue Bloods* sem mim. Já conversamos sobre isso.

— Fico entediado sem você lá — reclama ele, bem-humorado.

— Logo não será possível ficarmos entediados — eu o lembro. — Todas as horas do nosso dia serão preenchidas cuidando da Stella, nos preparando para cuidar da Stella ou tentando pôr nosso sono em dia. Acho que é melhor aproveitarmos enquanto ainda podemos.

Ele balança a cabeça enquanto fazemos o caminho de volta para a caminhonete.

— Prefiro muito mais passar meu tempo com você.

Quando chegamos ao salão do casamento, indico a ele onde estacionar e então pego a muda de roupas extras que eu trouxe. Ao entrar, vejo nossa equipe já trabalhando e aceno para Addison.

— Vou me trocar, mas ele veio nos ajudar já que não está trabalhando hoje. Diga a ele o que fazer enquanto coloco uma roupa mais confortável.

No caminho para o banheiro, penso em como essa poderá ser minha vida de agora em diante, Ryan e eu nos ajudando e sendo um apoio quando necessário. Nunca tive isso com Stephen, sequer cheguei a cogitar pedir que viesse trabalhar comigo. Ele nunca teria concordado, nem mesmo se eu implorasse. Era egoísta nesse nível.

Já Ryan é altruísta, sempre foi. Peço a Deus que nossa filha herde sua empatia e capacidade de trabalhar duro. São duas características ótimas para se ter e espero que ele também tenha passado um pouco delas para mim. Posso ser uma garota sulista da cabeça aos pés, mas também posso ser uma garota que ajuda os outros. Depois de me trocar, saio em busca de Addison e paro ao vê-la observando nossa equipe da porta.

— Como está indo?

— Com o super-herói que você chama de pai da sua filha, bem mais rápido do que antes. Meu Deus, como ele é forte. — Com um biquinho, ela me dá uma encarada. — Bumbum firme, dá vontade de apertar.

— Para com isso! — Rio, dando um tapinha no seu braço. — Como você disse, ele é o pai da minha filha. Pode tirar os olhos, irmã.

Observo-o trabalhar junto da nossa equipe, nunca fugindo de nada que pedem para ele fazer. Mesmo quando inicio minhas tarefas, não deixo que se afaste muito do meu campo de visão.

Se ele está disposto a trabalhar duro assim em uma coisa que não é sua, não consigo deixar de pensar o quanto se esforçaria em algo que fosse – tipo o amor que podemos vir a compartilhar.

O pensamento me alarma. Ele tem rondado minha mente há um tempo; contudo, nunca fui capaz de confessar meus sentimentos a

Ryan e sei que não conseguirei fazê-lo nem tão cedo. O amor me machucou demais no passado e tenho certeza de que, com ele, machucaria ainda mais.

Permitir-me essa vulnerabilidade ainda não é possível. Não importa o quanto eu queira.

Capítulo 31

Whitney

Escuto Ryan chegar pela porta dos fundos, jogar as chaves no aparador e largar seus sapatos no canto perto da porta onde costumamos deixá-los.

Passei as últimas horas pensando nele. Não sei explicar ao certo o que estou sentindo, mas tudo começou quando ele me mandou uma foto na hora do almoço com o sorriso mais sensual que já o vi dar. Desde então passei o dia no limite, ao ponto que o roçar dos meus mamilos no sutiã quase me fizeram gozar duas vezes.

Disseram-me uma vez que, ao chegar no terceiro trimestre, eu iria querer sexo, só não disseram o quanto. Hoje, me sinto como uma ninfomaníaca e estou quase brava por ele ter levado trinta minutos a mais para chegar em casa por conta de algum chamado. Sei que é insano ficar chateada com isso, mas a necessidade de tê-lo dentro de mim é tanta que chega a doer.

— Whitney, está no quarto? — Ryan grita conforme se aproxima pelo corredor.

— Sim — respondo no momento em que ele aparece na soleira da porta, assobiando ao me ver.

Estou nua da mesma forma como vim ao mundo porque não queria desperdiçar tempo tirando as roupas.

— O que está acontecendo? — Ele começa a desabotoar a camisa e fico maravilhada quando enfim se livra dela, revelando seu pomo de Adão, as tatuagens que amo e a ampla extensão de seu abdômen.

Caminhando até ele, percebo que já tirou seu coldre e fico agradecida por isso. Alcanço os botões de sua calça e começo a desabotoá-los.

— Aquela foto que você me mandou mais cedo... Foi o sorriso mais sensual que já vi. Pensei em você o dia inteiro. — Fico nas pontas dos pés para beijá-lo, enfiando a língua em sua boca.

— Ah, Princesa. — Ele se afasta e, a julgar pelo modo como suas pupilas dilatam, sei que estamos pensando o mesmo. — Você precisa de mim, não é?

— Sim. — A palavra sai num fio de voz quando sinto o

primeiro botão se abrir.

Em questão de segundos, sua calça está na altura do tornozelo e faço o mesmo com sua cueca boxer.

— “Precisar de você” não faz jus ao que estou sentindo — admito, gemendo quando suas mãos levantam o peso quente dos meus seios.

— Como você quer esta noite? — Ryan enterra o rosto no meu pescoço, mordiscando a pele para depois aliviá-la com a língua.

— Você atrás de mim enquanto me seguro na cabeceira. Não precisa se preocupar em ser romântico, não vou suportar isso hoje.

Atendendo ao meu pedido, ele enrosca os dedos no meu cabelo e me guia de volta para a cama. Estou grande demais para ele me pegar no colo e meio que sinto falta disso. Esta noite, adoraria que fosse bruto e me jogasse na cama. Ao invés disso, quando a parte de trás dos meus joelhos bate no colchão, ele faz com que eu me vire, a mão ainda enterrada no meu cabelo enquanto vou de joelhos até a cabeceira. Assim que me agarro à madeira, olho para ele por cima do ombro.

— Me fode, Renegade.

O jeito como ele inspira o ar com força basta para intumescer meus mamilos.

— Segure firme, Princesa. Vai ser uma experiência selvagem.

Consigo me lembrar bem de que disse algo parecido na primeira noite que transamos, o que provoca uma resposta imediata do meu corpo. A umidade em meu interior aumenta, facilitando a entrada do seu membro. Ele arremete fundo para dentro de mim e nós dois gememos quando seu corpo aperta o meu contra a cabeceira.

— Você está molhada pra caralho, Whit. O que deu em você?

Jogo minha cabeça para trás, em cima do seu ombro.

— Aquele sorriso malicioso da foto. Era tudo o que eu precisava. Minha mente criou um milhão de fantasias com ele. — Arquejo quando ele passa um braço ao redor da minha coxa e alcança meu clitóris, estimulando o pequeno botão para acender todos os meus pontos de prazer.

— Como esta aqui?

— Exatamente como esta aqui — respondo, empurrando meu quadril para trás contra seu pau e então para frente contra seus dedos. Não tenho vergonha nenhuma, não em sua presença. Tudo o que

quero sentir é o orgasmo que sei que ele pode me proporcionar. — Só que você puxava meu cabelo também.

— Posso fazer isso. — Ryan agarra meu cabelo de novo, puxando-o com força.

Perco-me em meio à avalanche de sensações, o puxão no cabelo, seus dedos no meu clitóris e seu pau na minha boceta. Não acho que consigo aguentar por muito tempo. Meus ouvidos começam a zumbir conforme ele continua a estocar em mim e, do nada, atinjo meu orgasmo.

— Porra, Whit, vou gozar também. — Ele geme quando impulsiona o corpo para frente, agarrando a cabeceira para não me esmagar com seu peso.

Com nossos corpos colados se acalmando do clímax, sinto seu coração martelando contra as minhas costas e é a melhor forma de satisfação que já senti.

Renegade

Estou com mais preguiça do que o normal esta manhã porque hoje era para ser o meu dia de folga. Contudo, acabei trocando de turno com o parceiro do Ace essa semana e vamos fazer juntos a patrulha de hoje.

— Está com raiva do Trevor por ele estar de folga enquanto você tem que trabalhar seis dias na semana? — questiona Whitney ao entrar no banheiro, parando ao meu lado diante do gabinete duplo.

Balanço a cabeça em negativa.

— Não, eu jamais teria perdido o ultrassom na quinta-feira. Ver nossa garotinha foi o ponto alto da minha vida.

Posso dizer pela forma como suas bochechas ficam vermelhas que ela gostou da minha resposta. Acho que nunca me esquecerei do momento em que vimos o rosto da nossa filha com tanta nitidez ontem. Quando Whitney me contou sobre o ultrassom 4D e me mostrou algumas fotos, confesso que fiquei assustado e quase recusei a ideia. Agora? Tenho uma foto da Stella na minha carteira, que nunca tirarei de lá. Ela se parece comigo. Tem os meus lábios. Nada poderia ter me preparado para o que aconteceu ontem.

— Foi maravilhoso, não foi? — Whitney coloca uma mão na barriga antes de se curvar para pegar a pasta de dente e começar sua

rotina matinal.

— Maravilhoso não é suficiente para descrever, mas, de qualquer forma, fico feliz em trabalhar seis dias seguidos se significa estar presente quando vocês duas precisam.

Nossos olhos se encontram pelo espelho quando ela termina de escovar os dentes. A atração que sinto desde a noite que concebemos nossa filha continua aqui e se fortalece a cada dia. Quando Whitney se vira, ficando de costas para o balcão, me aproximo e enlaço sua cintura. No mesmo segundo, seus braços se engancham ao redor do meu pescoço e ela descansa a cabeça no meu ombro.

— Estou tão cansada. — Ela boceja, enterrando o rosto na minha pele.

— Eu também — respondo, roçando os lábios em sua testa. — Não vou te manter acordada até tarde hoje. — Não consigo conter o sorriso ao pensar nas horas que passamos entrelaçados ontem. Whitney ficou de joelhos, agarrada à cabeceira da cama implorando para que eu aliviasse a necessidade que parece crescer com a reta final da gravidez. Alguns dos caras da delegacia haviam dito que o sexo no terceiro trimestre seria o melhor da minha vida. Eles não estavam brincando. — Onde vai encontrar sua cliente mesmo? Se as coisas estiverem calmas, talvez eu consiga aparecer lá para dar um oi, ver como minhas garotas estão.

Whitney pressiona o rosto mais forte em mim e posso sentir seu sorriso se abrindo quando suas bochechas se esticam.

— No The Café. Minha mãe vai junto, já que é a responsável pelo buffet. A previsão é de chuva para a maior parte do dia, por isso ela quer me levar. — Ela se afasta, revirando os olhos. — Ela disse que não quer que eu saia sozinha no meu estado.

— Tenho que concordar com ela. Se alguém puder levá-la, melhor ainda.

Whitney comprime os lábios, colocando as mãos na cintura.

— Ainda temos algumas semanas pela frente, Ryan. Não pode ficar perto de mim o tempo todo.

— Tem razão, só que se alguém pode, eu fico mais tranquilo. Além disso, o Dia de Ação de Graças é nesta semana. As pessoas estão correndo como loucas com os preparativos. Deixe sua mãe te mimar um pouco. Logo você não será mais a garotinha dela. Já pensou nisso?

— Tenho trinta e seis anos — ela argumenta.

— Só que agora é responsável por outra vida. É uma baita

mudança e tenho certeza de que está sendo um pouco difícil para ela se acostumar.

Whitney se estica, beijando meu maxilar e roçando a bochecha contra a pele áspera.

— Não faça a barba. Eu meio que gosto dela assim.

Ótimo, menos tempo para me arrumar.

— Você sabe que vivo para te agradar.

Ela me puxa pela cueca antes de jogar os braços ao redor da minha cintura.

— Vive mesmo, e faz isso tão bem.

Posso sentir meu corpo respondendo a ela, à química que flui entre nós independente do que estamos fazendo.

— O agrado vai ter que esperar — resmungo, porque tudo o que mais quero é passar o dia com ela.

— Eu sei. — Ela suspira. — Nós dois temos que nos preparar para o nosso dia.

Capítulo 32

Renegade

Já tomei um copo de café e posso estar no meu segundo energético Monster do dia, mas não vou confirmar ou negar isso para ninguém. Estou cansado pra caralho.

— Tudo bem aí? — pergunta Ace enquanto continuamos a fazer a ronda pela cidade. Dirigimos de um lado para o outro, subindo e descendo as ruas em um padrão quadricular antes de sairmos das áreas mais povoadas. Assim que entramos no que é considerada uma estrada secundária, Ace pisa fundo no acelerador, fazendo o carro saltar nas subidas e descidas das colinas de tal forma que, quando fazemos uma curva mais rápido do que o necessário, eu me agarro ao meu “puta que pariu”.

— Excelente.

— Estou te assustando? — A pergunta é acompanhada de um sorriso debochado conforme Ace endireita o carro quando chegamos a outro trecho reto da estrada.

— Eu adoraria estar vivo para ver minha filha nascer, se é isso que está perguntando. — Tomo um gole generoso do energético antes de devolvê-lo ao console.

— Achei que assim ia te acordar. Por que está tão cansado? — Ele vira a cabeça para olhar para mim, seus olhos demonstrando dúvida e preocupação genuínas.

De jeito nenhum direi a verdade para ele, então, em vez disso, respondo:

— Estamos arrumando o resto do quarto da bebê e já é o meu sexto dia seguido. — Ace não precisa saber que o quarto está pronto há meses.

— Ah, é? Como foi no ultrassom?

Luto contra a vontade de pegar a foto na carteira e mostrá-la com um sorriso bobo.

— Foi tudo ótimo. Ela é uma mistura perfeita de nós dois.

— Você parece feliz, Renegade. Estou contente por você. — Diante da sinceridade em sua voz, não consigo não acreditar nele. É bom ter amigos que apreciam quando você faz algo de bom e Stella é a melhor coisa que fiz em minha vida.

— Valeu, cara. — Sorrio, porque é tudo verdade. — Estou muito feliz. Se alguém tivesse me dito um ano atrás onde eu estaria agora, eu teria dito que essa pessoa era doida de pedra. — Dou risada, porque às vezes não consigo mesmo acreditar. — Mas estou mais feliz do que nunca.

Whitney

Ouçõ um assobio alto quando saio do carro da minha mãe. Acostumada a lidar com esse tipo de situação, me viro pronta para dar uma bronca na pessoa e dou de cara com Trevor. Minha expressão carrancuda relaxa e sorrio para o meu irmão mais novo.

— Oi. — Abro os braços para recebê-lo em um abraço um tanto estranho por causa da minha barriga.

— Oi, mana. — Ele me solta e também abraça nossa mãe. — Não esperava vê-las aqui.

— Viemos encontrar uma cliente — explico, apontando para o The Café. — E você, o que faz aqui?

Ele levanta uma sacola de papel.

— Vim pegar uns sanduíches. Vou ver se consigo alguns peixes hoje.

Posso ver que está vestido para a pescaria: camisa velha e rasgada de alguma banda qualquer, shorts feitos de uma antiga calça cargo camuflada e boné.

— Como vai fazer sem o seu parceiro de pesca? — Sei que ele e Ryan costumam pescar juntos.

Trevor me dá um sorriso forçado.

— Acho que vou ter que dar um jeito. Em algumas semanas, ele não vai ter mais tempo para pescar, não é?

Fico surpresa pelo tom com que diz isso.

— Ele terá muito tempo para fazer o que quiser que façam juntos. Só porque vamos ter um bebê não significa que não teremos tempo para você. Você é uma das pessoas mais importantes em nossas vidas e não só o tio da Stella, mas também seu padrinho. Nem pense nisso.

Ele me lança um olhar incrédulo.

— Eu sei, só vai levar um tempo para me acostumar.

— Para *você* se acostumar? Eu vou ser mãe! — Em alguns dias, parece que ainda não caiu a ficha. Em outros, mal vejo a hora de segurá-la em meus braços.

— Você quis isso por anos, nasceu para ser mãe. Tenho certeza de que vai fazer um gol de placa com esse lance de maternidade.

Dou uma risadinha porque não tenho certeza se já fiz algum gol de placa na vida, no entanto deixo a analogia com esportes a critério dele.

— Eu te amo, Trev.

— Também te amo. Tenho que ir. Até mais, mamãe. — Ele se abaixa e dá um beijo na bochecha dela.

Enquanto minha mãe vai em direção ao The Café, fico ali parada por alguns minutos, observando Trevor andar até sua caminhonete e entrar. Por uma fração de segundo, sinto um aperto no peito, como se quisesse pegá-lo e segurá-lo perto de mim para nunca mais soltar. Jamais senti algo parecido, mas também sei que minhas emoções estão uma bagunça por causa da gravidez e não preciso contaminá-lo com a minha loucura. Balançando a cabeça, entro no café e sorrio quando vejo minha mãe cumprimentando nossa cliente em comum.

— Olá, Ashley. — Aceno para a noiva ao nos sentarmos. É hora de trabalhar e esvaziar minha mente de qualquer coisa que não seja relacionada a casamentos.

Renegade

— Já se perguntou por que temos alguns dias tão tranquilos? — questiona Ace antes de bocejar. — Quer dizer, tem dias que estamos tão ocupados que não conseguimos nem fazer uma pausa para mijar, e aí tem dias como hoje, quando não recebemos nenhum chamado.

— Acho que devemos ser gratos por isso. Pensando no macro, significa que ninguém está com problemas ou precisa de ajuda. Talvez todos estejam seguindo a lei, então não deveríamos questionar.

— Acho que quero saber mais pelo lado psicológico da coisa, sabe? Por que as pessoas cometem crimes? O que faz um dia pior que outro? Por que a lua cheia desperta todos os malucos? Eu não sei. — Ele dá de ombros. — São nessas merdas que penso.

— Cara, você deveria ir ao programa do Dr. Phil ou alguma merda assim. — Rio. — Você tem muitas perguntas na cabeça.

— Já me falaram isso. — Ele não nega. — É o tipo de pessoa que sou.

Abro a boca para dizer algo, porém, assim que o faço, uma picape preta passa correndo por nós, tão rápido que só consigo distinguir a cor.

— Puta merda! — grita Ace ao acender todos os faróis e sair em disparada atrás do carro.

Reconheço a placa assim que bato os olhos nela, mas espero a confirmação da central de que o motorista é, de fato, Brooks Strather.

— Ele não vai parar — falo para Ace. — Nunca para.

— Quantas muitas você e Tank já pediram para um oficial entregar?

— Talvez umas cinco a essa altura, mas você sabe que outros tentaram pará-lo também.

Ficamos quietos durante a perseguição. Esta é uma parte perigosa da cidade. Curvas em S levam a um riacho rebaixado com uma pequena ponte de duas faixas que conecta os dois pedaços de terra.

— Talvez eu consiga pegá-lo nas curvas. Ele vai ter que diminuir a velocidade, caso contrário vai acabar derrapando.

— Central, estamos em perseguição próximo das curvas em S, indo para o sul. O sujeito é Brooks Strather. Ele está acima de cento e quarenta quilômetros por hora. — Balanço a cabeça ao olhar para o velocímetro. Revoltado, viro para Ace. — Ele vai acabar se matando ou matando alguém.

De novo, o silêncio toma conta do carro. Todos aqueles energéticos e o café correm pelas minhas veias enquanto aperto o painel e a maçaneta ao meu lado com força, rezando para que nos mandem abortar a perseguição. Estou com um pressentimento nada bom.

— Ele está fora de si — Ace resmunga enquanto tenta acompanhar a picape e, ao mesmo tempo, manter uma distância segura.

Assisto horrorizado quando Brooks derrapa para a direita, o pneu traseiro do lado do passageiro saindo do asfalto.

— Não vire o volante desse jeito! — grito, mesmo sabendo que

ele não pode me escutar. Piso em um freio imaginário no chão, querendo pará-lo assim que o vejo tentar corrigir a direção sem sucesso.

— Ele perdeu o controle. — Ace faz uma careta antes de diminuir a velocidade e assistimos ao que quer que esteja prestes a acontecer no que parece ser em câmera lenta.

— Central, o suspeito colidiu... Puta que pariu!

Assim que Brooks cruza a linha amarela, uma caminhonete sai do ponto cego da curva. Eles batem de frente, destroços voando para todo lado. Parece que leva duas horas até que os veículos parem, um deles capotando.

— Central, temos dois veículos. Repito, temos dois veículos envolvidos no acidente. O suspeito atingiu outra caminhonete de frente que vinha a cerca de cento e trinta quilômetros por hora. Precisamos de reforço e uma ambulância.

Ace para nosso carro em um ângulo que bloqueia a estrada até que outra viatura chegue para ajudar.

— Vá até o Brooks, vou checar o outro. — Desafível o cinto e saio correndo, adrenalina pulsando em minhas veias. Odeio acidentes, embora sejam parte do trabalho.

A caminhonete acabou rodando e agora a traseira está de frente para mim, o lado do motorista um verdadeiro amontoado de metal. Por um momento, observo o que sobrou do para-brisa traseiro e do porta-malas. Alguma coisa parece muito familiar para mim e é então que vejo.

É a caminhonete do Tank. Ele é a única pessoa que conheço que tem um adesivo escrito VIDA DE PESCADOR na traseira, bem ao lado de outro que diz EU FREIO PARA OS TORCEDORES DO *Auburn Tigers* – PARA FALAR SOBRE SUAS ESCOLHAS NA VIDA.

Meu estômago se revira e sinto a bile subir pela garganta. Tusso e engasgo na tentativa de não vomitar, mas tudo o que ingeri hoje ameaça sair.

— Central — falo pelo rádio mais uma vez, agora sem conseguir reconhecer a minha própria voz —, a outra pessoa envolvida no acidente é um dos nossos de folga. Mande ajuda o mais rápido possível!

Tenho a súbita necessidade de ir até ele e avaliar seu estado. Já fiz esse tipo de coisa em zona de guerra, então não tenho dúvidas de que posso fazê-lo com meu melhor amigo. O dia está nublado,

anunciando a chegada de uma tempestade. O vento forte balança a caminhonete destruída de um lado para o outro, até que, de repente, ela capota de novo, dessa vez para a direita. O lado do motorista não está mais contra o chão.

Corro o mais rápido que consigo e, quando chego à porta da frente, sinto a bile queimar minha garganta. Tank está inconsciente, desfalecido em um ângulo estranho.

— Não faça essa porra comigo — sussurro, as mãos trêmulas enquanto agarro a maçaneta enlameada. No entanto, a porta não cede quando tento abri-la.

Lágrimas se formam nos meus olhos e digo a mim mesmo para não demonstrar o que estou sentindo, para me manter controlado, porque é isso que Tank precisa agora. Respirando fundo, corro para a traseira. A porta da caçamba está toda retorcida, o que me dá espaço suficiente para tentar passar por um dos espaços e entrar pelo para-brisa.

Deitando no chão, percebo que não faço algo desse tipo desde que era recruta no exército. Quando começo a rastejar para dentro, solto um palavrão porque, com o colete, não vou conseguir passar. Pela primeira vez desde que descobri sobre Stella, tiro o equipamento de proteção em serviço. Tenho que ir até meu amigo, preciso garantir que o tio da minha filha esteja bem.

Arrancando o colete e a camisa, fico apenas de regata para me proteger de todos os elementos em volta. Deito de barriga de novo e volto a me arrastar em direção ao interior da caçamba. Desta vez consigo passar sem problemas, e graças a Deus que não sou claustrofóbico. Se fosse, isto seria um verdadeiro inferno. Assim que alcanço o para-brisa, testo a superfície e vejo que está quebrada em alguns pontos. Soltando meu cassete do cinto, enfio-o em um dos buracos e puxo o painel de vidro na minha direção. Ele cede e cai, só que não do lado de Tank. Se alguém vai se cortar, que seja eu.

Virando meu corpo em posições inimagináveis, deslizo para dentro para enfim alcançar Tank. Neste momento, meu mundo para, pois não tenho certeza de que ele está respirado. Não conseguir escutar nada me assusta mais do que qualquer outra coisa.

— Acorda, Trevor, acorda — imploro, usando dois dedos para procurar sua pulsação. Leva uma eternidade para achar e, quando consigo, sinto que está irregular. É melhor do que nada. — Central, avise os paramédicos que o oficial tem uma pulsação fraca e está preso nas ferragens. Estou dentro do veículo, mas vamos precisar de ferramentas para tirá-lo.

Colocando o rádio de lado, presto uma atenção maior ao que está acontecendo. Sua respiração é tão irregular quanto seus batimentos, no entanto faço um breve agradecimento por ele estar respirando. Agora posso escutá-la com clareza, ainda que não passe de um chiado que me deixa ainda mais preocupado – se é que é possível.

— Não desista de mim, Trev. Por favor, não desista de mim. Você tem uma sobrinha para conhecer. Quando eu finalmente convencer a Whitney a se casar comigo, vou precisar de um padrinho. Não se atreva a desistir de mim, caralho.

É então que sinto a umidade das lágrimas em meu rosto. Fomos e voltamos da guerra juntos, enfrentamos diversas situações de perigo como policiais e membros da Força-Tarefa dos Destilados. Não deixarei meu melhor amigo morrer na beira de uma estrada por causa de um filho da puta que não sabe obedecer ao limite de velocidade.

— Ryan, eles chegaram. Os paramédicos precisam que saia para que os bombeiros possam usar as garras. É hora de deixá-lo nas mãos de quem pode ajudá-lo.

Agarro a mão de Trevor, prometendo coisas que nem sei se se tornarão realidade:

— Vou estar bem aqui e depois vou buscar sua irmã e sua mãe. Você vai ficar bem, irmão. Aguenta firme.

Saio do veículo o mais rápido possível e, assim que coloco os pés no chão, meus olhos encontram os de Blaze.

— É o Trevor? — ela pergunta com uma expressão devastada.

— É — confirmo. — Leve o nosso garoto para o hospital em segurança e lhe dê uma chance de lutar. Tenho que ir notificar a família dele.

— O que fazemos com o Brooks? — pergunta Ace.

Pela primeira vez olho para o lado e vejo Brooks parado no acostamento, sangue escorrendo pelo seu rosto por causa de um corte na cabeça, porém, de resto, está bem. Não vai precisar lutar por sua vida como Trevor. Leva todo meu autocontrole para que eu não corra até lá e acabe com ele, colocando minha arma em sua cabeça e fazendo com que implore por sua vida. Forço-me a lembrar de que ele é filho de alguém e que tomou uma decisão estúpida, mas até parece que vou deixá-lo confortável enquanto Trevor está preso na porra da lama.

— Não dou a mínima. Deixe-o apodrecer aqui até o transporte chegar. Vou pegar nosso carro.

Capítulo 33

Whitney

A reunião está indo bem. Acabamos de assinar os contratos com o casal feliz e já digitalizei tudo com o celular para mandá-los para Addison.

— Por favor, não pensem que eu ter um recém-nascido em casa atrapalhará os preparativos.

— Você sempre foi uma profissional maravilhosa e competente, Whitney, não tenho dúvidas de que conseguirá conciliar as coisas.

Não consigo evitar um sorriso, me sentindo animada e feliz por ainda confiarem em mim.

— Estou ansiosa para começarmos. Sei que ainda temos alguns meses pela frente, mas é provável que eu já tenha algo para mostrar para vocês na semana que vem. Não sou de deixar as coisas para a última hora e vou mantê-los atualizados.

Ficamos de pé, prontos para finalizar nossa reunião quando um grupo de homens mais velhos entra.

— Ernie, liga a TV.

Meu bom Deus, alguma coisa deve ter acontecido e eles querem ser enxeridos. Uma das inconveniências de se morar em uma cidade pequena.

Viro-me para pegar minha bolsa quando outro grupo de homens entra, um pouco mais jovem que o anterior.

— Ernie, a TV está ligada? Acabamos de tentar vir pela estrada de trás e teve um acidente feio.

— Estou ligando — grita Ernie do outro lado do balcão.

— Ficaram sabendo que um dos carros envolvidos era de um policial e ele morreu? — Um dos homens mais velhos pergunta para o outro grupo.

— Mãe... — Meu coração para e agarro seu braço. — Ele disse o que eu acho que disse?

— Sim. — Minha mãe assente devagar. — E nenhum deles deveria falar isso a não ser que saibam com certeza — ela diz alto o suficiente para que possam escutá-la.

— Ah, querida, o seu namorado está trabalhando hoje? Ele costuma estar de folga, nem cheguei a pensar nisso — fala um dos homens no balcão, olhando para mim com compaixão.

— Ele trocou porque tínhamos um ultrassom. — Coloco a mão sobre a barriga, sentindo Stella chutar.

— Sente-se. — Minha mãe desliza uma cadeira para debaixo de mim enquanto busco algo em minha bolsa.

— Já sei. — Pego meu celular. — Vou ligar para a Central e ver se conseguem me conectar com o rádio dele. Ele vai responder e tudo vai ficar bem.

Só que nada parece bem e meus dedos tremem enquanto disco o número. Medo se acumula em meu peito e logo começo a pensar em todas as coisas que sempre quis dizer, porém nunca disse. Nunca falei para Ryan que o amo, mesmo sendo a mais pura verdade. Não queria me expor a uma potencial decepção que poderia ser desencadeada ao confessar o que sinto. Arrependimento me consome enquanto escuto o celular chamar.

— Central do Condado de Laurel.

Começo o meu discurso, informando quem sou e falando que só quero saber se Ryan está bem ou se podem me conectar ao seu rádio.

— Desculpe, se você não é da família, não podemos fornecer informações do oficial durante seu turno.

— Podemos não ser parentes de sangue, mas estou carregando a filha dele — explico para a mulher do outro lado da linha.

— A menos que use uma aliança, tenha seu sobrenome ou uma certidão de casamento, não posso lhe passar a informação que está pedindo.

Desligo porque não quero ser mal-educada com essa mulher. Ainda me lembro de como minha mãe me educou e do fato de que está sentada bem ao meu lado.

— Vou ligar para o Trevor — decido. — Ele vai saber.

Conforme escuto a ligação cair na caixa postal, as lágrimas surgem e escorrem pelo meu rosto e pescoço até atingirem as pérolas que sempre uso. Erguendo a mão, agarro um dos brincos que Ryan me deu no meu aniversário antes do jogo do Alabama.

— Eu nunca disse para ele que o amo. Nunca. E se ele morreu pensando nisso? Eu não disse para ele. — Afundo o rosto nas mãos, soluçando, deixando que todo o meu corpo seja dominado pelo

arrependimento que sinto.

— Querida, ele sabe. — Mamãe afaga minhas costas, tentando me acalmar.

Não consigo respirar, me sentindo sufocada aqui, com todos os olhos sobre mim.

— Não se estiver morto, mãe.

— Por que não vamos para casa? — Ela sugere. — Assim você estará lá se vierem dar alguma notícia.

— Não. — Enrijeço meu maxilar, torcendo para que pare de tremer ao me agarrar à borda da mesa, desafiando-a a me arrastar dali. — Ryan sabia que eu estaria aqui hoje. Se estiverem procurando por mim, ele teria dito onde estou.

Estou ciente que isso não faz sentido. Acabei de dizer para minha mãe que ele está morto, contudo não posso sair daqui para o caso de não estar. Por que Deus faria isso comigo? Por que me daria algo tão mágico apenas para tirar de mim depois? Não consigo entender.

Pego minha bolsa e meu celular e corro para o lado de fora o mais rápido que consigo. Quando o ar fresco me atinge, a chuva cai como lágrimas do céu e respiro fundo, tentando regular meus batimentos. Coloco as mãos na cabeça e entrelaço os dedos, estufando o peito e torcendo para não ter essa criança semanas antes do tempo, porque, se Ryan está morto, parte de mim morreu também.

De longe, vejo luzes azuis e sei que estão vindo para me dizer que minha bebê não tem mais um pai. Estão vindo notificar a família.

Enxugando as lágrimas do meu pescoço e rosto, mordo o lábio inferior. Não vou deixar que me vejam tão destruída e acabada. Lidarei com isso de uma maneira que deixará Ryan orgulhoso.

A viatura para de modo brusco na frente do café e pisco várias vezes quando Ryan sai do lado do motorista. Ele está sujo, coberto de lama, sangue e sei lá mais o que. Entretanto, está vivo.

Corro até ele, esmagando meu vestido branco na frente da sua regata que, um dia, foi da mesma cor.

— Você está vivo! — Passo minhas mãos pelos seus cabelos.

Ele me abraça com força, prendendo nossos corpos juntos.

— Não era eu, Princesa. Estou aqui.

Não consigo falar, só enterro meu rosto em seu peito,

soluçando. Sou tomada por uma onda de alívio, mas, ao mesmo tempo, fico aflita pela família da vítima.

— Mas tenho péssimas notícias, Whit.

No mesmo segundo, ergo a cabeça para olhar para ele. Agora noto a tensão em seu rosto, a máscara de absoluta devastação – tem alguma coisa errada.

— Quem era? — sussurro porque não consigo perguntar em voz alta. Meu corpo não consegue emitir o som com mais força.

— Era o Trevor. O oficial no outro carro era o Trevor.

— Mas ele está de folga — argumento, sem acreditar no que está me dizendo.

— Ele estava vindo na direção oposta. Eles bateram de frente. Quando saí do local, ele estava sendo retirado da caminhonete. Precisamos ir ao hospital de Birmingham. É para lá que vão levá-lo.

— Para identificar o corpo? — Choramingo, tremendo em seus braços.

— Princesa, olhe para mim. — Ryan segura o meu queixo. — Ele não está morto. Não vou mentir, ele não está bem e não sei ao certo a gravidade da situação, mas quando saí de lá, ele não estava morto. Seque essas lágrimas e vamos buscar sua mãe. Temos muitas orações a fazer.

Capítulo 34

Renegade

Seguro a mão de Whitney enquanto dirijo em silêncio para o hospital. Acho que nunca fiz um percurso tão triste. Se estivéssemos sob circunstâncias diferentes, eu faria uma piada sobre a mãe dela estar sentada no banco traseiro da viatura. Contudo, hoje não consigo fazer nenhuma. Mona está chorando em silêncio com um guardanapo em mãos, o celular vibrando conforme atualiza o marido por mensagens.

— Ele vai nos encontrar lá, Mona? — Enfim encontro minha voz, ainda surpreso com o quão rouca está.

Ela concorda com a cabeça, lágrimas descendo pelo rosto.

— Alguém vai levá-lo. Acho que ele está mais abalado do que deixou transparecer quando liguei. Talvez chegue uns trinta minutos depois de nós, porque estava indo para o Golfo. Porém, conhecendo-o, ele vai fazer a pessoa acelerar e vai pagar pela multa se forem parados.

— Ele vai ficar bem, não é? — pergunta Whitney ao meu lado.

Não tenho certeza sobre a quem ela está se referindo, nem se algum de nós sabe a resposta para a pergunta. Eu o vi, vi como estava ofegante e como era difícil para ele fazer os pulmões funcionarem. As pontas dos meus dedos sentiram a fraqueza do seu pulso e, por mais que eu tente, não consigo afastar a imagem que agora tenho em minha cabeça: um Trevor pálido com sangue respingado no rosto todo. No fim, nenhum de nós sabe a resposta.

— Não sei, Princesa. — Trago sua mão para os meus lábios em uma demonstração de afeto que, em geral, não permito que sua família veja.

Ficamos mais afastados quando eles estão por perto, quase como se temêssemos que vejam o quanto estamos apaixonados um pelo outro. Hoje, acho que preciso desse afeto mais do que ela. Quase ronrono quando ela vira a mão e afaga minha bochecha, dedilhando minha barba por fazer. É sério que se passaram apenas algumas horas desde que ela me disse para não me barbear? Parece que isso foi há séculos. Sinto que envelheci uns mil anos desde essa manhã.

— Agora ele está nas mãos de Deus, Whitney — fala a mãe dela do banco de trás e, do nada, fico furioso.

Cerro os dentes com força, enrijecendo a mandíbula. Parte de

mim quer perguntar o que Deus tem a ver com tudo isso. Se Deus se importasse, teria colocado Brooks dentro daquela ambulância. Trevor é um homem bom, um ótimo amigo e um ser humano maravilhoso. Serviu ao seu país com honra e fez coisas que talvez nenhuma outra pessoa teria aceitado fazer. Acabar todo quebrado daquele jeito na beira de uma estrada, em um dos seus lugares favoritos, é um grande absurdo que me revolta pra caralho. Quero gritar e destruir tudo, berrar diante de tamanha injustiça. Não consigo entender o porquê do filho da puta do Brooks ter saído ileso do acidente enquanto Trevor teve que sair em uma ambulância. Como isso faz sentido? Trevor não estava infringindo a lei ou fugindo de qualquer responsabilidade. Estava aproveitando seu maldito dia de folga.

— Eu sei, mamãe — Whitney responde com suavidade, no entanto, quando nossos olhos se encontram, sei que ela sente o mesmo que eu.

O silêncio paira entre nós de novo e tento ao máximo me concentrar na mão que segura a minha. Foco na forma como os dedos de Whitney acariciam minha palma. É um mero deslizar lento de sua unha contra minha pele, todavia é algo que consigo usar para me distrair. É um porto seguro que me permite bloquear todo o barulho que venho escutando desde que Ace e eu nos deparamos com o acidente.

Tem um zumbido no meu ouvido que só fica mais alto a cada vez que tento abafá-lo. O toque carinhoso dela é a única coisa que o faz ir embora, que me mantém são neste momento. Concentro-me nisso, na única parte boa do meu dia – ela é a melhor parte de todos os meus dias.

O trajeto para Birmingham parece levar dias, mas enfim vejo a saída para o hospital. Não vou mentir: quando mencionaram que levariam Trevor para a unidade de terapia intensiva mais próxima, meio que enlouqueci. Isso não é nada bom. Para ser transportado de helicóptero para uma UTI, a situação deve ser bem ruim.

Quando entramos no estacionamento, ficamos boquiabertos com a quantidade de viaturas já paradas ali. Um dos homens de Laurel Springs está controlando o trânsito e, assim que nos vê, nos direciona para uma vaga perto do elevador no térreo.

Ao sairmos do carro, ele corre até Mona e tira o quepe.

— Estamos com você, Sra. Trumbolt. Se precisar de qualquer coisa, é só falar.

Ela não responde, mas segura a mão dele e aperta com força. Dominada pelo turbilhão de emoções, ela apenas assente quando

Whitney passa um braço ao seu redor.

— Venha, mamãe. Vamos descobrir o que está acontecendo.

— Para qual andar temos que ir? — pergunto para o oficial.

— Oitavo, é para lá que Holden está direcionando todo mundo.

Fazemos nosso caminho para o elevador o mais rápido que Whitney nos permite. Ela parece um verdadeiro tanque de guerra, acelerando o passo sempre que possível. Mantenho um braço em suas costas, segurando-a conforme nos aproximamos. Quando estamos prestes a entrar pelas portas deslizantes, escuto uma voz alta:

— Mona! Whitney!

Mona choraminga ao ver o marido. Stanley Trumbolt sempre foi um homem gigante, mas hoje parece derrotado. Acho que em todos os anos que conheço esta família nunca o vi tão amedrontado. Lembro da última vez que nos encontramos. Foi há algumas semanas, quando limpamos as calhas e o jardim de Whitney. Puta merda, foi mesmo há tão pouco tempo? Parece que foi em outra vida. Quando ele alcança Mona, ela desaba em seus braços, e enfim deixa escapar os soluços que segurou o tempo todo.

Stanley e eu trocamos um olhar e, pela expressão em seu rosto, sei que vão precisar de uns minutos a sós.

— Subam quando estiverem prontos. Eu cuido da Whitney.

Entramos em silêncio no elevador e, assim que as portas se fecham, ela desmorona. A luta se esvaiu de seu corpo. Sinto a umidade em meu pescoço, onde ela enterra a cabeça.

— Eu sei, Whit, eu sei — tranquilizo-a, esfregando suas costas. — Coloque para fora, foi um susto enorme. Coloque para fora antes de chegarmos lá.

— Não sei se consigo me recompor. — Ela respira fundo, enxugando os olhos e se afastando. — Ele sempre foi o meu bebê, sabe? Eu tinha dez anos quando ele nasceu e o arrastava para cima e para baixo como se fosse um boneco. Eu colocava umas roupas estranhas nele e o mandava fazer coisas que faria a maioria dos garotos me bater. Porra, Ryan, ele tem que sair dessa!

Pigarreio com força contra o nó que se forma em minha garganta.

— Eu sei, e ele vai. Temos que acreditar nisso.

Só não sei se consigo fazê-lo neste momento.

No oitavo andar, encontramos vários policiais do condado, da cidade e do estado. Membros de outros departamentos também apareceram e a maioria parece saber quem somos, então abrem caminho e apontam na direção certa. Não consigo soltar a mão de Whitney enquanto fazemos nosso caminho pela multidão, todos indicando uma sala de espera lateral. Quando chegamos, vejo os membros da equipe de pé e Blaze sentada no sofá, os braços cruzados sobre a barriga.

— O que sabemos? — anuncio nossa presença. — Mona e Stanley precisam de um tempo; contaremos tudo para eles quando subirem.

Holden olha para Blaze.

— Termos leigos, assim como fez conosco.

Ela respira fundo, como se buscando força.

— Perna quebrada, pulso torcido, múltiplos cortes e hematomas, concussão e o que acreditam ser um pulmão perfurado. Ele está em cirurgia agora para cuidar da perna e do pulmão.

É mais do que eu estava esperando.

— Puta que pariu. E quanto ao Brooks?

— Demos um jeito nele antes de o colocarmos em prisão preventiva. Ele já arrumou um advogado, mas vai continuar detido, uma vez que não sabemos como essa história vai acabar — diz Holden em voz baixa.

O real significado da frase paira no ar. Tank pode não sair dessa.

— Foi dado algum prognóstico?

Blaze se pronuncia de novo:

— Ele está com alguma hemorragia interna, talvez do baço. O cirurgião não quis nos dar falsas esperanças.

Whitney solta minha mão e vai até ela.

— Sei que eles te chamam de Blaze, só que este não é o seu nome de verdade. Trevor já me falou de você. Ele não iria querer que ficasse sentada aqui sozinha. Não sei você, mas preciso de um café descafeinado já que é o único que posso tomar. Por que não vem comigo e se afasta um pouco de toda essa testosterona?

Vejo Blaze olhar para Whitney com surpresa estampada no rosto. Porra, todos nós estamos surpresos – ninguém sabia que Blaze não era seu nome verdadeiro.

— Eu adoraria. — Ela abre um sorriso. Pequeno, mas ainda assim um sorriso.

— Vamos.

Whitney se inclina e me dá um beijo na bochecha.

— Se houver alguma novidade, me liga.

Eu as observo partir, surpreso pelo rumo dos acontecimentos.

— Puta merda. — Holden assobia de onde está.

Tenho que concordar. As pessoas nunca deixam de me surpreender.

Capítulo 35

Whitney

Caminho ao lado desta garota que conheço por causa de algumas conversas que tenho com meu irmão quando ele está para baixo. Logo que a vi sentada ali, soube quem era.

— Trevor falou sobre mim? — ela questiona enquanto esperamos pelo elevador.

Assinto, sorrindo ao me abraçar e esfregar meus bíceps. Agora que estamos afastadas do grupo de pessoas, fico com frio.

— Sim. Ele não fala muito, em especial sobre as mulheres em que está interessado, mas te mencionou algumas vezes. Ele se importa bastante com você.

Não sei se devo quebrar a confiança do meu irmão. Mas e se ele não conseguir sair dessa vivo e Blaze ficar para sempre se perguntando o que ele achava dela? Considerando o fato de que nunca fui honesta com Ryan, talvez eu não seja a pessoa certa para tomar essa decisão.

— Também me importo muito com ele — afirma ela baixinho. — É só que nunca conseguimos fazer dar certo.

— Trevor é teimoso.

Ela sorri.

— Assim como eu. Nenhum de nós queria ceder.

— Ele não me contou o que aconteceu entre vocês — aviso, pois não quero que entenda errado e acabe me contando algo sem querer. — Só sei que ele se arrepende.

— Eu também. — Blaze entra no elevador e apertamos o botão da recepção. — Você sempre pensa que ainda tem muito tempo pela frente. Digo, das últimas vezes que nos vimos, nós flertamos e trocamos mensagens, só que nunca dei o braço a torcer. Não queria admitir que estava disposta a ceder. — Ela chuta o chão com sua bota preta. — Ele quer que eu largue o meu trabalho. — A revelação me deixa chocada.

— Ele o quê?

Seus lábios se curvam em um sorriso sarcástico quando vira para mim.

— Pois é. O policial quer que eu largue o meu trabalho.

Tem que ter um motivo por trás disso, mas não quero ser enxerida. Ela confiou em mim o bastante para contar isso.

O elevador chega ao andar da recepção e saímos, indo para a lanchonete. Enquanto ficamos na fila para fazermos nosso pedido, dou uma boa olhada nela. Foi o cabelo que lhe conferiu seu apelido: o tom de vermelho é flamejante. Tatuagens cobrem toda a extensão dos seus braços. Em algumas pessoas, talvez pudessem parecer exageradas, mas nela são perfeitas. Ela é pequena – talvez tenha um metro e sessenta em comparação aos meus um metro e setenta. Parece jovem; se tivesse que adivinhar, diria que tem a mesma idade de Trevor e Ryan. Quando se vira para mim, fico impressionada com seus olhos verdes. Consigo entender por que meu irmão está caidinho por essa garota.

— Quer sentar ali? — pergunto após fazer o pedido. — Podemos tomar nosso café e depois voltar lá para cima.

— Tudo bem.

Assim que nos sentamos, ficamos em silêncio mais uma vez. Não é nada desconfortável, entretanto tenho a sensação de que nós duas estamos tentando ser legais uma com a outra sem nos aprofundarmos demais. Embora eu esteja curiosa para saber por que ele queria que ela largasse o emprego, não pergunto.

— A cidade toda parece conhecer sua história. — Blaze começa após tomar um gole do café. — Acho justo que eu conte a minha. Não consigo acreditar que Trevor e eu conseguimos manter isso em segredo.

Nem eu, mas não digo em voz alta.

— Conte apenas o que quiser contar. Não ache que me deve alguma coisa só porque sou o principal assunto da cidade agora.

— Atendi um chamado há um ano. O indivíduo estava tendo um surto psicótico. Ele sacou uma arma e apontou para a minha cabeça. Trevor foi o primeiro a chegar lá. — Ela mexe a bebida antes de dar outro gole. — Naquela época, já estávamos saindo há alguns meses, sabe, só ficando. Nós transávamos, mas nunca houve nenhuma promessa ou conversa sobre exclusividade.

Coloco uma mão na minha barriga e faço um carinho.

— Sei bem o que quer dizer.

— Resumindo, é evidente que consegui sair daquela situação, só que Trevor me disse que, se eu quisesse ficar com ele, precisaria arrumar outro emprego. Ele não aguentaria me ver em perigo. —

Blaze suspira. — Acho que ele se lembrou do Iraque e de algo que aconteceu lá, no entanto nunca fala a respeito.

Trevor virou uma pessoa totalmente diferente após a guerra, assim como muitos daqueles que o acompanharam. Contudo, sempre se recusou a tocar no assunto.

— Então foi isso? Vocês dois pararam de se ver?

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Nós tentamos, mas é como se tivesse essa corda invisível que fica nos puxando para perto um do outro. Porém, toda vez ele me pede para largar meu emprego, só que eu amo o que faço. — Ela dá de ombros. — Eu nasci para isso.

— Assim como ele nasceu para o que faz.

— Exato — concorda. — Mas agora, com esse acidente... Se alguma coisa acontecer com ele, como vou viver sabendo que fui teimosa demais para passar o que poderia ter sido o melhor ano da minha vida com ele?

Sem respostas para oferecer, apenas me estico e seguro sua mão. Se Trevor não sair dessa, todos nós teremos arrependimentos e só posso torcer para que isso não seja tudo o que nos restará no final.

Mais do que tudo, só quero abraçar o meu irmão e dizer mais uma vez o quanto o amo. Duas pequenas ações cotidianas que significam tudo quando a vida de alguém está por um fio.

Capítulo 36

Whitney

Tem momentos na vida que você não espera. Eu já passei por alguns desses. Transar com Ryan, descobrir que estava grávida, pensar que ele era o oficial morto só para depois descobrir que, na verdade, era Trevor e que ele estava gravemente ferido... Na maioria das vezes, você não está preparado para as emoções e repercussões causadas por eles. É o que está acontecendo comigo neste momento. Estou sentada ao lado de Ryan na sala de espera do centro cirúrgico, prendendo a respiração na expectativa de receber notícias do meu irmão.

Meus pais estão sentados em um canto. Casados por quase quarenta anos, nunca tiveram que vir ao hospital por causa de nenhum de nós dois ou sequer por eles mesmos. No canto oposto, Blaze está sentada ao lado de seu parceiro, ambos encarando com olhares inexpressivos a sala lotada. E eu? Sentada ao lado de Ryan, sinto meu coração prestes a explodir.

Em meio a esta situação inacreditável, seja apropriado ou não, preciso lhe dizer o quanto significa para mim. De uma vez por todas, tenho que perder o medo e deixar que a verdade se liberte. E, se devo fazer isso, não há momento melhor do que agora.

— Podemos andar um pouco? — pergunto baixinho para Ryan.

Quero me levantar desta cadeira desconfortável que está matando minhas costas e meu quadril. No entanto, ao mesmo tempo, quero ter essa conversa em particular. O que tenho a dizer é delicado para mim e não preciso de (nem quero) uma plateia.

— Claro. — Ele se levanta, estendendo a mão para mim. Mal escuto quando avisa que vamos andar um pouco, mas que voltamos logo.

Vejo os olhares tristes de todos nos acompanharem enquanto saímos. É quase como se soubessem que estou no meu limite e não vou conseguir aguentar muito mais.

Caminhamos em silêncio pelo longo corredor, acompanhando a quietude absoluta desta parte do hospital. A maioria das pessoas nessas salas aguarda para ouvir o destino dos seus entes queridos. O modo como viverão o resto de suas vidas será definido pelo resultado da cirurgia que acontece no andar de cima. É o tipo de situação que ninguém quer vivenciar e, quando acontece, traz devastação.

Precisando me manter firme, agarro a mão de Ryan e a envolvo com a minha. Seu dedo médio acaricia o meu anelar, onde uma aliança estaria se eu permitisse.

— Para onde você quer ir? — ele enfim pergunta conforme atravessamos o labirinto de corredores.

— Para a capela — respondo sem hesitar. Não importa quanto eu esteja irada pela forma que as coisas aconteceram hoje, estar em um lugar de adoração me traz certa paz.

— Ele vai ficar bem — Ryan me garante enquanto caminhamos.

— Ele é teimoso — concordo.

— A pessoa mais teimosa que já conheci, além de você.

O sorriso que ele oferece para retribuir a encarada feia que lhe dou é radiante.

— Sabe que estou falando a verdade. — Ryan aperta minha mão. — Você é a única outra pessoa além dele que fico relutante em confrontar, e vocês dois juntos então? Jesus...

Rio, porque é isso ou chorar.

— Ele sempre foi o meu maior incentivador — admito, sentindo as lágrimas se acumularem de novo.

Quando chegamos à capela, ele abre a porta devagar. Ao entrarmos, fico aliviada de estarmos sozinhos. Desta vez, tomo a iniciativa e o puxo para um banco nos fundos.

Juntos, nos sentamos.

— Vamos rezar pela salvação do Tank? — Ele arqueia uma sobrancelha para mim. — Tenho certeza absoluta de que Deus vai ter que perdoá-lo pela mesma infinidade de coisas que teria que *me* perdoar.

— Não — sussurro. — A única razão pela qual eu quis vir aqui era para que você e eu pudéssemos ficar sozinhos. Queria dizer o que preciso longe dos olhos curiosos dos nossos amigos e da família.

Pela forma como seu corpo se inclina para mais perto de mim, sei que tenho sua total atenção.

— Quando aquela gente entrou no The Café dizendo que um policial tinha sido morto, fiquei apavorada que tivesse sido você.

— Princesa — ele me interrompe —, eu não vou a lugar nenhum, você sabe disso.

Ergo o indicador e o coloco na frente de seus lábios.

— Não, Ryan. A vida não é garantida e acho que todos aprendemos isso hoje.

Ele começa a falar de novo, mas o interrompo:

— Me deixe terminar.

Seguro seu rosto, forçando seus olhos a encontrarem os meus. Vejo o mar de sentimentos nos orbes castanhos, mais escuros hoje do que o normal, e apesar de não conseguir identificar todos eles, posso notar a agitação que todos estamos sentindo.

— O dia de hoje se tornou o mais assustador de toda a minha vida antes mesmo de eu saber que era Trevor naquele acidente. Assim que começaram a dizer que um policial estava morto, pensei que fosse você. E sabe... — Paro para me recompor, respirando fundo e umedecendo meus lábios: — Eu surtei. Não só porque o pai da minha filha talvez estivesse morto, mas em especial porque pensei que você tinha morrido... — Tenho que parar mais uma vez e abaixar a cabeça, lutando contra as lágrimas antes de limpar a garganta e continuar. Desta vez, minha voz sai rouca quando falo: — Pensei que tinha morrido sem que eu pudesse dizer que te amo.

Ryan prende a respiração, fechando a boca. Posso ver como seu corpo enrijece e sei que não é porque rejeita a mim e aos meus sentimentos. É porque está sentindo muitas coisas ao mesmo tempo e tentando não surtar.

— Amo mesmo, mais do que pensei que poderia amar alguém — continuo, agora com lágrimas escorrendo pelo rosto e a voz mais forte. — Minha vida estava estagnada, achei que iria passá-la sozinha, quem sabe ter alguns encontros de vez em quando. E aí você apareceu e a virou de ponta cabeça, Renegade. *Pou pou*.

Rimos de maneira histérica ao nos recordarmos da noite que eu estava bêbada e fiz essa piada. Acho que estamos rindo e chorando ao mesmo tempo quando ele apoia a testa na minha, segurando meu rosto da mesma forma que seguro o seu.

— Eu também te amo. — Ele dá um beijo na minha testa.

Solução mais alto.

— Eu sei. Posso perceber em cada toque, sorriso, risada e palavra que dirige a mim. Você demonstra todos os dias e fiquei na defensiva devido ao meu próprio medo. — Balanço a cabeça. — Só que ele não vai mais me controlar.

Ryan afasta o cabelo do meu rosto.

— Não vou te decepcionar.

— Você nunca me decepçiona. Confio cada parte de mim a você e está na hora de eu começar a lhe mostrar isso.

Ficamos mergulhados em nossos próprios pensamentos pelo que parecem horas, sussurrando palavras um para o outro, dando beijos carinhosos em nossas bochechas e testas. Estamos em um mundinho só nosso quando alguém abre a porta da capela.

Não me afasto de modo brusco como teria feito no passado. Ao invés disso, deixo quem quer que seja me ver abraçada a ele, escancarando o que sinto pelo homem da minha vida.

É Holden que entra na capela, uma expressão de alívio em seu rosto.

— Ele saiu da cirurgia e está estável. Agora temos que esperar ele acordar.

Ficando de frente um para o outro, sorrimos. Trevor sobreviveu e não estamos mais escondendo nossos sentimentos. O que poderia ter se tornado o pior dia das nossas vidas acabou não sendo tão ruim quanto poderia ter sido.

Capítulo 37

Whitney

O hospital está silencioso esta manhã enquanto ando pelos corredores em direção ao elevador com a minha bolsa e uma caixa de comida em mãos. Ryan mal se mexeu mais cedo quando levantei da cama, o que diz muito sobre o quanto está cansado. Todos nós passamos os últimos dias com os nervos à flor da pele devido ao estado de Trevor, mas ontem os médicos o transferiram para um quarto fora da UTI. Dizer que estamos aliviados é um eufemismo.

Se perguntar para qualquer um na minha família, posso garantir que todos dirão que dormiram melhor na noite passada do que em qualquer outra desde o acidente. É até difícil pensar que só se passaram alguns dias.

O elevador apita e, quando entro, não me admira que esteja vazio. Não são muitos que querem passar a manhã do Dia de Ação de Graças no hospital, no entanto é tradição que Trevor e eu tomemos café da manhã juntos antes de irmos para a casa dos nossos pais para uma refeição que ocorre tarde demais para ser um almoço e cedo demais para ser um jantar. Não posso permitir que essa tradição se quebre apenas porque ele está no hospital. Pelo contrário, isso só me faz querer mantê-la ainda mais.

Assim que as portas se abrem no andar certo, saio e sorrio para os funcionários que acabaram se familiarizando comigo nesse período. Odeio que tenham que passar o feriado aqui, mas fico grata por poderem cuidar do meu irmão.

— Trouxe alguns donuts e bolinhos para vocês. Sei que não é muito... — Coloco a caixa da confeitaria no balcão do posto da enfermagem. — ... mas foi a única coisa em que pude pensar para agradecer pelos cuidados que estão prestando ao Trevor.

Eles fazem questão de me agradecer antes que eu vá até o quarto para onde Trevor foi transferido. A porta está fechada, então bato com delicadeza.

— Pode entrar.

Escutar a voz dele é a coisa mais maravilhosa do mundo. Eu nunca soube o quanto amo ouvi-lo falar até que não tive certeza se o ouviria de novo.

— Feliz Dia de Ação de Graças. — Sorrio para ele ao entrar.

Fico surpresa por não ver Blaze, mas não digo nada.

— Ela foi passar a manhã em casa — ele diz quando me vê encarando o sofá no qual ela vem dormindo. — Eu falei para ela que esperava que você viesse.

Ergo a sacola que tenho nas mãos.

— Com a exceção de quando você estava no exército, não perdemos nenhum café da manhã de Dia de Ação de Graças desde os seus dezesseis anos. — Abro a mesa portátil e começo a arrumar as panquecas e as fatias de bacon que eu trouxe. — Você pode comer essas coisas, certo?

— Claro. Quase me mataram com aquela dieta líquida de merda. — Trevor se ajeita na cama, dobrando uma das pernas. — Sinto que perdi uns nove quilos.

Sua aparência corrobora a estimativa. É a única coisa que não consigo superar – ele parece doente e não suporto vê-lo desse jeito. Fico repetindo a mim mesma que está bem e que vai continuar assim. Será uma recuperação difícil, contudo, no geral, Trevor ficará bem.

— Vamos engordá-lo rapidinho, especialmente considerando o quanto estou comendo agora.

Ele vira o rosto machucado para mim.

— Como está se sentindo? A Blaze me contou que teve algumas contrações.

— Está tudo bem, foi só o choque de tudo que aconteceu. Nada que precisem se preocupar, eu prometo. — Dou uma mordida nas panquecas, gemendo quando o sabor do xarope explode na minha boca. Nos últimos tempos, desenvolvi um amor incondicional por panquecas.

— Queria desfrutar da comida tanto quanto você agora. — Ele ri.

— Ryan diz a mesma coisa às vezes.

Paramos de falar por alguns minutos e fico contente de estar com ele, aproveitando sua companhia.

— Tem recebido muitas visitas?

— Sim. — Ele toma um gole do seu suco de laranja. — Os caras da equipe estiveram aqui ontem e alguns outros amigos nossos apareceram no dia anterior. Já estou pronto para ir embora, começar a fisioterapia e deixar tudo isso para trás.

Eu me estico e seguro sua mão.

— Todos nós estamos, mas prometa que vai se cuidar, Trev. O que você passou foi bem traumático.

Ele engole com tanta força que vejo seu pomo de Adão subir e descer.

— Para falar a verdade, estou mais preocupado com o que Ryan e Blaze viram. Eu mal me recordo do que aconteceu. A última coisa que lembro é de entrar no que acho que era o pronto-socorro, porque eu estava tentando tirar o tubo no meu peito e tiveram que me segurar. De resto, é tudo uma névoa de dor e remédios.

Abaixo o garfo, meu apetite diminuindo um pouco.

— Foi difícil, Trevor. Ver como você ficou logo depois foi extremamente difícil. Blaze e Ryan salvaram a sua vida, mas nenhum deles fala sobre o ocorrido. Acho que, em algum momento, vão falar, só que precisamos deixar que façam isso no tempo deles.

— Só estou feliz de poder ver a minha sobrinha nascer. — Ele me dá um sorriso de canto, apertando minha mão.

Retribuo o gesto com ainda mais força.

— Você não tem ideia de como fiquei com medo de você não acordar até a data do parto. Não quero que ela cresça sem você, Trev. Por favor, tome cuidado.

Na minha cabeça, adiciono: *Todos nós precisamos de você. Você é o coração da família. Por favor, não podemos perdê-lo.*

— Obrigado por trazer o café da manhã.

Tento abrir meu melhor sorriso, mesmo com as lágrimas inundando meus olhos.

— Não podemos quebrar a tradição. Nada me impediria de vir.

E é verdade. A única coisa que já me impediu foi um oceano e, mesmo então, se eu pudesse, teria nadado só para poder vê-lo na manhã do Dia de Ação de Graças.

Renegade

Meu coração volta a bater em um ritmo normal quando escuto a SUV de Whitney estacionar na entrada. Agora, tenho esse medo irracional de que ela vai se acidentar e acabar no mesmo hospital que

Tank. Sei, pelo meu tempo no exército, que um dia vou superar. É um tipo de estresse pós-traumático, bem provável de ter sido originado ao presenciar o acidente de Tank.

Meu Deus, como sinto falta daquele idiota. Agora que tenho patrulhado com Ace, percebo o quanto eu gostava do tempo que passávamos juntos.

A porta se abre e vou encontrar Whitney na cozinha.

— Olá, mamãe — cumprimento, recebendo-a em meus braços. Ela ainda parece exausta, apesar de eu saber que conseguiu descansar mais na noite passada do que o habitual dos últimos dias. — Precisa de um cochilo?

— Talvez — responde ela, se aconchegando em mim. — Odeio vê-lo naquela cama de hospital, mesmo que ele pareça melhor e os médicos estejam falando sobre deixá-lo ir para casa logo. Meu coração fica tão apertado.

— O meu também. — Coloco as mãos em suas bochechas e ergo seu rosto o suficiente para que eu possa olhar no fundo dos seus lindos olhos. — Como está se sentindo hoje?

— Tive algumas contrações. — Ela morde o lábio inferior. — Mas, como a médica disse ontem, toda essa situação foi estressante e, de qualquer forma, Stella está até um pouco maiorzinha do que o esperado. Estou pronta para ela vir a qualquer momento. Não importa se for antes do tempo ou não. Ela está ótima e saudável. Poderia nascer amanhã e eu ficaria feliz.

Essa é a minha garota, sempre uma lutadora, pronta para enfrentar qualquer desafio.

— Amo você, Princesa. — Inclino-me para baixo, roçando meus lábios contra os dela. — Agora vamos deitar antes que você caia de sono.

— Também te amo. — Não me canso da forma como diz essas palavras e duvido que algum dia isso aconteça. Esperei tanto tempo para ouvi-las que tenho vontade de guardá-las em meu bolso todas as vezes que Whitney deixa que escapem por entre seus lábios. — Não me deixe dormir até tarde. Ainda precisamos ir à casa dos meus pais para o almoço-jantar de Ação de Graças.

Tenho que morder a língua para evitar dizer a ela que não se preocupe com isso. Seus pais devem estar tão cansados quanto o resto de nós – ou até mais –, porém percebo que talvez ela precise estar com eles. Talvez essa seja sua principal fonte de conforto, e quem sou eu para tirar isso dela?

Entramos no quarto e Whitney tira suas roupas desconfortáveis, deitando nua em meio aos lençóis. Nos últimos tempos, ela tem amado dormir assim, renunciando às roupas que agora estão apertadas em seu corpo.

— Deite-se comigo e me abrace.

É um pedido que não posso negar. Fico pelado também, deitando ao seu lado e trazendo-a para mais perto de mim, envolvendo-a em meu abraço protetor.

— Como ele estava?

— Cansado e dolorido, mas parecia mais corado e recuperou um pouco do humor que eu amo. — Ela fica quieta por um tempo. — Blaze voltou assim que eu estava saindo.

— Aqueles dois têm um longo caminho pela frente se querem fazer o relacionamento funcionar. — Afasto o cabelo de seu rosto enquanto afago sua pele.

— Nós conseguimos e olhe onde estamos agora. — O sussurro é sonolento.

Conforme ela adormece, ouço sua voz em minha cabeça.

Olhe onde estamos agora.

Capítulo 38

Whitney

O dia de hoje está sendo uma merda. Não consegui calçar minha sandália favorita porque meus pés estão parecendo duas bolas e, por mais que estejamos na droga de dezembro, ainda está quente no Alabama. A camiseta que eu queria usar não cobre mais minha barriga e estou com um desejo incontrolável por chá gelado.

Não tomei nem mesmo um gole desde que descobri que estava grávida, e hoje minha boca está salivando só de pensar na bebida.

Checando a hora no relógio do carro, vejo que ainda tenho trinta minutos antes da próxima reunião. Mesmo se eu passar no *drive-thru* do Sonic, terei tempo de sobra para chegar ao lugar em que marquei com minha cliente.

Quando chego à lanchonete, dou a volta na rua para entrar na fila ao invés de bloquear o trânsito ao embicar de lado. Morro de medo de causar um congestionamento e sempre faço de tudo para que isso não aconteça.

Envio uma mensagem para a noiva que irei encontrar, avisando-a que chegarei em alguns minutos, e então vejo um homem mais velho em um Range Rover embicar no *drive-thru*, bloqueando o trânsito da maneira que escolhi não fazer. Ele acena para mim, pedindo que eu o deixe passar na frente.

Ah, nem a pau. Levanto meu indicador e o balanço em um claro sinal de “não”.

— Não, senhor. Não vou deixar que passe na minha frente porque tentou dar uma de espertinho — resmungo para mim mesma. — Além do mais, quero esse chá gelado tanto quanto quero um beijo do meu homem e de jeito nenhum vou deixar que você me atrase.

Conforme a fila começa a andar, avanço com o carro e ele buzina para mim. Eu buzino de volta, dando um tchauzinho e abrindo um belo sorriso. Abaixando a janela, grito:

— Desculpe, mas estou grávida e preciso desse chá gelado mais do que você acha que precisa do que quer que tenha vindo comprar.

Subo o vidro quando ele me mostra o dedo do meio e arranca com sua SUV, dando a volta na lanchonete. Solto a respiração que estava segurando, feliz por ter batido o pé e enfrentado aquele homem. As últimas semanas foram estressantes e de jeito nenhum vou

deixar alguém passar por cima de mim.

Após pedir minha bebida, espero na fila e vejo que o sujeito está pelo menos quatro carros atrás. Se tivesse seguido o que todos os outros fizeram, ele poderia já estar esperando pelo seu pedido também e não o fazendo agora. Quando o atendente me entrega o copo branco de isopor, eu o seguro com as duas mãos e tomo tudo em um só gole. Nada neste mundo já teve um gosto tão bom quanto esta bebida açucarada.

Quinze minutos depois, sei que o chá foi uma péssima ideia quando sinto Stella praticar sua série de ginástica na minha barriga. Rindo, pego meu celular e gravo um vídeo para Ryan.

Quando aperto o botão de enviar, faço-o com um grande sorriso no rosto.

— O que acha desta? — pergunta Ryan segurando uma cortina para o banheiro.

Outro dia, acabamos quebrando sem querer a antiga e, como estamos fazendo compras, aproveitei para lembrá-lo de que precisamos de uma nova. Torço o nariz quando ele me mostra a de cor lavanda.

— Gostei muito mais da cinza — confesso, colocando a mão na barriga quando sinto Stella chutar. Ela tem estado agitada desde que tomei o chá gelado à tarde.

— Vou lá buscar então. Fique aqui, sei que teve um dia difícil. Ele é um homem tão maravilhoso.

— Obrigada. Não gostei mesmo da lavanda e ela não vai combinar com nada no banheiro.

— Já volto. — Ryan beija minha bochecha e eu sigo para as filas dos caixas.

Assim que encontro uma não tão longa, paro ao lado do carrinho e começo a colocar as coisas na esteira rolante. Alguém pigarreja na minha frente e, quando olho para cima, dou de cara com um rosto que não vejo há muito tempo. Quem imaginaria que eu encontraria o meu ex-marido na fila da Target?

— Whitney. — Stephen meneia a cabeça para mim.

As boas maneiras e a educação que me foram ensinadas desde a

infância me fazem retribuir o gesto.

— Stephen.

Ficamos quietos, olhando um para o outro sem saber ao certo o que falar.

— Vejo que está bem e enfim economizou dinheiro suficiente para a fertilização *in vitro*. — Ele aponta para a minha barriga.

Por um segundo, penso em minimizar minha felicidade, mas percebo que foi isso que fiz durante todo o nosso casamento. Por que eu deveria esconder meus sentimentos para que uma pessoa que nunca se importou comigo se sinta melhor?

— Na verdade, estou muito feliz. Mais do que já estive em toda a minha vida.

Stephen franze a testa, abrindo um sorriso um pouco irônico.

— Deveria estar mesmo. Quer dizer, gastar todo aquele dinheiro para realizar seu sonho... tem que ser muito maluca para querer ser feliz assim.

— Pronto. — Ryan coloca a cortina do banheiro na esteira rolante e me viro para encará-lo. Quando ele olha por cima do meu ombro, vejo o exato momento em que reconhece Stephen. Virando meu corpo de volta, ele se posiciona atrás de mim e envolve minha cintura, suas mãos acariciando minha barriga.

— Stephen acha que sou maluca por gastar todo aquele dinheiro no tratamento que fiz para engravidar. — Inclino minha cabeça para trás e lhe dou um beijo suave quando seus lábios descem de encontro aos meus.

Um sorriso se espalha em seu rosto.

— Ah, ele tem razão. Aquela garrafa de vinho que você bebeu e as minhas duas cervejas foram caras pra cacete.

Dou uma risadinha, mordiscando o lábio.

— Foram mesmo.

Stephen parece confuso e, antes que eu possa esclarecer, escuto Ryan falar:

— Caso ainda não tenha entendido, imbecil, tudo o que fizemos foi transar como loucos. Parece que o problema sempre foi você, e consegui fazer a única coisa que você não conseguiu. Minha fertilidade é perfeita, assim como a nossa filha. Já a mãe dela... — Ele abaixa a cabeça, beijando meu pescoço. — É a mulher mais

maravilhosa que já conheci. Obrigado por foder com tudo.

Engole essa, filho da mãe.

— Como não vejo um anel no seu dedo, presumo que será mãe solteira. Que surpresa.

— Os dedos dela estão inchados. Ou você não sabe que isso acontece durante a gravidez? É, talvez não saiba mesmo. De qualquer forma, estamos muito felizes e bem juntos — Ryan continua, entrelaçando nossos dedos. — Mais alguma pergunta?

Stephen fica sem palavras, o rosto vermelho de raiva. Ele não abre mais a boca, apenas paga por suas compras e sai apressado como se os cães do inferno estivessem mordendo seus calcanhares.

Não consigo me controlar e tenho uma crise de riso, acompanhada por Ryan. É um dos melhores sentimentos que já tive na vida. Nunca pensei que teria parte dessa confiança de volta, contudo consegui recuperá-la aos montes esta noite.

Capítulo 39

Renegade

— Você não parece muito bem esta manhã, Princesa.

Ontem, ela estava como o coelhinho da Duracell, limpando a casa como se sua vida dependesse daquilo. Hoje, mal parece conseguir sair da cama.

— Acho que me empolguei ontem — ela admite ao tentar se sentar. — Estou enjoada e não fico assim há meses.

— Quer que eu ligue no meu trabalho e peça o dia de folga? Acha que temos que ir à médica?

É tão difícil saber ao certo como ela se sente e o que está pensando. Por tanto tempo, Whitney fez as coisas do jeito dela, entretanto, nos últimos dias, começou a permitir que outras pessoas assumissem o controle. Addison está cuidando dos negócios enquanto Whitney está em uma curta licença-maternidade, ao passo que Mona tomou a frente em relação aos cuidados de Trevor.

Whitney queria cuidar de todas essas coisas porque é isso que ela sempre fez, porém, a julgar por sua aparência, será um milagre se ela conseguir sair da cama hoje.

— Amor, você meio que está me assustando.

— É, acho que você precisa ligar no seu trabalho mesmo. — Ela repousa uma mão na barriga, soltando uma lufada de ar. — Não parei de ter contrações desde o acidente de Trevor, mas hoje elas estão diferentes.

— Devemos cronometrá-las?

— O que você acha? — pergunta ela, dor estampada em seu rosto.

— Você é mais velha e sábia, amor.

Whitney me lança o olhar mais hostil e malvado que já a vi direcionar a alguém.

— Ryan... — Ela ofega. — Agora não é hora para palhaçada.

— Acabou de ter outra contração? — pergunto. Está branca como um fantasma.

— Sim, estão vindo mais rápido.

Decidindo por nós dois, vou até a cama e afasto o cobertor.

— Venha, vamos à médica. Se apoie em mim se precisar, mas não vou permitir que tenha nossa filha em casa. Não sei se sou forte o suficiente para ajudá-la a fazer o parto. Não quero vê-la com tanta dor sem que eu esteja pelo menos um pouco dopado.

Ela se estica para me dar um beijo ao mesmo tempo em que puxa minha orelha.

— Ai, isso dói, mulher.

— Não brinque com isso, estou morrendo de medo.

Ao olhar para ela, vejo que está falando a verdade e me sinto mal na hora.

— Não tenha medo, Princesa. Estamos juntos nessa. Se Deus quiser e Ele há de querer, teremos a pequena Stella em nossos braços esta noite.

Pelo menos é para isso que rezo, porque não sei se nenhum de nós irá aguentar mais do que doze horas de trabalho de parto.

Whitney

Meu Deus, não vou conseguir fazer isso. Quem me disse que o parto não era grande coisa contou uma baita mentira.

— Você está indo muito bem, amor. — Ryan me oferece um encorajamento de onde está sentado ao meu lado.

Dor me atinge de novo.

— Me conte uma mentira. Uma bela mentira. Não me importo de quando seja, só me ajude a escapar.

Ele fecha os olhos por um minuto e questiono se vai mesmo fazer o que pedi.

— Estamos em uma praia em Bora Bora, caminhando sobre a areia à noite, de mãos dadas, enquanto as ondas atingem nossos pés.

— Estamos sozinhos?

— Só nós e o mar. Seus pais levaram Stella de volta para o hotel e estamos tendo nosso momento a sós — ele continua.

Não há nenhuma enfermeira aqui agora e me pergunto aonde isso vai chegar.

— Já transou em uma praia, Whitney?

Minha respiração se acalma conforme a contração passa. Agora, consigo estar com ele na cena que descreve.

— Não. — Seguro sua mão, entrelaçando nossos dedos. — Mas, com você, eu transaria. Faria qualquer coisa com você.

— Então é isso que estamos fazendo. É um sexo lento e bom, romântico, do jeito que você gosta. Estou te segurando nos meus braços e sussurrando todas aquelas coisas que você gosta que eu fale.

Posso escutá-lo dizer que me ama, que tudo vai ficar bem e que sou a única pessoa para quem ele já foi capaz de entregar seu coração. Todas as pequenas coisas que Ryan diz quando estou em seus braços e não há nada entre nós.

— Você está bem? — Ele se debruça para me dar um beijo na testa.

— Obrigada por me salvar da dor.

— Sempre vou salvá-la de qualquer situação que seja demais para você. Lembre-se disso.

Quando ele chega mais perto, consigo passar meus braços ao redor do seu pescoço e puxá-lo para um abraço. Assim que nos afastamos, uma batida suave ecoa pelo quarto antes que eu escute a porta ser aberta. Quem quer que seja espera de maneira respeitosa atrás da cortina até que Ryan se levanta e caminha até lá.

— Ah, cara, é tão bom te ver aqui.

Pergunto-me com quem ele está falando e, quando a cortina é puxada por completo e Ryan envolve a pessoa em um abraço apertado, vejo que é Trevor. Mesmo de muletas e claramente com dor, ele veio. A pessoa que eu mais queria que estivesse aqui, embora não soubesse se conseguiria. Blaze está ao seu lado, ajudando-o enquanto ele entra devagar no quarto.

— Trev, você acabou de sair do hospital, não precisava voltar. — Estendo uma mão para tocá-lo assim que ele consegue chegar ao meu lado.

Blaze arrasta uma cadeira para que ele possa se sentar e então me dá um sorriso antes de se dirigir para o sofá.

— Eu não perderia por nada neste mundo. Sei que a mamãe e o papai falaram para avisá-los quando estiver mais perto da hora, só que eu nunca deixei você passar por algo sozinha. Assim como você não me deixou passar o Dia de Ação de Graças sozinho. — Ele segura

minha mão.

— Eu te amo, Trev.

— Também te amo, mana, só que já aviso que, se abrirem sua vagina e eu tiver um vislumbre sequer, dou o fora daqui. Talvez Blaze tenha que me carregar a essa altura, mas vou puxar meu carro se isso acontecer.

Rio alto, amando o fato de ele estar aqui.

— Entendido. Estou tão feliz que está aqui. Por um tempo, não tive certeza se você chegaria a ver isso ou não.

Trevor fica quieto por um momento, seus olhos perdendo o foco antes de limpar a garganta.

— Eu também não, mas estou aqui agora e nada vai me impedir de ficar.

— Então... acho que o Alabama está jogando. Devo ligar a TV?
— pergunta Ryan, quebrando o silêncio.

Todos concordamos e, assim, do nada, sou levada de volta para o dia do meu aniversário.

.....

— Puta que pariu, que dor! — grito enquanto seguro minhas pernas dobradas, fazendo força sob as ordens da médica.

— Vamos lá, Whitney, você consegue! — Trevor me encoraja de onde está sentado, o mais distante possível da parte de baixo do meu corpo. Blaze saiu há pouco tempo para nos dar um momento em família e tenho quase certeza de que meus gritos e berros estão mantendo os meus pais bem longe.

— Não consigo, não — falo. Estou perdendo a cabeça e a minha energia.

— Está quase lá, amor — diz Ryan. — Eu te amo tanto e sei que você consegue. Não quer conhecer a Stella?

Quero, mas meu Deus, a dor é horrível e estou exausta. Não sei como explicar isso a eles.

— Quero. — Ofego, mantendo a boca aberta para me darem mais cubos de gelo.

— Quando a próxima contração vier, quero que faça força, Whitney. Vamos tirar essa bebê daí — diz a médica de onde está

sentada.

Ainda não tenho certeza se consigo fazer isso, mas começo a ouvir as palmas do último quarto no jogo do Alabama. Quando Trevor passa a repetir o gesto, tenho vontade de mandá-lo calar a boca, no entanto alguma coisa acontece. Posso sentir a adrenalina correr em minhas veias, fornecendo uma energia que eu não tinha antes.

Sinto a próxima contração vindo assim que a multidão começa a cantar *Dixieland Delight* e grito enquanto faço força. Meus olhos encontram os de Ryan e vejo como ele está me apoiando, me encorajando. Olhando para aquela imensidão castanha, sei que ele assumiria o meu lugar e faria isso por mim se pudesse – é essa certeza que me dá a última gota de força e coragem que preciso.

Assim que a multidão no estádio diz “e o Tennessee também”, Stella faz sua entrada escandalosa neste mundo.

— É claro! — Ryan ri enquanto se inclina para me dar um beijo. — É claro que ela viria ao mundo no instante em que dissessem Tennessee. Ela amou aquele jogo.

Lágrimas rolam pelo meu rosto e não consigo mais contê-las.

— Quero segurá-la — imploro, assistindo à equipe médica limpá-la antes que a coloquem em meu peito.

Com a visão turva, conto dez dedos da mão e dez dedos do pé, vejo os fios escuros do seu cabelo – herança do pai – e só então me permito recostar e relaxar. Stella esperneia, brava por ter deixado seu conforto para trás, contudo ela está aqui agora e é perfeita.

— Você conseguiu, mamãe — murmura Ryan no meu ouvido, estendendo a mão para tocar o rosto da nossa filha. — Ela é linda. — Ele beija minha têmpora e, pelo tom de sua voz, percebo que está tão cansado quanto eu.

— Não, nós conseguimos. — Fecho os olhos e aproveito o momento, deixando minhas emoções correrem soltas. Quando minhas lágrimas enfim cessam e me sento para segurar minha filha nos braços, olho para o meu irmão.

O irmão dez anos mais novo, que não foi planejado e sempre me protegeu de tudo e todos.

— Venha conhecer a sua sobrinha, Trevor. Quero que ela saiba que o pai e o tio dela são a dupla mais durona que existe.

Trevor se levanta com dificuldade, mas consegue andar até nós sozinho. Dobrando o corpo, ele me dá um beijo na bochecha.

— A mãe dela é mil vezes mais durona que nós e acho que todos vão concordar comigo.

As lágrimas que achei que tinham cessado? Elas voltam com tudo e acho que, desta vez, não vão parar tão cedo.

Epílogo

Whitney

— Deveríamos colocar presentes embaixo da árvore para ela? — sussurro ao deitar Stella no berço.

Ryan apenas olha para mim e gesticula para que saíamos do quarto dela. Quando encostamos a porta e começamos a andar pelo corredor, ele se vira em minha direção.

— Whit, ela tem dez dias de vida. Quando crescer, não vai nem se preocupar se fizemos algo para o primeiro Natal dela.

— Do ponto de vista lógico eu sei disso, mas e se quando estiver mais velha ela pedir pelas fotos?

— Então ela terá várias fotos de todos nós com ela na casa dos avós abrindo os presentes. Amor, não pense demais nisso. Só vamos para a sala de estar garantir que tudo esteja desligado para podermos dormir enquanto ela dorme. Você sabe tão bem quanto eu que ela vai acordar em algumas horas e vamos parecer zumbis amanhã.

Ele está certo. Ainda estamos tentando montar um esquema em relação aos horários e tem sido mais difícil do que imaginei.

— Parece um ótimo plano.

Quase me detenho ao passarmos pelo nosso quarto; estou com zero vontade de ir mais longe do que isso. Parte de mim quer pedir a Ryan que vá sozinho verificar se tudo está desligado e no lugar, mas sei que seria injusto. Ele volta a trabalhar em alguns dias e com certeza precisamos estabelecer algum tipo de rotina antes disso. Não quero que ele esteja cansado nas ruas enquanto tenta proteger as pessoas.

Tão logo sinto o carpete da sala sob meus pés, olho para nossa árvore. Na frente dela, vejo uma mesa que com certeza não estava lá antes.

— O que é aquilo? — Viro-me para Ryan.

— Não sei. — Ele dá de ombros. — Por que não vai dar uma olhada?

Lanço um olhar desconfiado sobre o ombro ao caminhar até a mesa. Sobre ela, há uma caixinha que diz ABRA-ME. Faço como está escrito e me deparo com um pedaço de papel dentro dizendo VIRE-SE.

Girando em meus calcanhares, arquejo e levo uma mão à boca no instante em que registro a cena diante dos meus olhos. Lá está Ryan, ajoelhado, com um anel estendido em minha direção. Sinto as emoções se acumularem em meu peito, as lágrimas já prestes a cair. Não há nenhuma chance de eu conseguir me controlar.

— Não tenho nada bombástico para lhe dizer, amor. Nada que eu já não tenha demonstrado na forma como te trato e nada que possa significar mais do que dizer que eu te amo — ele declara antes de respirar fundo. — Só quero passar o resto da minha vida dormindo ao seu lado, compartilhando verdades e mentiras e escutando você gargalhar daquele jeito que parece um porquinho.

Solto uma risada aguda, trêmula devido à força dos meus sentimentos por este homem perfeito que me escolheu.

— Não vai importar quando eu tiver quarenta e cinco anos e você, trinta e cinco?

Ele segura minhas mãos e deposita um beijo nas costas de ambas antes de me encarar, seus olhos escuros intensos como sempre.

— Não vou dar a mínima quando você tiver cento e cinco anos e eu, noventa e cinco. Isso nunca vai fazer diferença para mim.

Acredito nele com cada fibra do meu corpo. Em algum ponto desta vida que temos compartilhado, nosso conto de fadas começou. Não foi com um sapatinho de cristal ou algum evento grandioso.

— Sim, eu aceito me casar com você.

Ryan se levanta e me puxa para que nossos corpos fiquem colados. Seus braços são os mais fortes que já senti e estar na segurança deles é a melhor coisa do mundo. Conforme ele desliza o anel no meu dedo, percebo que o nosso felizes para sempre começou com muito vinho e um “*pou pou*” embriagado.

Sobre a Autora



Laramie Briscoe é autora de mais de 30 livros best-sellers do USA Today e do Wall Street Journal, com vendas de mais de meio milhão de cópias.

Desde que autopublicou seu primeiro livro em maio de 2013, Laramie apareceu nas listas dos 100 e-books mais vendidos na Apple Books, Amazon Kindle, Kobo e Barnes & Noble. Seus livros são conhecidos por fazer os leitores rirem e chorarem. Eles são leituras emocionantes e quentes, garantidamente.

Quando não está escrevendo sobre machos alfa que realmente amam suas mulheres, ela adora passar tempo com amigos, ler e assistir a séries na Netflix.

[\[1\]](#) Sitcom norte-americana de 1986, que acompanha a vida e as aventuras de quatro mulheres que comandam uma empresa. Não foi encontrada tradução em português do título.

Table of contents

1. Título
2. Capítulo 01
3. Capítulo 02
4. Capítulo 03
5. Capítulo 04
6. Capítulo 05
7. Capítulo 06
8. Capítulo 07
9. Capítulo 08
10. Capítulo 09
11. Capítulo 10
12. Capítulo 11
13. Capítulo 12
14. Capítulo 13
15. Capítulo 14
16. Capítulo 15
17. Capítulo 16
18. Capítulo 17
19. Capítulo 18
20. Capítulo 19
21. Capítulo 20
22. Capítulo 21
23. Capítulo 22
24. Capítulo 23
25. Capítulo 24
26. Capítulo 25
27. Capítulo 26
28. Capítulo 27
29. Capítulo 28
30. Capítulo 29
31. Capítulo 30
32. Capítulo 31
33. Capítulo 32
34. Capítulo 33
35. Capítulo 34
36. Capítulo 35
37. Capítulo 36
38. Capítulo 37
39. Capítulo 38
40. Capítulo 39

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Table of Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)

35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)

79.	79
80.	80
81.	81
82.	82
83.	83
84.	84
85.	85
86.	86
87.	87
88.	88
89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122

123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)

167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)

211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)

255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)